

AVISO AO USUÁRIO

A digitalização e submissão deste trabalho monográfico ao *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia* foi realizada no âmbito do Projeto *Historiografia e pesquisa discente: as monografias dos graduandos em História da UFU*, referente ao EDITAL Nº 001/2016 PROGRAD/DIREN/UFU (<https://monografiashistoriaufu.wordpress.com>).

O projeto visa à digitalização, catalogação e disponibilização online das monografias dos discentes do Curso de História da UFU que fazem parte do acervo do Centro de Documentação e Pesquisa em História do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (CDHIS/INHIS/UFU).

O conteúdo das obras é de responsabilidade exclusiva dos seus autores, a quem pertencem os direitos autorais. Reserva-se ao autor (ou detentor dos direitos), a prerrogativa de solicitar, a qualquer tempo, a retirada de seu trabalho monográfico do *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia*. Para tanto, o autor deverá entrar em contato com o responsável pelo repositório através do e-mail recursoscontinuos@dirbi.ufu.br.

JOSÉ ROSA DA SILVA

“Vozes da Seca”: Uma reflexão sobre a Migração Nordestina.**

Universidade Federal de Uberlândia
Instituto de História
2004

JOSÉ ROSA DA SILVA

***“Vozes da Seca”*: Uma reflexão sobre a Migração Nordestina.**

Monografia apresentada ao curso de graduação em História, do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia, como exigência parcial para a obtenção do título de Bacharel em História, sob a orientação da Profª. M.S. Sheille Soares de Freitas Batista.

Universidade Federal de Uberlândia
Instituto de História
2004

Monografia defendida e aprovada, em 2 de julho de 2004, pela banca examinadora:

Professora M.S. Sheille Soares de Freitas Batista (orientadora)

Professora M.S Máucia Vieira dos Reis.(examinadora)

Mestranda Rejane dos Reis de Oliveira (examinadora)

Agradecimentos:

Quando pensamos em citar nomes no sentido de agradecer, podemos cair nas armadilhas da memória e esquecer o nome de alguém que foi muito importante para a elaboração deste trabalho. Desde já, peço desculpas se por ventura esquecer o nome de alguém.

Primeiramente a Deus, por ter me permitido que eu chegasse ao final de mais uma etapa de minha vida, sem desistir da luta, perante aos obstáculos.

Ao meu pai Jorge e minha mãe Maria, pelo apoio, nas horas difíceis de minha vida.

Às amigas Chirley e Luzia pela colaboração durante o caminhar desta monografia; sem o apoio delas este trabalho não se realizaria.

A Sheille, minha orientadora, pela dedicação, paciência para ler textos manuscritos e corrigir os meus erros de português, enfim por ter me auxiliado durante o concretizar deste trabalho. Sem a sua dedicação este trabalho estaria prejudicado. Muito obrigado!

Ao João Batista pela presteza e amizade, sempre pronto para nos atender.

Aos funcionários do arquivo público que me orientaram, contribuindo para que a pesquisa obtivesse êxito.

Aos funcionários da Associação dos Nordestinos por nos receber e fornecer as informações para concretização desta monografia.

Aos entrevistados que permitiram que eu entrasse no interior de suas residências e ouvisse as suas memórias sobre a migração nordestina. As experiências destes foram de suma importância para elaboração deste trabalho. O meu muito obrigado!

À banca examinadora por ter disponibilizado o seu precioso tempo em prol deste trabalho, e pelas indicações que com certeza irão contribuir para o futuro desta pesquisa.

Enfim, a todos que de uma forma ou de outra contribuíram para a elaboração deste trabalho.

Sumário

Considerações iniciais.....	06
Capítulo I	14
“O vôo da Asa Branca”: Nordestinos a caminho, atualidade, Nordeste, cultura e mudanças.	
Capítulo II.....	45
“Eu penei mas aqui cheguei”: Uberlândia, progresso, exclusão, escolha e conquistas.	
Considerações Finais	77
Fontes	80
Bibliografia.....	81
Anexo I	84
Anexo II.....	85
Anexo III	87

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A seca fez eu desertar da minha terra. Mas, felizmente Deus agora se “alembrou” de mandar chuva pra esse sertão sofredor. Sertão das “mué seria, dos “homens trabaiado” (Volta da Asa Branca. Zé Dantas/Luiz Gonzaga; 1950).

O tema que propomos trabalhar nesta monografia é a “*Migração Nordestina*”. A escolha desse tema se deu por vários motivos. E um desses motivos que mais me influenciou na escolha deste tema foi porque quando éramos crianças ouvíamos constantemente nosso pai falar a respeito do nordeste, da cultura nordestina de um modo geral, do deslocamento, as dificuldades que ele passou em um caminhão para chegar no Triângulo Mineiro. E por causa deste contato com a cultura nordestina principalmente, a música de Luiz Gonzaga, e algumas questões que esta música apontava começaram a despertar em mim um interesse maior pelo tema. Questões que ouvíamos de relatos de migrantes amigos de meu pai, e outras questões que a música apontava tais como: Será que os nordestinos saiam do nordeste somente por causa da seca? Toda a região Nordestina sofria por causa desta seca? De que forma estes migrantes deslocavam para o Triângulo Mineiro?

Ao ingressarmos na Universidade Federal de Uberlândia, e durante as aulas de MTPH, as questões supra citadas foram amadurecendo e montamos o projeto intitulado. “*Vozes da seca:*”. *Uma reflexão sobre a migração nordestina a partir da música de Luiz Gonzaga – Uberlândia 1950-1960*. Depois de concluir este projeto, percebemos que somente a música como única fonte para analisar a migração nordestina não seria possível porque as questões que a música levantava era relacionadas a seca e outros problemas que atingia o Nordeste na década de 50. E estas questões apontavam para as mesmas preocupações do passado, ou seja, seria a seca o único fator determinante para a saída dos nordestinos? **

** Título da música, *Vozes da seca*. (Luiz Gonzaga / Zé Dantas, 1953). *Nova História da música popular Brasileira: Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira*. São Paulo, Ed. Abril Cultural, 1970, p. 11

Durante as pesquisas para ampliar o projeto de MTPH, em monografia I, sentimos a necessidade de ampliar as fontes para compreender a migração nordestina. Saímos a campo e conseguimos entrevistar 6 migrantes nordestinos, residentes em Uberlândia. Com o projeto de MTPH, já tínhamos delimitado o período cronológico a ser pesquisado. Porém durante as realizações das entrevistas sentimos a necessidade de reformular esta delimitação cronológica. A década de 50 passou a ter maior importância para nós, porque os migrantes saíram do nordeste dentro deste período, deslocando para Região do Pontal do Triângulo Mineiro nesta mesma década (vide Anexo I) e retornando para Uberlândia por volta de 1973.

Diante desta delimitação cronológica, procuramos o Arquivo Público de Uberlândia para pesquisar os documentos existentes dentro do período cronológico delimitado. Neste período priorizamos o *JORNAL O CORREIO DE UBERLÂNDIA*, atual Correio, por se tratar de um veículo de comunicação que abrangia toda a região do Triângulo Mineiro.

A música como fonte foi importante para o levantamento das questões iniciais que envolvia a migração nordestina e a cultura desses migrantes, então neste trabalho utilizamos como base três músicas; de Luiz Gonzaga, “*A triste Partida*”¹, (1965), *Asa Branca*² (1947) e *vozes da seca*³ (1953). Outras estrofes de músicas de Luiz Gonzaga foram utilizada como epígrafe no decorrer deste trabalho: Pau-de-Arara (1952), A Vida de Viajante (1953), A volta da Asa Branca (1950), Vaca estrela e boi fubá (1956). Com a utilização dessas músicas foram possíveis fazer um levantamento de questões a respeito da Migração Nordestina. (vide anexo III).

¹ A triste partida – Patativa do Assaré (1965). Apesar do repetido sucesso de Asa Branca, essa não é a música preferida de Gonzaga. A maior parte do seu carinho volta-se para A Triste Partida, Canção de autoria de Patativa do Assaré, que descreve a longa e árdua jornada de um nordestino em direção a cidade grande (São Paulo). Gonzaga a Considera: “*O assunto mais sério que já gravei*”. Esta música foi retirada de: *Nova História da Música Popular Brasileira: Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira*. São Paulo, Ed. Abril cultural, 1970, p. 11.

² Asa Branca – Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira (1947). A Asa Branca é uma espécie de Pomba-Rolinha que se reúne em Março e Abril para a desova, quando então é abatida em grandes quantidades e seca para ser comida com farinha. Segundo o folclore Nordestino, a Asa Branca (também chamada de Ribaça) é a última a abandonar o sertão quando chega a época da seca. Ao vôo derradeiro da Asa Branca, segue-se o êxodo dos retirantes, desesperançados da chuva, que não mais virá. *Nova História da Música Popular Brasileira: Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira*. São Paulo, Ed. Abril Cultural, 1970, p. 11.

³ Vozes da seca – Luiz Gonzaga e Zé Dantas (1953). Essa música revela tendências pioneiras do cancioneiro popular, no sentido de “Protesto Social”. Feita na época que uma grave seca assolava o Nordeste, criticava as campanhas do sul, angariando ajuda em gêneros alimentícios, roupas, etc, enquanto se desenvolvia uma “indústria da seca”, com muita gente se enriquecendo graças aos desvios de verbas e nada se fazia para resolver de vez o problema. *Nova História da Música Popular Brasileira: Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira*. São Paulo, Ed. Abril Cultural, 1970. p. 11.

Apesar de existir no meio acadêmico uma certa resistência em utilizar a música como fonte histórica, resolvemos enfrentar este desafio. José Geraldo Vinci de Moraes aponta-nos algumas dificuldades enfrentadas pelos Historiadores ao trabalhar com a música.

*No Brasil, a situação das pesquisas em torno da música de maneira geral e a popular de modo especial é bastante desigual e repleta de paradoxos. De um lado a bibliografia reproduziu há até poucos anos de modo evidente esse quadro genérico, seguindo a linha descritiva do fato musical ou baseando-se exclusivamente na biografia do autor, e, as vezes, promoveu uma interseção conservadora das duas interpretações.*⁴

Neste sentido buscamos compreender a música como parte das experiências dos migrantes nordestinos. Em alguns momentos no decorrer dos capítulos tentamos comparar as questões que a música tratava a respeito dos migrantes nordestinos, com a falas destes. E a música é importante para compreender a migração nordestina porque: *“Ela está muito mais próxima dos setores menos escolarizados.”*⁵ Todavia, a música proporcionou apontarmos questões sobre a migração nordestina, como a seca por exemplo. Obrigando-nos a procurar novas fontes na tentativa de responder estas questões supra-citadas. A música, somente, não era capaz de responder às questões sobre a migração nordestina.

Seguindo esta linha de ampliar as fontes documentais para responder questões que as fontes que estávamos utilizando iam levantando. Fomos obrigados a procurar novas fontes e as entrevistas com os migrantes nordestinos parecia que iria ampliar a análise dos problemas que a música levantara mas não aprofundava. Por exemplo a questão da seca, durante a realização das entrevistas, percebemos que existiam outros fatores que faziam com que os nordestinos deixassem a sua região. Estas entrevistas ainda proporcionaram resgatar as experiências, a cultura e as *estruturas de sentimentos*⁶ dos migrantes nordestinos. Possibilitou-nos compreender o descolamento, o nordeste e os trabalhos nas lavouras do Pontal do Triângulo Mineiro, bem como o retorno destes para Uberlândia em 1973; e o viver em Uberlândia atualmente.

⁴ MORAIS, José Geraldo Vinci de. *História e Música: canção popular e conhecimento histórico*. In: Revista Brasileira de História. São Paulo: ANPUH / Humanistas, 20 (39). V. 20.2000, p. 203-221

⁵ MORAIS, José Geraldo Vinci de. *História e Música: Canção popular conhecimento histórico, dn*: Revista Brasileira de História. São Paulo: ANPUH / Humanistas, 20(39). V. 20.2000, p. 203–221.

⁶ WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e Literatura*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

Nós optamos pela a utilização das entrevistas neste trabalho, porque elas fornecem elementos que a História oral, proporciona aos historiadores, neste sentido Portelli nos diz:

*As fontes orais dão nos informações sobre o povo iletrado ou grupos sociais cuja história escrita é ou falha ou distorcida. Outro aspecto diz respeito ao conteúdo: a vida diária e a cultura material destas pessoas e grupos*⁷.

Daí a utilização da história oral para compreender e resgatar as experiências da migração nordestina. E como nos disse Portelli estes grupos sociais na sua maioria não deixaram fontes escritas, então é necessário buscar nova alternativas para resgatar a história desses segmentos sociais; como os migrantes nordestinos por exemplo. Daí a opção pelas entrevistas, porque estas trouxeram a tona fatos de suas vidas, que até então estavam camuflados.

Sobre a velha discussão acadêmica referente a objetividade das fontes orais, assim como a música que falamos anteriormente. Entretanto sobre as fontes orais Portelli nos diz o seguinte:

*Fontes orais não são objetivas. Isto naturalmente se aplica para qualquer fonte, embora a sacralidade da escrita sempre nos leve a esquecer isso. Mas a não objetividade própria das fontes orais faz em características específicas inerentes, as mais importante sendo que elas são artificiais variáveis e parciais.*⁸

E é esta subjetividade que permite ao historiador lidar com uma fonte que não é estática, móvel ou pronta e acabada. Permitido aos historiadores interpretações variadas sobre um segmento social, como os migrantes nordestinos.

É lógico que os segmentos não homogêneos nao falam através das fontes orais, falam através da análise do Historiador que organiza as entrevistas e escreve sobre estes segmentos.

⁷ PORTELLI, A. *Forma e significado na História Oral*. In: *Projeto História*. São Paulo: Educ, n. 14, fev. 1997, p. 25-39

É o historiador que seleciona as pessoas que serão entrevistadas, que contribui para a modelagem do testemunho colocando as questões e reagindo as repostas e que da ao testemunho sua forma e contexto finais (mesmo se apenas em termo de montagem e transcrição. Embora aceitando que a classe operária fale através da história oral, é claro que a classe não fala no abstrato, mas fala para o historiador, com o historiador e, uma vez que o material é publicado, através do historiador⁹.

Dessa forma é o historiador que vai dar voz a estes segmentos sociais.

Optamos por não fazer as correções gramaticais nas falas dos entrevistados, haja, visto, que a maioria deles são analfabetos ou semi-analfabeto. Estas correções poderiam prejudicar a interpretação e utilização da fonte oral como documento histórico.

Mudanças são, entretanto, a norma no discurso, enquanto que a regularização é a norma da escrita (a imprensa mais de todas) e a norma-presumida da leitura: variações são introduzidas pelo leitor e não pelo texto em si.

Eles podem ser pobres em vocabulário, mas sempre mais ricos e variações de matrizes, volume e entonação que os oradores da classe média, os quais aprendem a imitar no discurso a monotônia da escrita.¹⁰

Por causa dessas discussões supra-citados, é que resolvemos manter a transcrição das entrevistas do mesmo modo que as pessoas falaram; colocando pontuação e pausas não de acordo com as normas gramaticais, mas sim de acordo com a fala dos entrevistados.

E ainda por achar que a fonte oral não iria responder todas as questões sobre a migração nordestina. Conforme citação.

⁸ PORTELLI, A. *Forma e significado na História Oral*. In: *Projeto História*. São Paulo: Educ, n. 14, fev. 1997, p. 25-39

⁹ PORTELLI, A. *Forma e significado na História Oral*. In: *Projeto história*. São Paulo: Educ. n 14, fev. 1997, p. 25-39

*Fontes orais são condição necessária (não suficiente para a história das classes não hegemônicas), elas são menos necessárias (embora de nenhum modo inúteis para a história das classes dominantes, que tem tido controle sobre a escrita e deixaram atrás de si um registro escrito muito mais abundante.*¹¹

Mesmo em si tratando dos segmentos não hegemônicos como os migrantes nordestinos somente a utilização da fonte oral não proporcionou a compreensão de outras questões. Neste sentido, resolvemos mais uma vez irmos em busca de outras fontes documentais. Diante desse fato resolvemos ampliar as fontes para tentar compreender a realidade da década de 50 em Uberlândia e Pontal do Triângulo Mineiro (Vide anexo I), e o ano de 1973 em Uberlândia.

Para isso demos ênfase ao *Jornal o Correio de Uberlândia, atual o Correio*. E a utilização dessa fonte possibilitou-nos, entender que o discurso contido neste material é uma elaboração de um pensamento dominante, que quer manipular a opinião do leitor, e quem esta por traz desse veículo de comunicação são os segmentos dominantes.

Esta fonte ainda nos proporcionou verificar como a elite local pensava a respeito da cidade na década de 50; como era as relações sociais; como as pessoas ocuparam o espaço público da cidade. E nas entrelinhas desse discurso percebe-se evidências de conflitos, mazelas, misérias, desigualdades sociais e manipulação do espaço uberlandense.

Com relação ao Pontal do Triângulo Mineiro o jornal retrata o desenvolvimento das lavouras de arroz, a utilização da mão-de-obra dos migrantes nordestinos nestas plantações de cereais. Percebemos também através das entrelinhas das reportagens referente ao Pontal do Triângulo Mineiro evidências de exploração e conflitos sociais, que muito favoreceram a pesquisa.

Em 1973 o jornal demonstra a chegada de pessoas para trabalhar nas recém-inauguradas indústrias têxteis e outras. Além do desenvolvimento e progresso percebemos que os conflitos, as desigualdades permeiam a cidade de Uberlândia neste período.

¹⁰ PORTELLI, A. *Forma e significado na História Oral*. In: *Projeto história*. São Paulo: Educ. n 14, fev. 1997, p. 25-39.

¹¹ PORTELLI, A. *Forma e significado na História Oral*. In: *Projeto história*. São Paulo: Educ. n 14, fev. 1997, p. 25-39.

Utilizamos neste trabalho uma foto que retrata a presença da música nordestina em Uberlândia em 1954. Não foram possíveis utilizar mais fotos neste trabalho devido as condições financeiras dos entrevistados, eles não tinha o hábito de tirar fotos; e também por ter passado mais de 50 anos, muitas fotos se perderam no decorrer dos anos. Então, não conseguimos com os migrantes nordestinos, fotos que retratassem o nordeste, deslocamento, o trabalho nas lavouras da região e tão pouco, fotos sobre a atualidade. A foto que utilizaremos neste trabalho é de minha propriedade, e esta nos permite retratar a questão da cultura e da música nordestina em Uberlândia. Esta foto não será utilizada como caráter ilustrativo.

A fotografia corresponde a uma realidade decodificada pelo nosso olhar e processada pelo nosso intelecto, sendo referente ao real, mas não a realidade recriada (...) será sempre um artefato (...) parcial de percebemos a realidade¹².

E neste tipo de olhar, que pensamos quando achamos por bem incluir uma fotografia neste trabalho.

Como Luiz Gonzaga (vide histórico anexo II) e parte da experiência da migração nordestina, achamos por bem citar no decorrer dos capítulos, falas que este cantor utilizou como introdução de suas músicas em um show em 1972 no Rio de Janeiro, especialmente no teatro Tereza Raquel. Estas falas retratam as experiências nordestinas, a cultura e passagem da vida de Luiz Gonzaga que é muito parecida com a vida dos migrantes nordestinos que entrevistamos. Por retratar acontecimentos ocorridos no nordeste incluímos estas falas no decorrer do texto.

A Associação dos Nordestinos de Uberlândia (ANUDI), foi e continua sendo uma instituição para receber e dar amparo aos nordestinos residentes em Uberlândia e Região. Esta instituição tenta com unhas e dentes conseguir um espaço nesta cidade, para a continuidade da cultura nordestina. *Desse modo, assim espero, a cultura popular é situada no lugar material que lhe corresponde.*¹³

Neste mosaico de discussão, exclusão e outros problemas a ANUDI tenta não somente preservar a cultura nordestina, mas dar um amparo assistencial às famílias pobres

¹² CARVALHO . T. C. de. *Fotografia e Cidade: São Paulo na década de 1930*. Dissertação (mestrado em História). História. Pontifícia Universidade Católica, S/D, p. 8.

vinda do nordeste. Isto demonstra que a ANUDI, tem vínculo com os migrantes nordestinos residentes em Uberlândia. Apesar de enfrentar muitos problemas para dar continuidade a seus ideais e abranger a sua influência nesta cidade.

Neste sentido, no primeiro capítulo, resolvemos fazer o caminho inverso das discussões referentes à migração nordestina. Primeiro discutiremos o hoje, e como estes migrantes vivem em Uberlândia, vendo a associação dos nordestinos como parte destas experiências atuais da migração nordestina.

Logo após falamos a respeito do nordeste resgatando a cultura as experiências dos nordestinos quando eles moravam no nordeste brasileiro. Demos ênfase neste capítulo a respeito das alterações causadas a estas famílias de migrantes durante o processo de saída do nordeste. E por último falamos a respeito do deslocamento refletindo as memórias dos migrantes durante a viagem para a nossa região.

No segundo capítulo, discutimos a década de 50 em Uberlândia, mostrando o discurso que permeava a imprensa local, neste período, principalmente da cidade de Uberlândia, e dos migrantes que aqui chegaram.

Ressaltamos também a preocupação dos Uberlandenses em arrecadar donativos para a seca que estava acontecendo no nordeste em 1953. Falamos a respeito da manifestação da cultura e da música nordestina em Uberlândia no ano de 1954 com o show de Luiz Gonzaga no auditório da Rádio Educadora, e logo depois em 1958 show de Marinês no Uberlândia Clube.

Não podíamos deixar de falar sobre a chegada dos migrantes nordestinos. Na região de Ituiutaba e Capinópolis, para trabalhar nas lavouras de cereais daquela região discutimos também que a crise que a produção de arroz estava passando interferiu no deslocar para Uberlândia principalmente em 1973. Nestes anos que analisamos ressaltamos que apesar de existir sobre a cidade uma aparente tranquilidade, esta não a caracteriza totalmente e fomos, a partir da pesquisa questionar e entender estes conflitos e relações.

¹³ THOMPSON. E. P. *Costumes em Comum*. São Paulo: Cia das Letras. 2002 (1º reimpressão). P.14;16-17.

CAPÍTULO I

***O vôo da Asa Branca*^{*}: Nordestinos a caminho; atualidade; nordeste, cultura e mudanças.**

“Chuva e sol / poeira e carvão/ longe de casa/ sigo o roteiro mais uma estação/ e alegria no coração/ mar e terra/ inverno e verão/ mostro o sorriso/ mostro alegria, mas eu mesmo não/ e a saudade no coração”.(vida de viajante, Luiz Gonzaga, H. Cordovil; 1953).

Atualmente os entrevistados residem em Uberlândia, à maioria possui casa própria, alguns são aposentados outros trabalham na construção civil e alguns são pequenos comerciantes. Depois de terem passado mais de 50 anos nesta região, com uma vida de muito trabalho para conseguir adquirir alguns bens materiais; eles relataram que não retornariam mais ao nordeste, não teriam coragem de vender tudo o que conseguiram para retornar a sua terra natal, assim como fizeram a mais de 50 anos. Mas, se eles tivessem condições financeiras para retornar, “talvez” refizessem o caminho de volta. *“Vender a casa aqui e ir pra lá, pra começar é difícil, eu não faria porque já viemo de lá, vendemo tudo tudo que tinha né, trouxemos só as ropa que tinha né, agora vender aqui e ir pra lá eu acho que não é resultado”*¹

Percebe-se nesta fala que após meio século eles ainda não estão contentes com o lugar que residem. Porém vender tudo que adquiriram para retornar ao nordeste é muito arriscado; por que eles conhecem a situação do local de onde eles vieram. Retornar sem nenhuma garantia de que se não der certo eles poderiam voltar para as suas casas nesta cidade. Mesmo que as conquistas materiais não sejam grandes, é o suficiente para continuarem morando nesta cidade. *“Bão ou ruim se tá comendo né, e não depende dos outros”*². Ter o alimento, a casinha e não depender de outras pessoas, justificam esta

respectivamente.

^{*} Expressão retirada da música *Asa Branca* – Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira (1947). *Nova História da Música Popular Brasileira: Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira*. São Paulo, Ed. Abril Cultural, 1970, p. 11

¹ Senhor José Lorenzo. Entrevista realizada em 2/02/04. 66 anos. Pedreiro. É natural do município de São Paulo do Potegi, Rio Grande do Norte. Veio para a região de Ituiutaba-MG, em 1954 permanecendo neste local até 1973, vindo morar em Uberlândia onde permanece até os dias atuais, no Bairro Planalto.

² Senhor José Lorenzo. Entrevista realizada em 02/02/04. 66 anos. Pedreiro. É natural do município de São Paulo do Potegi, Rio Grande do Norte. Veio para a região de Ituiutaba-MG, em 1954 permanecendo neste local até 1973, vindo morar em Uberlândia onde permanece até os dias atuais, no Bairro Planalto.

permanência em Uberlândia. *“Ce tá tranquilo aqui, tem sua casa tem o seu emprego né, ou bão ou ruim se tá comendo né e não depende dos outros né, e vender pra ir pra lá eu acredito que não, só se tivesse um extra.”*³

Nestas condições que eles vivem na cidade de Uberlândia, não os possibilitam refazer o caminho de volta para o nordeste. Talvez porque imaginam as possíveis dificuldades assim como as que eles enfrentaram quando vieram.

Os problemas levam algumas pessoas a desistirem do retorno para sua terra natal. Apesar do sofrimento vivido no nordeste e no Pontal do triângulo Mineiro, o senhor Valdenor Dantas, tem saudade daquele período. Atualmente por causa das enfermidades, ele não pode fazer aquilo que fazia no passado.

*“Eu sinto saudade acredita? mas era bão agente soava, hoje, hoje eu não guento mais trabaiá, como diz ai a espinha... estragada cheia de dor... eu fui dá uma caminhada aqui rapaz chegou de frente o terminal do Industrial aqui me deu uma câimbra tão grande na perna, assim que se rapaz não chega numa moto lá acho que eu tinha morrido.”*⁴

Para o Senha Valdenor Dantas, os problemas de saúde, tornam-se praticamente impossível refazer a viagem com destino ao nordeste brasileiro, ele disse que as condições de vida em Uberlândia estão satisfatórias, portanto continuará vivendo nesta cidade. Isso contribui para pensarmos que cada um reelabora a sua trajetória e estabelece significados às conquistas e, por isso, determinam quais serão suas prioridades e sonhos.

*“Graças a Deus ta bão demais, aqui eu tenho muita amizade, nunca passei necessidade, ce vê de 6 fio, minha esposa nunca trabaió pra ninguém... tenho esse botequinho ai, graças a Deus tem um troquinho guardado né, toda vida eu fui cabeça, toda vida eu fui cabeça.”*⁵

³ Senhor José Lorenzo. Entrevista realizada em 02/02/04 66 anos. Pedreiro. É natural do município de São Paulo do Potengi, Rio Grande do Norte. Veio para a região de Ituiutaba-MG, em 1954 permanecendo neste local até 1973, vindo morar em Uberlândia onde permanece até os dias atuais, no Bairro Planalto.

⁴ Senhor Valdenor Dantas. Entrevista realizada em 28/02/04. 67 anos. Comerciante. É natural do município de Piauí, Paraíba. Veio para o município de Capinópolis-MG, em 1958 permanecendo neste município até 1973, deslocando-se para Uberlândia onde permanece até os dias atuais, no Bairro Oliveira.

⁵ Senhor Valdenor Dantas. Entrevista realizada em 28/02/04. 67 anos. Comerciante. É natural do município de Piauí, Paraíba. Veio para o município de Capinópolis-MG, em 1958 permanecendo neste município até 1973, deslocando-se para Uberlândia onde permanece até os dias atuais, no Bairro Oliveira.

Com a saúde frágil, aposentado dependendo de um pequeno estabelecimento comercial no *bairro Oliveira* para complementar a renda da aposentadoria, mesmo assim, nessas condições, a cidade de Uberlândia ainda é melhor que a sua região no nordeste, onde era proprietário rural; e do Pontal do Triângulo Mineiro onde trabalhava em serviço braçal nas plantações de cereais.

E os valores que justificam sua permanência em Uberlândia são as suas amizades o fato de nunca ter passado necessidades e que sempre conseguiu guardar suas economias, a doença e o serviço braçal, diante destes, não torna-se obstáculos para o senhor Valdenor voltar ao nordeste. Ao contrário esses valores consolidam a sua permanência em Uberlândia.

A constituição da família e a obtenção de bens materiais são fatores que possibilitam a permanência dos nordestinos nesta região, retirando qualquer possibilidade de retorno. Mesmo que não sejam expressivos, os bens que eles conseguiram nesta cidade servem como valor, para muitos deles:

“Porque quando eu era solteiro, quando era menino lá (nordeste), não tinha nada né, hoje em dia não tem, mais tem os filhos, tem minha casinha pra nois morar né, tem os filho tudo criado e a esposa e quando era solteiro não tinha isso né”.⁶

A família constituída, a “casinha” que possibilitam sair do aluguel, para eles são grandes conquistas, que reforçam a vontade de continuar vivendo no triângulo mineiro. No nordeste ele não tinha esposa e filhos, não tinha a sua casa para morar; portanto para ele sua vida nesta região é bem melhor, por conseguinte não tem necessidade de retornar ao nordeste.

Aqueles que não conseguiram casa e tão pouco família, como é o caso do senhor Francisco., tem outras justificativas que coloca como melhores que a 50 anos atrás no nordeste, mesmo que não seja a moradia. *“Eu durmo aqui, aqui porque na casa do Baltazar não tem lugar pra mim... Aí ele arrumou esse lugar aqui pra mim”.⁷*

⁶ Senhor Jorge Barro Branco da Silva. Entrevista realizada em 01/01/04. 68 ano. Lavrador. É natural de Natal Rio Grande do Norte. Veio para o município de Capinópolis-MG, em 1950, onde permanece até os dias atuais.

⁷ Senhor Francisco Dionisio Rosa de Menezes. Entrevista realizada em 28/11/03. 85 anos. Aposentado. É natural do município de São Pedro, Piauí. Veio para a região de Buriti Alegre Goiás, em 1954. Deslocou-se para Uberlândia em 1973 onde permanece até os dias atuais. Mora em um quarto cedido pela Igreja Assembléia de Deus na avenida Rondon Pacheco.

Mesmo nestas condições, praticamente abandonado com mais de 80 anos de idade, ele não tem vontade de retornar ao nordeste; talvez por causa da idade já avançada. “*Eu to véio gente véio não guenta*”.⁸

E por ter falecido todos seus parentes no nordeste, ele se vê obrigado a viver o resto de seus dias nesta cidade, pois pelo menos o morar e sobreviver está garantido e o nordeste já não lhe traz a referência familiar, tão importante.

Para os migrantes nordestinos que residiam com seus pais no nordeste a situação para eles era bem melhor que a atual. “*No tempo que eu tinha meu pai a vida era muito boa para nós*”.⁹

Após a perda da base familiar, as condições se tornaram ruins, e mesmo morando relativamente bem (casa, comida) a senhora Jacy Medeiros relatou-nos, que quando residiam com seus pais no nordeste a vida era muito melhor que hoje, o valor familiar, a união da família é mais importante do que os bens materiais, para ela.

Após ter passado mais de 50 anos, indagamos se eles ainda se sentem nordestinos ou mineiros (uberlandense). “*Quase mineiro, porque eu acostumei né.*”¹⁰

Verificamos que no fundo ele ainda se sente nordestino, ainda possui vestígios da sua cultura. A perda cultural¹¹, ainda não se concretizou totalmente. “*Acostumei*” significa que devido ao longo período de permanência nesta região foi se adaptando aos costumes desta região; mas acima de tudo ainda se sente nordestino.

Estes vestígios da cultura nordestina, do cotidiano rural, conseguiram sobreviver ao processo de desenraizamento¹², do mundo rural em detrimento do mundo urbano.

O “*acostumei*” remete-nos ao conceito residual elaborado por Raymond Williams. Conforme citação, “*O residual por definição foi efetivamente formado no passado, mas*

⁸ Senhor Francisco Dionisio Rosa de Menezes. Entrevista realizada em 28/11/03. 85 anos. Aposentado. É natural do município de São Pedro, Piauí. Veio para a região de Buriti Alegre Goiás, em 1954. Deslocou-se para Uberlândia em 1973, onde permanece até os dias atuais. Mora em um quarto cedido pela Igreja Assembléia de Deus na avenida Rondon Pacheco

⁹ Senhora Jacy Medeiros dos Santos. Entrevista realizada em 03/03/04. 70 anos. Aposentada. É natural do município de Cruzeta Rio Grande do Norte. Veio para o município de Ituiutaba MG em 1950. Deslocou-se para Uberlândia em 1973; onde permanece até os dias atuais, no Bairro Tibery.

¹⁰ Senhor Jorge Barro Branco da Silva. Entrevista realizada em 01/01/04. 68 anos. Lavrador. É natural de Natal Rio Grande do Norte. Veio para o município de Capinópolis-MG; em 1950, onde permanece até os dias atuais.

¹¹ CHAUI, Marilena. *Conformismo e Resistência: aspectos da cultura popular no Brasil*. São Paulo: Brasiliense 3ª ed. 1989.

¹² BOSI, Ecléa. *Cultura e desenraizamento*. In: Bosi Alfredo. *Cultura Brasileira: temas e situações*. São Paulo: Ática, 2ª ed. 1992.

ainda esta ativo no processo cultural, não só como um elemento do passado mas como um elemento efetivo do presente.”¹³

Verifica-se na fala do entrevistado tendo como base a análise do conceito residual; que as experiências formadas no passado permanecem. E mesmo com longo tempo fora da sua terra natal; o sentimento de nordestinidade continua, como resíduos daquelas experiências vividas no nordeste. E o que permanece como resíduo são, por exemplo, a música, as festas e as comidas típicas.

Percebemos nas entrevistas realizadas com os migrantes nordestinos que nenhum deles tinham conhecimento da existência da Associação do Nordestinos em Uberlândia¹⁴. Esta Instituição teria por principal objetivo a preservação dos costumes nordestinos, e de alguma maneira não está conseguindo atingir este objetivo; haja visto, boa parte destes desconhecerem a sua existência. *“Nunca vi fala, mas ta com muitos anos né”*.¹⁵

Ao verificarmos o Estatuto da ANUDI¹⁶, constatamos que o principal objetivo dessa instituição é o assistencialismo, e logo em seguida a preservação e permanência dos valores culturais do nordeste.

*“Art 2º a associação dos nordestinos com sede no município de Uberlândia, Estado de Minas Gerais, Foro em Uberlândia, tem por finalidade dar assistência social aos carentes da comunidade, com objetivo de proteger a saúde, através de doações de medicamentos e transporte do doentes, combater a fome e a pobreza, como também ministrar cursos profissionalizantes.”*¹⁷

¹³ Williams, Raymond. *Marxismo e Literatura*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

¹⁴ Associação dos Nordestinos de Uberlândia foi fundada em 27 de Outubro de 1988, a sua sede localiza-se na rua Wilson Pantaleão, Bairro: Pacaembu. BARROS, Klebson Ferreira. *Associação dos nordestinos em Uberlândia: Uma análise das manifestações populares nordestinas inseridos no contexto Progressista Uberlandense 1989-2001*. UFU. Uberlândia 2001(Monografia).

¹⁵ Senhora Jacy Medeiros dos Santos, entrevistada realizada em 03/03/04. 70 anos. Aposentada. É natural do município de Cruzeta, Rio Grande do Norte, veio para o município de Ituiutaba-MG em 1950, deslocou-se para Uberlândia em 1973, onde permanece até os dias atuais no bairro Tibery.

¹⁶ BARROS, Klebson Ferreira. *Associação dos Nordestinos em Uberlândia: uma análise das Manifestações Populares Nordestinas inseridas no contexto progressista Uberlandense*. 1989-2001. UFU – Uberlândia 2001 (Monografia).

¹⁷ BARROS, Klebson Ferreira: *Associação dos nordestinos em Uberlândia: Uma análise das Manifestações Populares Nordestinas inseridas no contexto Progressista Uberlandense*. 1989-2001. UFU Uberlândia 2001 (monografia).

O assistencialismo tão criticado no passado por Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira¹⁸, em suas composições: *“Mas doutô uma esmola a um homem qui é são / ou lhe mata de vergonha ou vicia o cidadão”*.¹⁹ E uma das principais finalidades da ANUDI, atualmente em Uberlândia. Este fragmento demonstra a crítica, que seus idealizadores fizeram ao Governo Federal em 1953, a respeito dos donativos para os flagelados da seca ocorrida no nordeste brasileiro. Talvez a ANUDI tomou o caminho do assistencialismo, devido as condições que os migrantes nordestinos encontravam-se na cidade de Uberlândia no ano de sua fundação em 1988. Alguns relatos neste período demonstram que as condições que eles encontravam nesta cidade eram adversas.

*“Na segunda noite que tava dormindo numa praça, as policia levou nois pra casa albergue. Depois eles ,d a casa, queria mandar nois de volta pra Paraíba, mas eu só ia embora depois de um trabalho, pra buscar minha mulher e os dois fio. Nos primeiro dias foi muito difícil apanhava da Policia, só por que não tinha onde dormir nem trabalho.”*²⁰

Por causa desta situação, a ANUDI, teve que seguir o caminho do assistencialismo, tentando amenizar as dificuldades dos migrantes que chegaram em Uberlândia no período de sua fundação, haja visto, que a única providência do poder público Uberlandense, era dar a passagem de volta para estes migrantes que aqui chegavam.

Em outras falas percebemos o quanto fazia falta nesta cidade, um local que pudesse receber e prestar algum tipo de ajuda para aqueles migrantes nordestinos que chegavam apenas com algumas bagagens. *“Quando cheguei em Uberlândia, sofri bastante eu e*

¹⁸ Sobre Luiz Gonzaga (Vide histórico Anexo II). Cearense, nascido em 1915, Humberto Teixeira vivia no Rio de Janeiro desde 1930. Começara a estudar medicina, mas, finalmente, se formara em direito em 1943. Paralelamente à advocacia, tinha uma intensa atividade musical, iniciado com o estudo de flauta e do bandolim na infância. Depois, em 1934, participara do concurso de músicas. Carnavalescas promovido pela revista *o malho*, tirando o primeiro lugar com a música. *“Meu pedacinho”*. Quando conheceu Luiz Gonzaga, em Agosto de 1945, Humberto Teixeira já era um músico conceituado. DREYFUS, Dominique. *Vida do Viajante: A saga de Luiz Gonzaga*. Prefácio de Gilberto Gil. São Paulo. Ed. 34, 1996. (Coleção Ouvido Musical).

¹⁹ *Nova História da Musica Popular Brasileira, Luiz Gonzaga, Humberto Teixeira*, 1ª ed. , São Paulo: Ed. Abril Cultural, 1970. P. 1-10.

²⁰ José Pereira. Entrevista realizada em sua residência no Bairro Planalto, Abril 2001. Trecho transcrito da monografia de BARROS, Klebson Ferreira. *Associação dos nordestinos em Uberlândia: uma análise das Manifestações Populares Nordestinas inseridas no Contexto Progressista Uberlandense. 1989-2001*. UFU. Uberlândia. 2001 (Monografia).

*minha família. Não existia nenhuma casa de ajuda para o nordestino. Mas já existia muita gente do nordeste aqui... ”*²¹

Em outros depoimentos verificamos o quanto este assistencialismo promovido pela ANUDI, ajudou de alguma maneira os nordestinos que chegavam em Uberlândia, dando-lhes amparo e estudo. *“Eu quero ajudar muito aqui essa casa porque foi aqui que eu aprendi a ler e escrever”*.²²

A partir desse assistencialismo que alguns migrantes puderam aprender a ler e escrever, tornando estes eternamente gratos à instituição por ter-lhes proporcionado adquirir um pouco de conhecimento. E por causa desta realidade eles estão dispostos à ajudar a ANUDI a cumprir seus objetivos.

Atualmente a ANUDI tornou-se um espaço de lazer, de realizações de festas com comidas típicas nordestinas em Uberlândia; bem como de reuniões que buscam soluções para inserir a cultura nordestina em Uberlândia atraindo novos associados e contribuindo para que este local seja responsável pela continuidade das manifestações culturais do povo nordestino. E para alcançar estes objetivos produz panfletos na tentativa de sensibilizar os migrantes nordestinos que desconhecem a existência dessa instituição.

*“Se você conhece algum (a) nordestino (a) que canta, toca, faz artesanato, dança faz comida típica nordestina, faz poesia e possui outras qualidade artísticas, informe a Associação. Estamos fazendo um levantamento das nossas potencialidades artísticas.”*²³

Através desses anúncios produzidos pela ANUDI busca preservar a cultura nordestina em Uberlândia. Entretanto as dificuldades são inúmeras na tentativa de resgatar estes valores culturais. *“Os nordestinos que buscam aos trancos e barrancos preservar a*

²¹ HONÓRIO, Raimundo. 46 anos. Entrevista realizada em sua casa no Bairro Planalto, Uberlândia, Abril / 2001. Trecho transcrito da monografia de BARROS Klebson Ferreira. *Associação dos nordestinos em Uberlândia: Uma análise das Manifestações Populares nordestinas inseridas no contexto Progressista Uberlandense – 1989-2001*. UFU. Uberlândia. 2001 (Monografia).

²² ANCHIETA, José. Entrevista realizada em sua residência no Bairro Santa Mônica. Abril/2001. Trecho retirado da monografia de BARROS Klebson Ferreira: *Associação dos Nordestinos em Uberlândia: Uma Análise das Manifestações Populares Nordestinos inseridas no contexto Progressista Uberlandense. 1989-2001*. UFU Uberlândia 2001 (Monografia).

²³ BARROS, Klebson Ferreira: *Associação dos nordestinos em Uberlândia: Uma Análise das Manifestações Populares Nordestinas inseridas no contexto Progressista Uberlandense 1989-2001*. UFU. Uberlândia 2001 (Monografia)

cultura nordestina lá na Associação, cada um se segura num galhinho, mas é muito fino (...).²⁴

São muitos os fatores que fazem com que o “galhinho fino” da tentativa de preservação da cultura nordestina se torne quebradiço. Neste trabalho mencionaremos um desses fatores que detectamos na análise das entrevistas, ou seja, a mudança de religião. Todavia dos 6 nordestinos entrevistados a metade deixaram a religião católica e passaram a ser protestantes claro que dentro do universo de migrantes estamos lidando com algumas individualidades e dentro delas analisamos esta questão. Esta mudança transforma os valores e a crença das pessoas. No caso dos nordestinos boa partes de suas manifestações culturais estão ligadas diretamente a religião católica principalmente às festas juninas onde são cultuados os santos: João, Pedro e Antônio. E quando essas pessoas tornam-se protestantes, que foi o caso de alguns entrevistados, estes valores são invertidos passando a ser idolatria ²⁵, afastando estes dessas manifestações culturais. *“Ai fui pra igreja dos crentes, fui pra igreja dos crente, orando e pedindo a Deus.”²⁶*

A mudança de religião fez com que os migrantes nordestinos afastassem de algumas das expressões culturais nordestinas, principalmente as músicas e as festas. A partir do momento em que estes tornaram evangélicos as músicas nordestinas já não são mais ouvidas por estes migrantes porque se tornam parte da idolatria. Então as músicas de Luiz Gonzaga tornam-se um obstáculo para fé evangélica, sendo proibido para essas pessoas: *“Não, não, já escutei, mais depois que é crente não pode escutá”.²⁷*

²⁴ LEONTINA Maria, 55 anos entrevista realizada em sua casa no Bairro Pacaembú, Uberlândia Junho / 2001. Material retirado da monografia de Barros Klebson Ferreira: *Associação dos Nordestinos em Uberlândia: Uma Análise das Manifestações Populares Nordestinas inseridas no contexto Progressista Uberlandense. 1989-2001*. UFU Uberlândia 2001 (Monografia).

²⁵ Idolatria: significa adorar imagens feitas pela mão do homem. No livro de Apocalipse (21:8) traz as conseqüências para aqueles que adoram imagem de santos e outros. *“quanto, porém, aos covardes, aos incrédulos, aos abomináveis, aos assassinos, aos impuros, aos feiticeiros, aos idólatras e a todos os mentirosos, a parte que lhes cabe será no lago que arde com o fogo e enxofre, a saber, a segunda morte”*. *A Bíblia Sagrada / traduzida em português* por ALMEIDA, João Ferreira de. *Revisada e Atualizada no Brasil*. 2ª ed. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.

²⁶ Senhora Josefa Felix de Souza. Entrevista realizada em 28/03/04, 85 anos. Aposentada. É natural da Fazenda Cachoeira do Sapo Rio Grande do Norte. Veio para região de Ituiutaba-MG em 1954, permanecendo neste local até 1973, vindo morar em Uberlândia, onde permanece até os dias atuais no Bairro Jaraguá. Durante o dia faz tapetes para completar a renda da aposentadoria.

²⁷ Senhora Josefa Felix de Souza. Entrevista realizada em 28/03/04, 85 anos. Aposentada. É natural da Fazenda Cachoeira do Sapo Rio Grande do Norte. Veio para região de Ituiutaba-MG em 1954, permanecendo neste local até 1973, vindo morar em Uberlândia, onde permanece até os dias atuais no Bairro Jaragua. Durante o dia faz tapetes para completar a renda da aposentadoria.

Então esse é um dos fatores que levam os migrantes nordestinos afastarem das expressões culturais nordestinas, tornando-os sujeitos submetidos à perda cultural²⁸, afastando da associação dos nordestinos, tendo um certo desinteresse por essa instituição por causa desses elementos supra citados.

*Fazer o meu ranchinho,
Fazer umas caçadas,
Ver a pega de boi,
Andar na vaquejada
Dormir ao som do chocalho
E acordar com as passaradas
Sem rádio, sem notícias das terras civilizadas.*”²⁹

Através das leituras bibliográficas e comentários que fizemos, pudemos perceber que a visão que se tem é que o nordeste era uma região totalmente seca, que não possibilitava as pessoas residirem naquela região. Então, passamos a questionar esta questão, a partir das entrevistas dos migrantes nordestinos e das músicas. Quando nos referimos à qualquer problema ocorrido nas regiões brasileiras, a primeira definição é apontar um fato negativo que ocorreu em um determinado ponto e estendê-lo à toda região.

O nordeste, brasileiro é um exemplo dessa definição. A seca ocorre em determinadas áreas do nordeste, porém, quando estas notícias chegam até nós, a primeira interpretação que fazemos a respeito desses acontecimentos é achar que toda a região nordestina é seca e sofre por causa desse fator. A generalização desses problemas é que levaram pesquisadores e a sociedade em geral atribuir ao nordeste brasileiro fatos negativos que só ocorrem em algumas áreas, e não em todo nordeste.

A seguir uma estrofe da música “*A Triste Partida*”, que demonstra a crise vivida pelos nordestinos, por causa da seca e da fome. Todavia a seca e a fome, são dos fatores que contribuíram para saída dos nordestinos, mas não são os únicos; por outro lado, como já citamos anteriormente, a seca e a fome não podem ser atribuídas a toda a região nordestina este problema. Conforme citação, “*Meu Deus, meu Deus / Setembro passou / outubro e novembro / Já tamo em dezembro / Meu Deus que é de nós / Meu Deus, meu*

²⁸ CHAUI, Marilena. *Conformismo e Resistência: aspectos da cultura popular no Brasil*. São Paulo Brasiliense, 3ª ed., 1989.

²⁹ Riacho do navio (Zé Dantas / Luiz Gonzaga; 1955) estrofe retirado do CD *Duetos com Mestre Lua*. São Paulo 2000.

Deus / Assim fala o pobre / Do seco nordeste / Com medo da Peste / Da fome feroz / ai, ai, ai.”³⁰

Verifica-se que a seca e a fome eram um dos piores problemas vivenciados pelos nordestinos em algumas áreas do nordeste brasileiro. Porém, os entrevistados narravam que as áreas que eles residiam no nordeste não enfrentavam nenhum problema relacionado à seca e a fome. As dificuldades que eles encontravam eram relacionadas à distância que eles tinham que percorrer para buscar água potável, a falta de açudes e transporte adequado para buscar água. Todavia a maioria afirma que a sua região era “boa” e que não tinha nenhum problema relacionado à seca e outros.

*“ Lá era uma região boa, rapaz, porque, sempre o povo fala do nordeste né que o nordeste, sempre é seco e, e mais na nossa região não, todo, todo ano chovia, se não muita chuva, mas lá no nordeste e o seguinte é pouca chuva dá mantimento, então nós e nunca passamos assim necessidade de falar que não tinha o que comer não, lá sempre foi bão nesse sentido.”*³¹

Com relação a água potável eles tinham que deslocar grandes distâncias em busca desse líquido. ... *Nois falava légua na época, cada légua dá 6 Km, dá 18 Km né, né, 3 légua dá 18 quilômetros, nois buscava pra bebê água pra bebê nois buscava no jumento porque lá naquela época nem carro tinha.*”³²

Para nós, ao analisarmos estes depoimentos verificamos contradições em relação a vida no nordeste, eles afirmaram que a vida naquele local era boa, mas ao mesmo tempo, relataram sobre as dificuldades para buscar água potável, a falta de transporte adequado para buscar essa água até as residências, dentre outras coisas.

Nós que estamos distantes dessa realidade, parece-nos paradoxal estes depoimentos. Por conseguinte, aqueles que nasceram e conviveram boa parte de suas vidas com estas

³⁰ *Nova História da Música Popular Brasileira*, Luiz Gonzaga, Humberto Teixeira, 1ª ed. São Paulo: Ed. Abril Cultural, 1970, p. 1-10.

³¹ Senhor José Lourenço. Entrevista realizada 02/02/04. 66 anos. Pedreiro. É natural do município de São Paulo do Potengi, Rio Grande do Norte. Veio para região de Ituiutaba-MG, em 1954 permanecendo neste local até 1973, vindo morar em Uberlândia, onde permanece até os dias atuais no Bairro Planalto.

³² Senhora Josefa Felix de Souza. Entrevista realizada em 28/03/04, 85 anos. Aposentada. É natural da Fazenda Cachoeira do Sapo Rio Grande do Norte. Veio para região de Ituiutaba-MG em 1954, permaneceu neste local até 1973, vindo morar em Uberlândia, onde permanece até os dias atuais no Bairro Jaraguá. Durante o dia faz tapetes para completar a renda da aposentadoria.

dificuldades. Estas barreiras não constituem problemas para o nordeste de acordo com suas concepções, pois seus valores lhe permitem superar estes entraves que para alguns poderiam ser mais significativos.

Enquanto houver esperança de encontrar água, mesmo que para isso eles tenham que percorrer grandes distâncias, ou sendo agraciado com chuva pelo menos uma vez por ano, então, ainda havia chance deles residirem naquela região por um bom tempo. O transporte de água por meio de animais, faz parte da realidade dos nordestinos, e parte das suas experiências rurais. Isto justifica as falas dos entrevistados e sobre o ponto de vista deles não constitui problema para o nordeste brasileiro estes fatores, em vista que garantir a sobrevivência e boa saúde são fatores mais complicados. .

A famílias nordestinas geralmente são numerosas em média 12 membros; para dar conta das tarefas na zona rural. As dificuldades para criar mais 12 filhos era muito grande; os nordestinos conviviam com o grande número de perdas de crianças causado pela mortalidade infantil durante o parto. Como já falamos anteriormente a mortalidade infantil era um dos problemas sérios enfrentados pelas famílias nordestinas.

“.. A não, mamãe falo que, que os Urubu, que os cachorro comerô o fio da senhora, o meu irmão lá no cimitério. Pelo amor de Deus não fala coisa dessa... falei, me dá uma enxada pelo amor de Deus, cheguei lá não tinha enxada, diz que enterraram na cintura do home a cova sabemos os cachorros era acostumado a comer até gente grande, a não tinha enxada cavei até o fundo só achei paper só tinha paper que naquele o povo enfeitava os meninos com aquele paper bunito, enfeitava tudo com uns papeis bunito, ai... voltei pra traz não tinha o que faze, já tinha morrido mesmo né, mais ai viemo embora.”³³

A morte tanto de crianças e de adultos, devido a condições adversas do nordeste trazia muito sofrimento para as famílias nordestinas. As mulheres com todas aquelas tarefas domésticas para cumprir, talvez nem durante o período de gestação elas poderiam deixar de percorrer grandes distâncias para lavar roupas, costurar, cuidar dos filhos e

³³ Senhora Josefa Felix de Souza. Entrevista realizada em 28/03/04, 85 anos. Aposentada. É natural da Fazenda Cachoeira de Sapó Rio Grande do Norte. Veio para região de Ituiutaba-MG em 1954, permanecendo

desempenhar trabalhos na *Roça*³⁴ juntamente com os seus maridos; talvez essa carga de afazeres, faziam com que elas viessem a ter complicações durante a realização do parto. As condições em que eram realizados os partos já era de grande risco tanto para mãe, bem como para o filho. Porém os filhos do nordeste, são nascidos e criados nestas condições adversas, desde criança o nordestino já enfrenta adversidades e continua lutando pela sobrevivência durante toda sua existência.

A morte de crianças do sertão nordestino remete-nos ao questionamento de algumas questões, se os nordestinos afirmavam que no local onde eles moravam era bom, então porque tantas mortes de crianças? Segundo eles com relação a alimentação não havia nenhuma necessidade. *“Então nois é, nunca passamo assim necessidade de falar que não tinha o que comer, não lá foi bão nesse sentido.”*³⁵ Todavia havia neste local chamado *“Riacho Seco”* outros problemas que podem ter contribuído para a mortalidade infantil, a falta de água potável para beber, haja visto que neste local a água era salgada e imprópria para o consumo. *“Tinha uma d’água lá que a boca da cacimba era do tamanho disso aqui, mas era água salgada pra beber, nóis ia caçar água, longe com uma légua”.*³⁶

Aliado a este problema a inexistência de acompanhamento médico durante a gestação contribuía para o aumento destas mortes. Em algumas áreas do nordeste, no sertão, por exemplo, as mulheres tinham os seus filhos com o auxílio de *parteiras*³⁷. Não existia médico naquelas regiões rurais do nordeste. *“A parteira chegou e a menina nasceu a força.”*³⁸

Estes fatores podem ter contribuído para as mortes de crianças no nordeste brasileiro.

O viver, em função da agricultura, da atividade pastoril e do cultivo de roças de subsistência, era o dia-a-dia dos nordestinos. Nesse sentido, eles faziam distinção entre

neste local até 1973, vindo morar em Uberlândia, onde permanece até os dias atuais no Bairro Jaraguá. Durante o dia faz tapetes para completar a renda da aposentadoria.

³⁴ Senhora Josefa Felix de Souza. Entrevista realizada em 28/03/04, 85 anos. Aposentada. É natural da Fazenda Cachoeira de Sapo Rio Grande do Norte. Veio para região de Ituiutaba-MG em 1954, permanecendo neste local até 1973, vindo morar em Uberlândia, onde permanece até os dias atuais no Bairro Jaraguá. Durante o dia faz tapetes para completar a renda da aposentadoria.

³⁵ Senhor José Lourenço; entrevista realizada 02/02/04, 66 anos. Pedreiro. É natural do município de São Paulo do Potengi, Rio Grande do Norte. Veio para região de Ituiutaba-MG em 1954, permanecendo neste local até 1973, vindo morar em Uberlândia onde permanece até os dias atuais no Bairro Planalto.

³⁶ Senhora Josefa Felix de Souza. Entrevista realizada em 28/03/04, 85 anos. Aposentada. É natural da Fazenda Cachoeira do Sapo Rio Grande do Norte. Veio para região de Ituiutaba-MG em 1954, permanecendo neste local até 1973, vindo morar em Uberlândia, onde permanece até os dias atuais no Bairro Jaraguá. Durante o dia faz tapetes para completar a renda da aposentadoria.

³⁸ Senhora Josefa Felix de Souza. Entrevista realizada em 28/03/04, 85 anos. Aposentada. É natural da Fazenda Cachoeira do Sapo Rio Grande do Norte. Veio para região de Ituiutaba-MG em 1954, permanecendo neste local até 1973, vindo morar em Uberlândia, onde permanece até os dias atuais no Bairro Jaraguá. Durante o dia faz tapetes para completar a renda da aposentadoria.

aqueles que eram proprietários das suas terras onde moravam e trabalhavam, e aqueles que não possuíam terras. “... *Por que ali o que ocê tinha era seu, tudo era seu ...*”³⁹ Todavia aqueles que não tinha nenhum pedaço de terra a situação era diferente dos possuidores de terras. “... *Agora se eu morasse na sua fazenda eu tinha que partir né? se eu colhesse 10 saco de feijão, eu tinha que te dar 5, era meia.*”⁴⁰

Esta divisão tornava a vida do pequeno agricultor muito difícil. O que ele produzia não dava para sustentar a sua família, e sendo obrigado a dividir no meio os alimentos produzidos em terra alheia, então a situação agravava-se. “*Os nordestinos que trabaia na terra dos outros meu fio, passa uma vida precária, uma vida difícil, tem vez que não tem o que cumê.*”⁴¹. As dificuldades dos que não possuíam terras só não era pior graças a solidariedade, daqueles que possuíam um pedaço de chão.

“Teve uma mulhé conhecida nossa lá, que, o feijão que minha mãe ia catar, feijão pra cozinhar para nós comer, ela mandava cortar aquelas “xoxinhas” aquelas bandas, separar pra ela, separar pra ela veja bem era difícil, uma coisa dessa né? aquele que minha mãe catava aquele que minha mãe tirava que não servia pra nós cume, servira pra ele.”⁴²

Para os que tinham terra a vida era difícil, para os que não tinham a situação era pior: “*Tivemos muita dificuldade por isso, porque nós tinha nosso terreno, né, pra nós trabaia, mais aqueles que não tinha era daí pra pior, é daí pra pior.*”⁴³

Sobre as desigualdade existentes entre proprietários e, entre os que residiam na zona da mata, Agreste e Sertão “*Alexandre Zobelê*”⁴⁴, relata-nos, que no nordeste existe uma

³⁹ Senhor José Lourenço; entrevista realizada 02/02/04, 66 anos. Pedreiro. É natural do município de São Paulo do Potengi, Rio Grande do Norte. Veio para região de Ituiutaba-MG em 1954, permanecendo neste local até 1973, vindo morar em Uberlândia onde permanece até os dias atuais no Bairro Planalto.

⁴⁰ Senhor José Lourenço; entrevista realizada 02/02/04, 66 anos. Pedreiro. É natural do município de São Paulo do Potengi, Rio Grande do Norte. Veio para região de Ituiutaba-MG em 1954, permanecendo neste local até 1973, vindo morar em Uberlândia onde permanece até os dias atuais no Bairro Planalto.

⁴¹ Senhor José Lourenço; entrevista realizada 02/02/04, 66 anos. Pedreiro. É natural do município de São Paulo do Potengi, Rio Grande do Norte. Veio para região de Ituiutaba-MG em 1954, permanecendo neste local até 1973, vindo morar em Uberlândia onde permanece até os dias atuais no Bairro Planalto.

⁴² Senhor José Lourenço; entrevista realizada 02/02/04, 66 anos. Pedreiro. É natural do município de São Paulo do Potengi, Rio Grande do Norte. Veio para região de Ituiutaba-MG em 1954, permanecendo neste local até 1973, vindo morar em Uberlândia onde permanece até os dias atuais no Bairro Planalto.

⁴³ Senhor José Lourenço; entrevista realizada 02/02/04, 66 anos. Pedreiro. É natural do município de São Paulo do Potengi, Rio Grande do Norte. Veio para região de Ituiutaba-MG em 1954, permanecendo neste local até 1973, vindo morar em Uberlândia onde permanece até os dias atuais no Bairro Jaraguá.

diferença enorme entre quem reside na zona da mata, local de plantações de cana, respectivamente terra sobre o domínio das usinas açucareiras, onde não existe problemas relacionados à seca; e os moradores do sertão que vivem sobre a escassez de água, em geral pequenos proprietários rurais. Conforme citação de *Alexandre Zabelê*.

“O mundo é assim mesmo uns com muito outros sem nada. Mais porém se o sertão tivesse a fartura da praia- Vige nossa senhora isso pru qui pegava fogo num fechá de ôio. A providência sabe o que faz. Agora seu doutô o que faz os trabaiaidô da mata... aquilo e vida! É muito mais mio sê cachorro de porta de ospitá. No inverno, o freguês vive como um sapo, dentro da lama e quando vem a moage, o infeliz trabaia que nem corta vento em tempo de nordeste e não ganha nem paga, cumê. E pur siba de tudo veve duente, amarelo e triste cuma um pinto quando ta cum gôgo. Vida miserável! Tem um cumpade meu que a famia toda quando não tá cóis maleita, tá com ua réra de sangue, que não para mais. As vez tá cum todo junto. Oi seu dotô, esses trabaiaidô da mata quaje todos vive doente afetivo. Muitos só tão esperando mesmo a hora de imbarcá e assim mesmo tão pegando no eito mode ganhá o dicumê. Nois aqui no sertão a vida é outra. Nem se cumpara. Nois temo liberade que nem os passarinhos. Os pobe cassaco das usina nunca tivera isso.”⁴⁵

Este é o nordeste brasileiro de contrastes e também desigualdades sociais, assim como todo restante do Brasil. Esta citação mostra-nos como era o nordeste em 1950, zona da Mata dominada pelas usinas açucareiras, terras concentradas nas mãos dos senhores do açúcar onde os trabalhadores viviam e trabalhavam em condições precárias, o sertão que para muitos é uma das piores áreas para viver no nordeste, devido aparentemente a falta de água e a fome. Na verdade, a citação e os relatos dos entrevistados apontam que esta região onde predominava as pequenas propriedades rurais era muito melhor que a zona da mata e o agreste nordestino; contrariando as afirmações de muitos que colocam o sertão como

⁴⁴ Alexandre Zabelê, poeta e cantador foi cangaceiro do Bando de Virgulino Ferreira “O Lampião”. Sobre este ver. ROCHA, Melchiades da. *Bandoleiros das Catingas*, Rio de Janeiro. Francisco Alves, 1988 (Coleção Ensaio e Crítica).

área praticamente desabitada. Porém, o sertão é o local onde as pessoas vivem em condições melhores porque não vivem sobre domínio dos grandes proprietários rurais (conforme citação anterior).

O trabalho na “roça” era uma rotina. *“Trabaiá e ir pra casa”* ⁴⁶ Nesta vida simples e de trabalho constante era o cotidiano de quem residia no nordeste. Claro que as cantigas e algumas festas intermeavam este cotidiano, mas a principal marca era o trabalho. Estes pequenos agricultores viviam do que produziam na “roça”. *Prantava mandioca, feijão, fava, nós não prantava muita coisa não que o chão era pequeno.* ⁴⁷

Estas plantações além de contribuir para a alimentação das famílias o excedente, quando sobrava era vendido nas feiras dos pequenos povoados, para que estes pudessem adquirir uma determinada quantia de dinheiro para o sustento da família.

“ Na fera de Caruaru faz gosto agente vê, de tudo que há no mundo nela tem pra vendê... tem rede, tem balieira mode menino dança lambú, maxixe, cebola verde, tomate, couve e xuxu, armoço feito na sorda pirão mexido feito angu, mobília e tamborete feito de tronco de mulungú...” ⁴⁸

Nesta vida de trabalhos, voltados para agricultura, enquanto os homens desempenhavam as funções na “roça” com os filhos, a mulher cuidava dos serviços da casa, lavar roupas e outros.

“O que eu achava ruim era ir lavar roupa, agente lavava roupa com 3 légua, eu me levantava de madrugada, tinha uma jumenta botava 2

⁴⁵ Uma carta de Alexandre Zabelê, publicada na íntegra no livro *“Bandoleiros das Catingas”*. ROCHA Melchiades da. *Bandoleiros das catingas*, Rio de Janeiro. Ed. Francisco Alves, 1988 (Coleção Ensaio e Crítica).

⁴⁶ Jorge Barro Branco da Silva. Entrevista realizada em 01/01/04. 68 anos. Lavrador. É natural de Natal Rio Grande Do Norte. Veio para o município de Capinópolis-MG. Em 1950 onde permanece até os dias atuais.

⁴⁷ Senhor Jorge Barro Branco da Silva. Entrevista realizada em 01/01/04. 68 anos. Lavrador. É natural de Natal Rio Grande Do Norte. Veio para o município de Capinópolis-MG. Em 1950 onde permanece até os dias atuais.

⁴⁸ *Feijão cum côve* (Luiz Gonzaga / Jeová Portella 1986) a estrofe desta música foi retirada do CD *Luiz Gonzaga volta para curtir*, gravadora BMG. São Paulo. 2002. Este CD reproduz um show que Luiz Gonzaga fez no teatro Tereza Raquel no Rio de Janeiro em 1972 e que permaneceu inédito por mais de 30 anos.

saco de roupa desse tamanho e montava no meio daquele saco de roupa e ia com 3 léguas lavar roupa, eu chegava era de tardezinha.”⁴⁹

Além dessas dificuldades para lavar roupa as mulheres ainda faziam roupas e ajudavam nos afazeres da roça. As roupas eram confeccionadas com sacos de açúcar, que antigamente eram de tecidos, então, elas lavavam e depois cortavam e costuravam de acordo como modelo de roupa que queriam confeccionar, resolvendo um dos problemas que os incomodavam: a vestimenta e uma renda extra com venda de algumas roupas.

“Quando não era na máquina costurando era na roça limpando mato, tinha dia de fazer 5 peças de roupa, numa máquina dava 5 horas eu voava lá em cima da mesa, fazer roupas, fazer cava, pregá botão pra entrega pro povo, era essa a minha vida no norte, graças a Deus.”⁵⁰

Dessa forma as mulheres passavam o dia-a-dia no nordeste. Ora desempenhando as tarefas na “roça” juntamente com o marido e filhos, ora desempenhando as tarefas domésticas; que eram muito penosas, como lavar roupas distantes das residências nas margens dos rios e córregos da região nordestina. Estes locais em suma, eram locais onde haviam o encontro de outras mulheres, que durante a tarefa difícil de lavar roupas cantavam músicas da cultura oral nordestina como a música *Asa Branca*⁵¹ que nasceu desses encontros. Estes espaços eram e são responsáveis pela consolidação da cultura oral do povo nordestino. Cultura esta que foi formada através do contato entre o branco, o negro e o indígena, e foram transmitidos ao longo dos séculos através das manifestações culturais daquele povo, no encontro das mulheres nas margens dos rios para lavar roupas, nas roças onde durante o período de descanso os homens compunham os seus poemas

⁴⁹ Senhora Josefa Felix de Souza. Entrevista realizada em 28/03/04, 85 anos. Aposentada. É natural da Fazenda Cachoeira do Sapo Rio Grande do Norte. Veio para região de Ituiutaba-MG em 1954, permanecendo neste local até 1973, vindo morar em Uberlândia, onde permanece até os dias atuais no Bairro Jaraguá. Durante o dia faz tapetes para completar a renda da aposentadoria.

⁵⁰ Senhora Josefa Felix de Souza. Entrevista realizada em 28/03/04, 85 anos. Aposentada. É natural da Fazenda Cachoeira do Sapo Rio Grande do Norte. Veio para região de Ituiutaba-MG em 1954, permanecendo neste local até 1973, vindo morar em Uberlândia, onde permanece até os dias atuais no Bairro Jaraguá. Durante o dia faz tapetes para completar a renda da aposentadoria.

⁵¹ Como grande parte das melodias que Gonzaga trouxera para suas parcerias, “Asa Branca”, fazia parte do repertório tradicional do sertão. Ele sempre ouvia seu pai tocar essa música, no fole, inclusive às vezes até cantarolar. O povo executa e ia improvisando, completando a letra a partir do mote dado por Januário. Na vez seguinte, ninguém se lembrava exatamente da letra, então fazia outra, em cima do que recordava da antiga. E assim por diante. A música crescia, e evoluía, sem dono. Nasquelas bandas, não havia historia de autoria,

carregados de elementos da cultura do povo nordestino (trabalho, sonhos, relações sociais, amores, etc.); nas festas juninas, na religiosidade, nas feiras onde faziam muito mais do que vender produtos cultivados na roça, pois eram locais onde haviam encontros de repentistas e a venda da *Literatura de Cordel*⁵⁰, e nos *mutirões* que eram organizados para construir as residências e outras benfeitorias.

“O negócio e assim, o cabloco vai casá...então, ele resolve, convidá os cumpaeiro, pra ajudá, a , fazê a casinha dele, e lá na feira, ele se desocupa mais cedo, e vem esperá os cumpaeiro cá na ponta da rua, naquela burdega onde ele costuma guardá a faca dele, os cumpaeiro vão aparecendo, ele vai fazendo os convite: - Pois é colega vou dá uma casada, já falei com o padre, vai sê de hoje a 8 dia, vou fazê minha casinha amanhã, tô convidando os compoeiro pra me ajudá, já encostei o mateirar, cipó, colbo, as vara o barreiro, já está encaminhando, vou matá um bode fazê um pirão pra gente armuçá, se agente fizé a casa, amanhã se ela ficá pronta di noite mesmo agente dança nela que é pra ir encarcando o chão da sala. Prático né?”⁵³

Estes encontros foram os grandes responsáveis por criar espaços para a manifestação da cultura popular, e também grandes responsáveis pela continuidade da cultura nordestina baseada na oralidade, além de divulgar notícias de empregos e viagens para outras regiões.

As músicas de Luiz Gonzaga são frutos dessa oralidade. Estes elementos presentes no cotidiano nordestino, a seca, as dificuldades, as festas, os mutirões, a solidariedade, as feiras nos finais de semanas nos pequenos povoados, no interior do nordeste, a literatura de Cordel, *lâmpião*⁵⁴ e outros. Proporcionaram a Luiz Gonzaga⁵⁵, Humberto Teixeira⁵⁶ e Zé

música era propriedade coletiva. DREYFUS, Dominique. *Vida do Viajante: A saga de Luiz Gonzaga*. Prefácio de Gilberto Gil. São Paulo: Ed. 34, 1996 (Coleção Ouvido Musical).

⁵⁰ Sobre literatura de Cordel ver: CURT 54, Revista Brasileira de Literatura – ano V. Janeiro 2002. São Paulo.

⁵³ Fala retirada do CD “Luiz Gonzaga Volta Pra curtir”, que reproduz o show que Luiz Gonzaga fez, em 1972, no Teatro Tereza Raquel Rio de Janeiro.

⁵⁴ sobre lâmpião ver: ROCHA, Melchiades da. *Bandoleiros das Catingas* – Rio de Janeiro: Ed. Francisco Alves, 1988 (Coleção Ensaio e Crítica).

⁵⁵ sobre Luiz Gonzaga (Vide Histórico Anexo II)

⁵⁶ *Nova história da música popular brasileira, Luiz Gonzaga, Humberto Teixeira*, 1ª ed. São Paulo: Ed. abril Cultural, 1970. P. 1-10.

*Dantas*⁵⁷ entre outros, resgatar estes elementos que representam o cotidiano do povo nordestino e re-elaboram transformando em uma linguagem musical⁵⁸ o que representa ou se interpretada vida do nordestino. A música baseada na cultura nordestina que relata as experiências desse povo.

A linguagem constitui o espaço onde permeiam os conflitos, resistências e continuidade de elementos da cultura popular nordestina. A música nordestina representa esta linguagem onde estão presentes as experiências da migração nordestina, a interpretação da leitura que seus compositores fazem da vida no nordeste. Portanto, ela é uma fonte importantíssima para a reflexão das experiências da migração nordestina.⁵⁹

As experiências baseadas na cultura oral nordestina deslocam-se e permanecem como resíduos⁶⁰ daquelas manifestações ocorridas naqueles locais onde as mulheres lavavam roupas, ou seja nas margens dos rios nordestinos. Estes locais constituem reduto onde manifestava a cultura popular nordestina. Sobre este aspecto, a senhora Josefa durante entrevista, onde ela teve oportunidade repensar aquelas vivências e experiências praticadas no nordeste a partir do que vivência hoje, trouxe à tona um pequeno tédio das canções que ela cantava durante o desempenho das tarefas domésticas. “*Xique-xique é pau de espinho/ Iruaná e pau de Abeia/ Chama de besta cangaia/ Palitô de nega feia.*”⁶¹

Esta estrofe é uma manifestação típica da cultura popular nordestina que tem seus fundamentos na oralidade daquele povo. Percebe-se que através de plantas originárias do nordeste e outros elementos do cotidiano deles, eles compunham versos, que depois eram repetidos, ficavam impregnados no subconsciente das pessoas que tinham oportunidade de ouvir estes versos, naqueles locais onde haviam aglomerados de pessoas que iriam

⁵⁷ Oriundo de Carnaúba, distrito de Pajéu das Flores, interior de Pernambuco, onde nascera em Fevereiro de 1921, José de Sousa Dantas filho, estudava medicina, para atender ao desejo de seu pai, severo fazendeiro. Sua vocação profunda, no entanto, estava na música e o grande xodó da sua vida era o folclore nordestino. Apaixonado pelo nordeste, desde criança observava e assimilava as coisas de lá, toda aquela cultura oral tão rica. Estudava na cidade, mas aproveitava as férias para voltar à fazenda Paternal, a fazenda *Brejeirinho*, que ficava as portas do sertão. Zé Dantas, gostava de escutar aquele linguajar do interior, aquelas músicas fanhosas, e ia aprendendo os ditados, as cantorias, a sabedoria da gente de lá. Descobriu com prazer, através do rádio e dos discos, o cantor – sanfoneiro que estava fazendo sucesso no sul com a música nordestina Luiz Gonzaga. DREYFUS, Dominique. *Vida do viajante: a saga de Luiz Gonzaga*. Prefácio de Gilberto Gil. São Paulo: ed. 34, 1994 (coleção ouvido musical).

⁵⁸ MORAIS, José Geraldo Vinci de. *História e Música: Canção popular e conhecimento histórico*. In: Revista Brasileira de História. São Paulo: ANPUH/ Humanistas 120 (39). V. 20.2000, p. 203-221

⁵⁹ MORAIS, José Geraldo Vinci de. *História e Música: Canção popular e conhecimento histórico*. In: Revista Brasileira de História. São Paulo: ANPUH/ Humanistas 20 (39). V. 20.2000, p. 203-221

⁶⁰ WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e Literatura*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

⁶¹ Senhora Josefa Felix de Souza. Entrevista realizada em 28/03/04, 85 anos. Aposentada. É natural da Fazenda Cachoeira de Sapo Rio Grande do Norte. Veio para região de Ituiutaba-MG em 1954, permanecendo neste local até 1973, vindo morar em Uberlândia, onde permanece até os dias atuais no Bairro Jaraguá. Durante o dia faz tapetes para completar a renda da aposentadoria.

desempenhar alguma função relacionada ao seu trabalho agrícola ou doméstico, e naqueles momentos de descanso, ou durante o trabalho, estes versos e outros, eram cantados; cada vez que estas pessoas tinham oportunidade de cantar estes versos aflorava cada vez mais a cultura popular nordestina.

E estes elementos da literatura rural nordestina migraram juntamente com os nordestinos e prevalece nas cidades mesmo com as transformações ocorridas nestas, sobre este fato R. Williams relata-nos:

*Mesmo depois de a sociedade tornar-se predominantemente Urbana, a literatura durante uma geração, continuou basicamente rural; e mesmo no século XX, numa terra Urbana e industrializada, é extraordinário como ainda persistem formas de antigas idéias e experiências.*⁶²

Neste caso as experiências da vida rural nordestina chegam até nós através de versos como os de D. Josefa e estas experiências prevalecem nas cidades onde estas pessoas residem.

Os pequenos proprietários rurais nordestinos em alguns casos conviviam juntamente com os grandes latifundiários em aparente harmonia. “*Morava no meio dos fazendeiros... tratava bem né? meu pai toda vida teve amizade com todo mundo.*”⁶³ Porém mais que uma relação de “amizade”, era uma forma de dominação muito bem articulada através de um discurso que atraía os pequenos proprietários em torno dos grandes latifundiários, e estes usavam o apadrinhamento dos filhos dos pequenos proprietários, ensinavam benefícios. Estes benefícios faziam com que aqueles pequenos proprietários adquirissem pelo grande latifundiário um certo “respeito e amizade”, como foi relatado.

Porém, para o grande latifundiário manter estes pequenos proprietários ao seu lado, era uma forma de expandir os seus interesses políticos e, ao mesmo tempo, manter sobre o seu controle estes pequenos proprietários, para que estes não viessem posteriormente desafiar os seus domínios e interesses.

⁶² WILLIAMS, Raymond. *O campo e a cidade na História e na literatura*. São Paulo. Companhia das letras, 1989.

⁶³ Senhor Jorge Barro Branco da Silva. Entrevista realizada em 01/01/04. 68 anos. Lavrador. É natural de Natal Rio Grande do Norte. Veio para o município de Capinópolis-MG, em 1950, onde permanece até os dias atuais.

Se vai votá em que Pedro? – É no Coronér!
E pra Deputado? – É no Coronér!
Pra senador? – É no Coronér!
Pra Prefeito? – É no Coronér!
*Pra presidente da República? – É no Coronér!*⁶⁴

Para demonstrar estas indagações citadas anteriormente transcrevemos a seguir uma passagem da infância de Luiz Gonzaga que nós dá uma idéia como era a relação com os grandes latifundiários nordestinos:

*O lugar: A fazenda Caiçara (hoje Araripe) terras do Barão de Exu, no Sopé da Serra do Araripe em pleno Sertão pernambucano. Januário (Pai de Luiz Gonzaga) era cabra do Barão, pronto para defender seu latifundiário de bacamarte na mão.*⁶⁵

Nesta transcrição percebemos que era muito mais do que amizade, a relação com os latifundiários. Por outro lado, permanecer ao lado desses significava não ter nenhuma desavença com estes poderosos proprietários rurais. Então, a amizade se fazia necessária aos pequenos proprietários para conviver sem contrariar os interesses dos fazendeiros. Por isso, estavam dispostos a defender estes latifundiários para não contrariá-los e não tê-los contra eles.

Em outro trecho que transcrevemos, mostra o que eram oferecidos aos pequenos proprietários para que estes permanecessem ao lado do latifundiário. As trocas de favores fortaleciam a aliança: *“As filhas do coronel ensinaram as poucas letras que aprendeu: Assinar o nome, ler uma carta e escrever outra. Ensinaram-lhe também a falar correto, comer direito, boas maneiras”*.⁶⁶

A dominação pelos coronéis, não eram somente por ameaça e uso da força. Mas necessariamente, através do uso articulado do discurso que faziam com que essas pessoas humildes do sertão, fizessem qualquer coisa para defender os interesses dos coronéis. O

⁶⁴ Fala retirada do CD *Luiz Gonzaga, Volta pra curtir* que reproduz o show que Luiz Gonzaga fez 1972 no Teatro Tereza Raquel. Rio de Janeiro.

⁶⁵ *Nova História da Música Popular Brasileira. Luiz Gonzaga, Humberto Teixeira*, 1ª Ed. São Paulo: Ed. Abril Cultural, 1970, p. 1-10.

⁶⁶ *Nova História da Música Popular Brasileira*. Luiz Gonzaga, Humberto Teixeira, 1ª Ed. São Paulo: Ed. Abril Cultural, 1970, p. 1-10

ensinar a comer, ter boas maneiras, dentre outras eram formas uma forma de controle e disciplina das pessoas do interior nordestino brasileiro.

As residências dos migrantes nordestinos durante sua permanência naquela região, eram extremamente simples, construídas, na sua maioria, com tijolos e telhas de barro. Estas residências construídas com estes materiais eram daqueles que possuíam terras e tinham uma situação melhor do que os demais: “*A casa lá era feita de tijolo e coberta de teia de barro*”⁶⁷. Para os menos privilegiados, as residências eram feitas de madeira e cobertas com folhas de coqueiros:

A casa lá, era de pau apique né, barreado com uns pouzinho, assim depois colocava umas vara, amarrada com umas imbira, ai barreia com as mão mesmo, lá chama (Paqui) aquela barreada com barro mesmo, fazia lá um buraco lá amassava só aquele barro, amassava e tampava o piso era chão mesmo, chão puro, chão batido.”⁶⁸

Dessa forma, era construída as residências mais humildes do interior do nordeste brasileiro. Para construir uma residência neste padrão transcrito, havia a necessidade do empenho de toda a família e mais o apoio dos vizinhos e amigos; que em forma de mutirão construíam as casas e outras benfeitorias. O mutirão é uma forma de solidariedade muito praticada no interior do nordeste. Logo após o termino do trabalho, as pessoas festejavam o término da construção; dessa forma a inauguração da nova residência era um local onde havia manifestação da cultura popular nordestina e das suas conquistas.

O meio utilizado para a obtenção da iluminação das residências no nordeste era através do *Candieiro* ou *lâmparina* de óleo diesel ou querosene. “... *Lâmparina era a energia, energia também daquela época era muito difícil só mesmo na cidade, era lâmparina*”⁶⁹. Esta era a realidade da vida rural no interior do nordeste, uma vida escassa,

⁶⁷ Senhor Valdenor Dantas, entrevista realizada em 28/02/04. 67 anos. Comerciante. É natural do município de Piauí Paraíba. Veio para o município de Capinópolis-MG em 1958, permanecendo neste município até 1973, deslocando-se para Uberlândia, onde permanece até os dias atuais, no Bairro Oliveira.

⁶⁸ Senhor José Lourenço; entrevista realizada 02/02/04, 66 anos. Pedreiro. É natural do município de São Paulo do Potengi; Rio grande do Norte. Veio para a região de Ituiutaba-MG em 1954, permanecendo nesta região até 1973, vindo morar em Uberlândia, onde permanece até os dias atuais no bairro Planalto.

⁶⁹ Senhor José Lourenço; entrevista realizada 02/02/04, 66 anos. Pedreiro. É natural do município de São Paulo do Potengi; Rio grande do Norte. Veio para a região de Ituiutaba-MG em 1954, permanecendo nesta região até 1973, vindo morar em Uberlândia, onde permanece até os dias atuais no bairro Planalto.

de poucas oportunidades. Mas acima de tudo uma terra “Boa”, rica. Como relataram os migrantes nordestinos. E que em algum momento dos anos 50, eles à abandonaram.

Nestas residências simples os móveis eram na sua maioria confeccionados por eles, eram utilizados nesta confecção material rústico encontrado nas vegetações do nordeste. *“Os móveis era banco, só tinha né... não tinha tamborete, não tinha mesa nada, era só banco, pegava aquelas brauna, eles cortavam aquelas coisa e serravam assim e fazia uns banco lá...”*⁷⁰

Para dormir eram confeccionados esteiras feita com fibra de palmeira, onde estendiam no chão para dormir *“... Esteira igual um tapete a gente dormia naquilo...”*⁷¹

A alimentação dos nordestinos era geralmente variada, mostrando que apesar das dificuldades, na questão da alimentação eles tinham refeições básicas, e que nem todas pessoas passavam fome no nordeste. *“Era feijão fava... farinha, rapadura, toucinho de porco, minha mãe fazia umas panelonas de barro assim, nós era 19 irmãos vivo dava até medo...”*⁷²

O artesanato é também uma demonstração da cultura popular nordestina; a partir do momento que eles constroem os seus próprios utensílios domésticos, eles estão contribuindo para a permanência e a continuidade da cultura popular nordestina e, ao mesmo, economizando gastos.

O festejar, o culto aos santos João Batista, Pedro e Antônio, faziam com que as pessoas nordestinas se reunissem em suas residências e ali primeiramente desempenhassem as funções religiosas das festas e a devoção a estes santos logo após, começavam os festejos com comidas típicas, danças e outras manifestações culturais e religiosas daquele povo:

“No dia de São João lá, nós convida aquela vizinhança, lá né, é vai todo mundo pra casa e faz a fogueira lá e faz o forno e milho assado, porque lá a gente pranta milho no dia de São José, quando é na, na época da fogueira, o milho já tá maduro, ta na hora, que o milho no

⁷⁰ Senhor Valdenor Dantas, entrevista realizada em 28/02/04. 67 anos. Comerciante. É natural do município de Piauí Paraíba. Veio para o município de Capinópolis-MG e 1958, permanecendo neste município até 1973, deslocando-se par Uberlândia, onde permanece até os dias atuais, no Bairro Oliveira.

⁷¹ Senhor Valdenor Dantas, entrevista realizada em 28/02/04. 67 anos. Comerciante. É natural do município de Piauí Paraíba. Veio para o município de Capinópolis-MG e 1958, permanecendo neste município até 1973, deslocando-se par Uberlândia, onde permanece até os dias atuais, no Bairro Oliveira.

⁷² Senhor José Lourenço; entrevista realizada 02/02/04, 66 anos. Pedreiro. É natural do município de São Paulo do Potengi; Rio grande do Norte. Veio para a região de Ituitaba-MG em 1954, permanecendo nesta região até 1973, vindo morar em Uberlândia , onde permanece até as dias atuais no bairro Planalto.

nordeste é uma coisa louca, o pessoal come de mais, lá ocê come pão de milho, come milho assado, ocê come pamonha, ocê come o mingau lá é uma coisa louca, na época do milho verde.”⁷³

As festas juninas são, e eram, locais onde buscavam além das diversões o culto religioso dos santos festeiros. Mas também era espaço cultural, pois das comidas típicas, músicas e danças permeavam as festas.

Havia uma certa concorrência em relação a preparação das festas juninas, cada família queria fazer uma festa ainda melhor do que a do vizinho, amigos ou familiares.

Agora festa junina lá no nordeste era uma benção, lá o pessoal falou de festa no nordeste, meu filho é, é pra todo lado, principalmente na festa junina, na época de São João, lá né, que mês junho, julho né, é era essa festa, lá cada um que fazê um baile né na casa né cada um quer fazer uma coisa mio sabe, mas é só forro mesmo, sabe é assim, é, no 24, é a fogueira né, tem a fogueira e o foguete e milho assado, e, e baile de sanfona, sanfona corre na alta lá...”⁷⁴

Essa concorrência em relação aos preparativos das festas juninas faz com que o nordeste tenha as melhores festas juninas do país. Por causa do envolvimento das pessoas nestas festas constitui um dos exemplos de manifestações da cultura popular e também constitui o espaço para a diversão e, acima de tudo, o local onde as relações sociais se consolidam.

Dessa forma, os migrantes preparavam-se para deixar o nordeste, com a certeza de que iam conquistar uma vida melhor. Entretanto, o sentimento de perdas das coisas de sua terra, eles levavam consigo.

“E a linda pequena / Tremendo de medo / ”Mamãe, e meus brinquedos / Meu pé de fulô?”/ Meu Deus, meu Deus / Meu pé de roseira coitado ele seca / E minha boneca também lá ficou / Ai, ai, ai,

⁷³ Senhor José Lourenço; entrevista realizada 02/02/04, 66 anos. Pedreiro. É natural do município de São Paulo do Potengi; Rio grande do Norte. Veio para a região de Ituiutaba-MG em 1954, permanecendo nesta região até 1973, vindo morar em Uberlândia, onde permanece até as dias atuais no bairro Planalto.

*ai / E assim vão deixando, com choro e gemido / Do berço querido /
Céu lindo azul/ Meu Deus, Meu Deus / O pai, pesarosa nos filhos
pensando / E o carro rodando na estrada do sul / Ai, ai, ai,ai.”*⁷⁵

O deslocamento dos migrantes nordestinos ocorre por causa das catástrofes naturais, seca, fome e descaso, elementos presentes, na obra de Luiz Gonzaga. “*Quando oiei a terra ardendo. Qua fogueira de São João / Eu pergutei a Deus do céu, ai pru que tamanha judiação*”⁷⁶. Por conseguinte, além desses fatores, outras necessidades proporcionaram o deslocamento para o Triângulo Mineiro na década de 50. Percebemos através dos depoimentos dos migrantes nordestinos, que nem sempre a seca e a falta de perspectivas eram os únicos elementos responsáveis pelo deslocamento. O espírito de aventura, a vontade de conhecer outros lugares, comentários de pessoas que já haviam saído do nordeste, também foram responsáveis pelo deslocamento. Estes elementos estão presentes na maioria dos relatos dos migrantes. “*Saí porque eu queria dá uma volta no mundo pra conhecer o mundo...*”⁷⁷ Percebemos que estes fatores são de suma importância para o deslocamento dos nordestinos, até então não tínhamos percebido que o espírito de aventura também foi responsável pela saída, as informações adquiridas de leituras, levaram-nos ao raciocínio que o deslocamento estava relacionado a “seca e a fome”. Porém a partir dos depoimentos encontramos outros fatores. Os entrevistados na sua maioria reforçavam que a sua região era boa, chovia, não tinha seca, então porque eles saíram?

*“Daí a pouco menino, foi um São João de rei lá dentro de camarinha,
foi tá, tá, tá – Cê não queria matá o homi? Toma, toma tá, tá, tá meu
pai na porta, quando eu fugi que fui passando perto do meu pai, meu*

⁷⁴ Senhor José Lourenço; entrevista realizada 02/02/04, 66 anos. Pedreiro. É natural do município de São Paulo do Potengi; Rio grande do Norte. Veio para a região de Ituiutaba-MG em 1954, permanecendo nesta região até 1973, vindo morar em Uberlândia, onde permanece até os dias atuais no bairro Planalto.

⁷⁵ *Nova História da música popular brasileira*, Luiz Gonzaga, Humberto Teixeira, 1ª ed., São Paulo: ed. Abril Cultural, 1970, p. 1-10.

⁷⁶ *Nova História da música popular brasileira*, Luiz Gonzaga, Humberto Teixeira, 1ª ed., São Paulo: ed. Abril Cultural, 1970, p. 1-10.

⁷⁷ Senhor Jorge Barro Branco da Silva. Entrevista realizada em 01/01/04. 68 anos. Lavrador. É natural de Natal Rio Grande Do Norte. Veio para o município de Capinópolis-MG, em 1950, onde permanece até os dias atuais.

pai que nunca tinha me batido aproveitô e imendô, aí menino, só voltei 16 anos depois.”⁷⁸

Outros saíram porque simplesmente tiveram vontade de deixar aquela região. “*Tive vontade de vim*”⁷⁹. As informações que chegaram por intermediário de familiares, que já haviam saído do nordeste também foram importantes para o deslocamento dos nordestinos para o triângulo mineiro. “*O povo falava que o mundo era muito bão né, que juntava dinheiro com o gancho*”⁸⁰. Os comentários por parte dos familiares aguçavam a vontade de conhecer outras regiões brasileiras.

Os latifundiários da região do pontal do triângulo mineiro. Necessitados de mão-de-obra para trabalharem nas lavouras de cereais, financiavam o transporte e utilizavam o poder de persuasão dos familiares e amigos que já haviam deslocado anteriormente, para convencer os demais membros da família a deslocarem para o pontal do Triângulo Mineiro. (vide anexo I) “*Zé Gomes que era nosso vizinho lá, ele chegava e iludia o povo tudo pra trazer né...*”⁸¹ Nesse sentido, enviavam transporte para que as pessoas pudessem deslocar para as lavouras de cereais. “*Os caminhoneiros trazia os nordestinos pra cá, chegava aqui em Ituiutaba, vendia pros fazendeiros, porque os fazendeiros comprava porque ai ele ia pagar do jeito que ele queria.*”⁸²

Então com auxílio dos fazendeiros, os nordestinos deixavam a sua região para trabalharem nas plantações do triângulo mineiro, vinham na sua maioria devendo o transporte para os latifundiários.

O processo de transformação no modo de viver, causado pela saída dos migrantes nordestinos demonstram uma grande “cicatriz” que não é percebida nas entrevistas daqueles que por vários fatores anteriormente citados saíram de sua terra natal. Sobre este

⁷⁸ Fala retirada do CD “*Luiz Gonzaga Volta pra Curtir*”; que reproduz o show que Luiz Gonzaga fez 1972 no Teatro Tereza Raquel. Rio de Janeiro.

⁷⁹ Senhor Francisco Dionísio Rosa de Menezes. Entrevista realizada em 24/11/03. 85 anos. Aposentado. É natural do município de São Pedro, Piauí. Veio para a região de Buriti Alegre Goiás, em 1954. Deslocou-se para Uberlândia em 1973, onde permanece até os dias atuais. Mora em um quarto cedido pela Igreja Assembléia de Deus, na Avenida Rondon Pacheco.

⁸⁰ Senhor Jorge Barro Branco da Silva. Entrevista realizada em 01/01/04. 68 anos. Lavrador. É natural de Natal Rio Grande Do Norte. Veio para o município de Capinópolis-MG, em 1950, onde permanece até os dias atuais.

⁸¹ Senhor Jorge Barro Branco da Silva. Entrevista realizada em 01/01/04. 68 anos. Lavrador. É natural de Natal Rio Grande Do Norte. Veio para o município de Capinópolis-MG, em 1950, onde permanece até os dias atuais.

⁸² Senhor José Lourenço; entrevista realizada 02/02/04, 66 anos. Pedreiro. É natural do município de São Paulo do Potengi, Rio grande do Norte. Veio para a região de Ituiutaba-MG em 1954, permanecendo nesta região até 1973, vindo morar em Uberlândia, onde permanece até as dias atuais no bairro Planalto.

aspecto “Marilena Chauí” ressaltou que os migrantes são pessoas submetidas à perda cultural e reelaboram seus valores conforme as suas possibilidades neste novo ambiente.

O que pretendemos assinalar é que se trata de pessoas submetidas a perda cultural e a invalidação de seus conhecimentos e valores, e sobre as quais a intimidação da informação é constante sobre tudo se nos lembrarmos de que a essas pessoas está vedado um acesso real ao que é vinculado pela informação, tanto pelo nível da escolarização quanto pelas dificuldades de contato com o resto da cidade e da sociedade global em decorrência das condições de vida (habilitação distante dos centros poucos recursos para o consumo de bens perecíveis/ duráveis e culturais etc.”⁸³

Em um primeiro momento esta perda cultural, não se caracterizava totalmente. Em se tratando da migração nordestina para o triângulo mineiro, percebemos no decorrer do deslocamento que eles eram levados para trabalhar na lavoura do pontal do triângulo mineiro; portanto exerciam os conhecimentos e a vida cotidiana outrora compartilhada no nordeste brasileiro, vida no campo, trabalho na lavoura.

Já em outro momento, esta “perda cultural” estará presente principalmente quando eles deslocam do pontal do Triângulo Mineiro para a cidade de Uberlândia em 1973. Nesse momento, percebemos na análise das entrevistas que existem uma mudança profunda no seu modo de vida, estas entram em choque como ritmo de vida urbana em relação ao viver e trabalhar no campo; nesse sentido as pessoas são obrigadas à desempenhar funções que são marginais, mas atendem às suas necessidades imediatas:

“Comecei a trabalhar nas Casas Uberlândia, aí fui trabalhar na Fugiwara né, lá eu trabalhei mais, mais de lá e fui trabaia por minha conta né, naquela época ganhava dinheiro né, carregava caminhão, trabaia de chapa né?”⁸⁴

⁸³ CHAUI Marilena. *Conformismo e Resistência: aspectos da cultura popular no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 3ª ed., 1989.

⁸⁴ Senhor Valdenor Dantas, entrevista realizada em 28/02/04. 67 anos. Comerciante. É natural do município de Piauí Paraíba. Veio para o município de Capinópolis-MG e 1958, permanecendo neste município até 1973, deslocando-se par Uberlândia, onde permanece até os dias atuais, no Bairro Oliveira.

Este processo de “perdas culturais” é em suma agravado por causa das experiências cotidianas que são transformadas quando essas pessoas deslocam-se do campo para cidade. *“A exploração do homem e da natureza que tem lugar no campo e é concretizada e concentrada na cidade.”*⁸⁵

O trabalho urbano diferenciado do rural aprofunda com maior rapidez o processo de perda cultural⁸⁶ ao longo dos anos, assim como foram verificados nas entrevistas. *“Eu gostava de músicas, mais agora não gosto mais nem de festa, nem de televisão”.*⁸⁷

Os caminhos percorridos pelos migrantes nordestinos em busca de outras regiões brasileiras, eram demasiadamente caminhos difíceis de serem percorridos, a própria saída já representava um problema que os nordestinos enfrentariam por toda a sua existência, ou seja, a mudança do cotidiano rural, a necessidade de deixar para trás tudo aquilo que representava o seu modo de vida, era o preço do deslocamento.

A música Triste Partida, ressalta como este deslocamento pode ser um processo extremamente doloroso para os migrantes nordestinos. *Em um caminhão / Ele joga a família / chegou o triste dia / Já vai viajar / Meu Deus, meu Deus / A seca terrível / Que tudo devora / Lhe bota pra fora / Da terra natal / Ai, ai, ai, ai...*⁸⁸

Notamos que a questão da seca, presente na estrofe dessa música, não era o único fator que fazia com que os nordestinos deixassem o nordeste, como foram relatados anteriormente. Entretanto, a estrofe dessa música permite por alguns momentos retornar ao passado e vivenciar este processo de desenraizamento⁸⁹, como este era sacrificante para os migrantes nordestinos.

O transporte era realizado por caminhões, conhecidos no nordeste por *Pau-de-Arara*⁵¹ que eram na sua maioria propriedades dos fazendeiros do Pontal do Triângulo Mineiro e que faziam o transporte das pessoas para as suas propriedades rurais: *“... Nois*

⁸⁵ WILLIAMS Raymond. *O campo e a cidade na história e na literatura*. São Paulo. Companhia das letras, 1989.

⁸⁶ CHAUI Marilena. *Conformismo e resistência: Aspectos da cultura popular no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 3ª ed., 1989.

⁸⁷ Senhora Jacy Medeiros dos Santos. Entrevista realizada em 03/03/04. 70 anos. Aposentada. É natural do município de Cruzeta, Rio Grande do Norte. Veio para o município de Ituiutaba-MG em 1950. Deslocou-se para Uberlândia em 1973, onde permanece até os dias atuais, residente no Bairro Tibery.

⁸⁸ *Nova História da música popular brasileira*, Luiz Gonzaga, Humberto Teixeira, 1ª ed., São Paulo: ed. Abril Cultural, 1970, p. 1-10.

⁸⁹ BOSI, Eclêa. *Cultura e desenraizamento*. In: Bosi, Alfredo. *Cultura brasileira: temas e situações*. São Paulo. Ática, 2ª ed. 1992.

⁹⁰ As pessoas usavam a expressão *Pau-de-Arara*, porque as condições que elas vinham em um caminhão eram semelhante às araras em gaiolas, tendo um pedaço de madeira (puleiro) para dormir, ou seja, amontoadas. Da mesma forma os migrantes nordestinos deslocaram-se para o “Sul”.

passamo por coro de bode sabe, quando chegava perto dessas cidades que o povo especulava, era pra tampa a boca dos meninos e todo mundo ficava caladinho.”⁹¹

Esse deslocamento demorava em média aproximadamente 13 dias. *“Ai viemo embora vendemo o que tinha e vimo embora, passemos 13 dia no meio do mundo do norte pra cá”.*⁹²

Durante esses longos 13 dias, os migrantes nordestinos vinham amontoadas em caminhão com crianças, jovens e pessoas idosas, escondidas das fiscalizações, por se tratar de transporte clandestino.

As dificuldades para o preparo da alimentação, a falta de espaço e as necessidades de fazer a higiene pessoal, faziam com que as crianças adquirissem doenças ao longo do caminho, *Adoeceu uma netinha minha, duma fia minha que eu trouxe também*⁹³. Por causa da falta de tratamento médico a criança faleceu logo após a sua chegada a Ituiutaba/MG.

“... Nós chegamos em Ituiutaba, as 5 horas da tarde, ou era 6 horas, nós chegamos, o pau-de-arara parou lá, aí já fui tirando a menina já fui botando a menina na cama já trazia a vela e um caxote, aquilo eu acendia vela na mão da menininha e ela acabou de morrer, já vinha quase morta.”⁹⁴

Junto a isso, o excesso de bagagem e de pessoas, a falta de higiene dentro do veículo eram os responsáveis pela propagação de doenças tornando a viagem quase insuportável.

“Menino faz xixi dentro do caminhão, menino vomita, é, é, há! Rapaz era uma coisa horrível catinga demais e não tinha jeito de lavar

⁹¹ Senhora Josefa Felix de Souza. Entrevista realizada em 28/03/04, 85 anos. Aposentada. É natural da Fazenda Cachoeira do Sapo Rio Grande do Norte. Veio para região de Ituiutaba-MG em 1954, permanecendo neste local até 1973, vindo morar em Uberlândia, onde permanece até os dias atuais no Bairro Jaraguá. Durante o dia faz tapetes para completar a renda da aposentadoria.

⁹² Senhora Josefa Felix de Souza. Entrevista realizada em 28/03/04, 85 anos. Aposentada. É natural da Fazenda Cachoeira do Sapo Rio Grande do Norte. Veio para região de Ituiutaba-MG em 1954, permanecendo neste local até 1973, vindo morar em Uberlândia, onde permanece até os dias atuais no Bairro Jaraguá. Durante o dia faz tapetes para completar a renda da aposentadoria.

⁹³ Senhora Josefa Felix de Souza. Entrevista realizada em 28/03/04, 85 anos. Aposentada. É natural da Fazenda Cachoeira do Sapo Rio Grande do Norte. Veio para região de Ituiutaba-MG em 1954, permanecendo neste local até 1973, vindo morar em Uberlândia, onde permanece até os dias atuais no Bairro Jaraguá. Durante o dia faz tapetes para completar a renda da aposentadoria.

⁹⁴ Senhora Josefa Felix de Souza. Entrevista realizada em 28/03/04, 85 anos. Aposentada. É natural da Fazenda Cachoeira do Sapo Rio Grande do Norte. Veio para região de Ituiutaba-MG em 1954, permanecendo neste local até 1973, vindo morar em Uberlândia, onde permanece até os dias atuais no Bairro Jaraguá. Durante o dia faz tapetes para completar a renda da aposentadoria.

aquilo porque, cheio de mala, cheia de rede, coberta que o pessoal usava a noite né lá pras 8,9 horas da noite até as vezes mais até chega num ponto melhor.”⁹⁵

Verifica-se nesta fala o sofrimento que a viagem ao triângulo mineiro proporcionava em 1950.

Algumas pessoas pagavam o transporte à vista, outros não tinham condições de efetuar o pagamento, então vinham devendo o latifundiário, e logo após a chegada à fazenda, a primeira preocupação era trabalhar para efetuar o pagamento dos gastos do deslocamento. Os primeiros ganhos na propriedade retornariam ao latifundiário por causa da dívida relacionada ao transporte. *...Rapaz veio fiado veio sem dinheiro, veio nego de lá que não tinha nem o que cume, o caminhão que nós viemo...é ... que nós graças a Deus, pagamo as nossas passagens, viemo a vista...*”⁹⁶

A passagem dava direito as pessoas de virem em um caminhão coberto com lona, e que cabia aproximadamente 105 pessoas. *“... 105 pessoas, entre menino, adulto e criança dava 105 pessoas dentro de uma caminhão... onde jogava uma lona por cima, abria só as laterais.*”⁹⁷

A passagem, na verdade, era o direito que a pessoa comprava para sentar em uma espécie de banco.

“... nem era passagem na época falava compra era um banco, comprava um banco, era uma vigota assim de travessado né, ai minha vigota era aqui. Ali já era outro, pertinho uma da outra, não tinha encosto nem nada, cê vinha sentado ali e tinha de pagá... Cada

⁹⁵ Senhor José Lourenço; entrevista realizada 02/02/04, 66 anos. Pedreiro. É natural do município de São Paulo do Potegi; Rio grande do Norte. Veio para a região de Ituiutaba-MG em 1954, permanecendo nesta região até 1973, vindo morar em Uberlândia, onde permanece até as dias atuais no bairro Planalto.

⁹⁶ Senhor José Lourenço; entrevista realizada 02/02/04, 66 anos. Pedreiro. É natural do município de São Paulo do Potegi; Rio grande do Norte. Veio para a região de Ituiutaba-MG em 1954, permanecendo nesta região até 1973, vindo morar em Uberlândia, onde permanece até as dias atuais no bairro Planalto.

⁹⁷ Senhor José Lourenço; entrevista realizada 02/02/04, 66 anos. Pedreiro. É natural do município de São Paulo do Potegi; Rio grande do Norte. Veio para a região de Ituiutaba-MG em 1954, permanecendo nesta região até 1973, vindo morar em Uberlândia, onde permanece até as dias atuais no bairro Planalto.

passagem 22 cruzeiros, cada pessoas que pagava sentado numa vigota, veja bem em cima de um caminhão... ”⁹⁸

A alimentação era realizada nas paradas do caminhão nas margens dos córregos. Estes locais eram escolhidos por causa da água que era utilizada no preparo dos alimentos e também eram utilizados para descanso ao longo da viagem. “ *Parava na beira daqueles corgo, comia e dormia na beira daqueles corgo, descansava um pouco viajava, depois de 8,9 horas caçava um lugar nas bera dos corgo dormia, fazia cumê de novo e ia dormir quando era no outro dia 6 hora mais ou menos saia.* ”⁹⁹ Dessa forma cumpriam a longa jornada até chegar ao seus destinos.

A higiene pessoal não era realizada por falta de tempo e outros fatores. *Tomar banho nós não tomava não, ficava cheio de poeira, nós foi tomar banho quando chegô aqui, não tinha prazo pra tomar banho né.* ”¹⁰⁰

As condições ruins das estradas, na sua maioria sem asfalto, prolongavam ainda mais a viagem. “ *A gente vinha naqueles caminhãozinho era 15 dias, 20 dias, 18 dias, né porque a estrada era ruim demais, não tinha estrada isso aqui no rumo aqui Patos de Minas isso aqui não tinha asfalto.* ”¹⁰¹

Em alguns locais as pessoas eram obrigadas a construir pontes para auxiliar na travessia dos rios. “ *Tinha que fazer ponte para passar dentro do rio né? não era alto demais tinha que fazer né, que não passava o trem era feio.* ”¹⁰²

Durante essa longa viagem com inúmeros problemas, ora do meio de transporte, ora das dificuldades ocasionadas pelas estradas, porém em nenhum momento do trajeto eles pensaram em desistir, eles tinham, objetivos a serem cumpridos, chegar ao seu destino; não importasse as dificuldades. A vida difícil e a necessidade de buscar novas perspectivas e os

⁹⁸ Senhor José Lourenço; entrevista realizada 02/02/04, 66 anos. Pedreiro. É natural do município de São Paulo do Potengi; Rio grande do Norte. Veio para a região de Ituiutaba-MG em 1954, permanecendo nesta região até 1973, vindo morar em Uberlândia, onde permanece até os dias atuais no bairro Planalto.

⁹⁹ Senhor Jorge Barro Branco da Silva. Entrevista realizada e 01/01/04. 68 anos. Lavrador. É natural de Natal Rio Grande Do Norte. Veio para o município de Capinópolis-MG, em 1950, onde permanece até os dias atuais.

¹⁰⁰ Senhor Jorge Barro Branco da Silva. Entrevista realizada e 01/01/04. 68 anos. Lavrador. É natural de Natal Rio Grande Do Norte. Veio para o município de Capinópolis-MG, em 1950, onde permanece até os dias atuais.

¹⁰¹ Senhor Valdenor Dantas, entrevista realizada em 28/02/04. 67 anos. Comerciante. É natural do município de Piauí Paraíba. Veio para o município de Capinópolis-MG e 1958, permanecendo neste município até 1973, deslocando-se par Uberlândia, onde permanece até os dias atuais, no Bairro Oliveira.

¹⁰² Senhor Valdenor Dantas, entrevista realizada em 28/02/04. 67 anos. Comerciante. É natural do município de Piauí Paraíba. Veio para o município de Capinópolis-MG e 1958, permanecendo neste município até 1973, deslocando-se par Uberlândia, onde permanece até os dias atuais, no Bairro Oliveira.

compromissos firmados com os latifundiários não permitiam a desistência, de certa forma estes fatores faziam com que eles seguissem em frente, não importando os obstáculos que ainda teriam que ser superados.

Durante a viagem de aproximadamente 13 dias, as pessoas passavam boa parte do seu tempo conversando, compartilhando das mesmas dificuldades que reforçaram entre eles os laços de solidariedade; a busca de soluções eram compartilhadas por todos, o sofrimento era inerente a todos. As brincadeiras eram uma forma de esquecer as dificuldades impostas pela longa viagem. “ *Conversava todo mundo, brincava um com outro dentro do caminhão.*”¹⁰³

Essas brincadeiras, mais do que uma forma de descontração eram importantes para amenizar os sofrimentos causados pela viagem. É uma forma de esquecer, mesmo que por pouco tempo, os problemas que viriam pela frente, mesmo após o término da viagem.

¹⁰³ Senhor Jorge Barro Branco da Silva. Entrevista realizada em 01/01/04. 68 anos. Lavrador. É natural de Natal Rio Grande Do Norte. Veio para o município de Capinópolis-MG, em 1950, onde permanece até os dias atuais.

CAPÍTULO II

“Eu penei mais aqui cheguei”*: Uberlândia progresso, exclusão, escolha e conquista.

“Quando eu vim do sertão / seu moço / no meu Bodocó / A malota era um saco / o cadiado era um nó / só trazia a coragem e a cara viajando num pau-de-arara / Eu penei / Mais aqui cheguei” (pau-de-arara, Luiz Gonzaga e Guio de Moraes; 1952)

O crescimento de Uberlândia (chamada Uberabinha na época) se deu no final do século XIX, com o empenho do Coronel Carneiro¹ para trazer para então “São Pedro do Uberabinha”, a companhia da Mogiana. A partir da inauguração da referida companhia, a cidade de Uberlândia passou a ter ligação com as demais regiões brasileiras. Esta ligação começou a atrair pessoas fazendo com que a cidade começasse a crescer do ponto de vista econômico e urbano.

Posteriormente, com as construções das rodovias em Uberlândia, passou-se a ter um elo de ligação com as demais regiões brasileiras, isto se deu graças à sua posição geográfica, que possibilitou-lhe ser passagem obrigatória de quem vinha do Nordeste, ou São Paulo e Rio de Janeiro.

“A vida econômico-social da cidade de irradiação, visando o entrelaçamento de todos os quadrantes, constituiu convite permanente ao descontinuo de novos e mais amplos horizontes os caminhos que daqui partem a centenas diariamente entoam a mais empolgante sinfonia de progresso.”²

Esse discurso pronunciado pelo então deputado Rondon Pacheco demonstra, como a elite local associava as construções de Rodovias como sendo as responsáveis pelo

* Frase retirada da música Pau-de-Arara, (Luiz Gonzaga e Guio de Moraes, 1952)

¹ Vultos da história de Uberlândia. José Teófilo Carneiro. *Correio de Uberlândia*, Uberlândia, 8 de maio 1952.

² *Discurso do Deputado Rodom Pacheco. Correio de Uberlândia*, Uberlândia, 16 de Janeiro 1950. p1.

crescimento econômico desta cidade nos anos da década de 1950, além de responder aos anseios da elite local no sentido de promover o desenvolvimento da cidade, conforme convinha aos seus negócios e interesses.

Enquanto a cidade de Uberlândia era constantemente informada como sendo uma das cidades principais do interior do país; o Brasil também passava por transformações políticas e econômicas.

Em 1950, o país contava com uma população de 52 milhões de habitantes; neste mesmo ano era eleito pela segunda vez o Presidente Getúlio Vargas. Neste período, a economia brasileira não contava com a presença do capital estrangeiro que havia migrado para Europa, visando a construção do velho continente destruído por causa da segunda guerra mundial.

Em 1953 é criada a Petrobrás sobre o lema “*O petróleo é nosso*” reforçando as idéias nacionalistas de Vargas. Ademais o país vivia sobre grandes pressões, o custo de vida estava muito alto, a inflação atingia pontos alarmantes. As incertezas que pairavam sobre a cidade de Uberlândia naquele momento era se o país caminharia para o lado da industrialização ou da agricultura e se com isso, um desses setores não sairia prejudicado. “*Resta-nos saber se, inclinando-nos para a indústria levamos com isso prejuízo a lavoura*”³. Da mesma forma que o país vivia sobre incertezas, Uberlândia passava também por estas mesmas indagações. Dentro deste momento de certezas e incertezas é eleito em 1950 JK e em 1956 assumia a presidência da república sobre o slogan “*cinquenta anos em cinco*”. Com isto JK queria dizer que o Brasil não tinha saída ou se industrializava ou permanecia igual aos países africanos.

*“Tal atitude envolveu o país em uma política de endividamento, pois suas conseqüências agravaram o quadro econômico e abalaram sua frágil estrutura social, fazendo o Brasil um eterno dependente desse capital estrangeiro.”*⁴

Este era o preço que o país teria que pagar para industrializar. E por conseguinte, através do plano de metas que significava investimentos pesados em determinados setores da economia brasileira, como o desenvolvimento dos setores de energia, transportes e

³ *País Agrícola ou Industrial. O Correio de Uberlândia*, Uberlândia, 1 de Janeiro 1950 . p.3.

⁴ ROSA, Ivani. *Movimentos sociais no setor de transportes: retratos de uma sociedade antagônica – Uberlândia (1948-1984)* UFU, Uberlândia 2003. (Monografia)

indústrias de base. Enquanto o plano de metas possibilitou a aceleração do crescimento da economia e dos setores industriais, levando a produção nacional a crescer 80% graças a instalação da indústria automobilística, outros setores da economia eram deixados em segundo plano as áreas de educação, agricultura e também a saúde. Isto fez com que as desigualdades sociais agravassem nos anos posteriores.

Os anos 50, também foram marcados por manifestações populares, principalmente, as dos trabalhadores rurais que lutavam pela posse da terra e exigiam por parte dos governantes que fizessem a reforma agrária em nosso país:

*“Para que os homens que trabalhavam a terra, a reforma agrária, isto é, a completa e justa solução da questão agrária no país é a única maneira de resolver efetivamente os graves problemas em que se debatem as massas camponesas e, portanto elas mais do que qualquer outra parcela da população estão interessada em sua realização. As massas camponesas têm a consciência de que a solução final dessa questão depende delas.”*⁵

Estas discussões referentes a luta pela posse da terra, perpassa toda a década de 1950 e continuam nas décadas posteriores sem alcançar êxito. E apesar das massas camponesas ter consciência de que a reforma agrária seria um fator importante para resolver a questão da exclusão social ela não aconteceu. Isto de certa forma foi desgastando as esperanças desses camponeses, bem como dos nordestinos que também estavam envolvidos nestas questões. No caso dos nordestinos o desgaste que esta luta pela terra causou, e a perda da esperança que os problemas na sua região seriam resolvidos, fizeram com que muitos deixassem o nordeste em busca de melhoras em outras regiões brasileiras.

Neste momento de contradições, a nova capital federal era construída com o objetivo de integrar territorialmente todas as regiões brasileiras. Possibilitando a ocupação do capital estrangeiro com isso, o país assistia o aumento da dívida externa e a inflação.

As desigualdades sociais agravavam-se juntamente com as diferenças regionais. Aumentava cada vez mais a distância entre os setores de financiamento e os que ficam a

⁵ MACHADO, Maria Clara Tomaz e PATRIOTA Rosangela (org.) *Política, cultura e movimentos sociais. In: Cardoso Heloísa Helena Pacheco. Os anos 50, o projeto de industrialização e o tema da reforma agrária* UFU Programa de Mestrado em História – UFU. Uberlândia 2001. Pág. 43-57.

margem. O país não tinha uma definição clara em relação aos setores industriais ou agricultura.

*“Resta-nos saber se, inclinando-nos para a indústria, levamos com isso prejuízo à lavoura, ou se as atividades agrícolas, prosseguiram no mesmo ritmo dando-nos a certeza de que passamos de um país essencialmente agrícola e industrial, numa distribuição racional e equilibrada de nosso trabalho”.*⁶

Percebe-se que a ausência de identidade econômica, levaram as pessoas pensarem por quais caminhos verdadeiramente o país iria ou pela indústria ou pela agricultura.

Entretanto, a escolha de um desses setores levaria o país privilegiar a indústria e a agricultura ficaria em segundo plano, como estava acontecendo. Com isso traria consequências graves para a economia, haja visto, que naquele período o país dependia das rendas agrícolas.

Por conseguinte a década de 1950 foi um período conturbado da história brasileira, de agravamento das questões sociais e, Uberlândia, estava inserida nestas discussões. *O Brasil Central é uma vasta e rica região de mais de 2.000.000 de habitantes! – Uberlândia é a inegável metrópole desta região!*⁷

Portanto, neste contexto político e econômico estava a cidade de Uberlândia formada por sua elite local como sendo uma das cidades mais importante do interior do país. Entretanto esse discurso proporcionou a cidade uma série de problemas.

“Atraídos pelo discurso do progresso, a cidade de Uberlândia começou a inchar a partir da segunda metade da década de 50. Diariamente, desembarcavam no terminal rodoviário uma enorme quantidade de pessoas vindas dos mais diversos estados brasileiros, na expectativa de que aqui encontrariam melhores chances de trabalho e proporcionar as suas famílias uma vivência mais digna do que a deixaram para trás. A população urbana, que em 1940 era de 22.123 habitantes teve um aumento, para 1950 de 61.1% indo para 35.799.

⁶ *País Agrícola ou industrial. Correio de Uberlândia*, Uberlândia, 1 de Janeiro 1950. p.3.

⁷ *Anúncios. Correio de Uberlândia*, Uberlândia, 3 de janeiro de 1950. p.2, p.2, 3 de Janeiro de 1950.

*Grande parte desses “forasteiros” viram suas expectativas frustradas, ao amontoarem-se pelas calçadas na parte central da cidade ou ao perambularem pelas ruas numa sôfrega tentativa de garantir uma alimentação mínima para sobrevivência própria e dos seus. A mendicância expandiu-se pela cidade, acentuando o nível de pobreza, o que causou um grave problema a ser solucionado”.*⁸

Este desenvolvimento e progresso ressaltado nas reportagens da época, proporcionaram um slogan atrativo, para muitas pessoas oriundas de todas as regiões brasileiras. E isto para os uberlandenses não era visto com bons olhos:

*“Uberlândia é pelo seu renome de cidade de comércio intensivo, o maior, aliás de todo o Brasil Central um ponto de convergência para pessoas providas de todos os recantos do país. Isto predispõe a ser teatro de muitos crimes, porque os delitos são uma consequência de desentendimentos, são mais prováveis entre os indivíduos de procedência diversas e sobretudo quando eles estão, regra geral, possuídos pelo espírito de aventura, que é uma das características de quem emigra.”*⁹

É com incisiva presença nos jornais que se insiste em afirmar a boa índole do uberlandense natural e que é antes de tudo é civilizado, os desordeiros são os migrantes:

*“O Uberlandense é um homem civilizado antes de mais nada, sendo a sua cidade um centro de propulsão do comércio entre o litoral e o sertão, o Uberlandense, como é natural apenas sofreu os influxos da civilização litorânea. Natural é com efeito, que assim acontece, porque a influência do litoral, além de mais ampla e por isto mesmo mais decisiva”.*¹⁰

⁸ ROSA, Ivani. *Movimentos sociais no setor de transportes: retratos de uma sociedade antagônica – Uberlândia*. P.28. (1948 – 1964). UFU Uberlândia 2003 p. 28 (monografia)

⁹ MELLO, João Edilson. “De estatística Criminal”. *O Correio de Uberlândia*., Uberlândia, 5 de Janeiro de 1950. p.4.

Sugere-se nessa reportagem que o uberlandense é civilizado porque recebeu influência do litoral brasileiro região essencialmente urbanizada por isso os uberlandenses associam a região do litoral àquela civilizada por causa das cidades. E os povos do sertão, os não civilizados, por serem de região essencialmente rural. Estas idéias prevalecem em Uberlândia por causa da mentalidade de associar o rural ao atraso e a cidade a civilização, sobre este aspecto Williams nos diz: “*A cidade associou-se à idéia de centro de realizações de saber, comunicações e luz, e o campo como lugar de atraso ignorância e limitação (página 11)*”.¹¹ Então é este tipo de idéia que prevalece em Uberlândia na década de 1950; ou seja, a cidade é civilizada porque as suas influências vieram de regiões urbanas, e os que praticavam algum tipo de delito nesta cidade não era dessas regiões urbanas, mas sim das regiões rurais, por isso os não civilizados. E para os uberlandenses o que os povos do litoral tinha de positivo era justamente a civilidade ordeiros, ao contrário dos sertanejos que eram vistos como desordeiros por causa da ausência de civilização.

Todavia para os uberlandenses os desordeiros que ousavam praticar qualquer delito nesta cidade eram em geral, os migrantes, parece-nos migrantes porém originário do sertão, é este raciocínio que a transcrição supra citada aponta-nos. Porém os migrantes, seja do sertão, do interior ou do litoral a maioria foi atraída pelo discurso de progresso e desenvolvimento clamado pelas elites locais. As atrocidades cometidas nesta cidade em suma eram responsabilidade dos não civilizados, ou seja os migrantes, o civilizado uberlandense jamais cometeriam atos que ultrajassem a imagem de sua cidade segundo a elite local: “*Em Uberlândia o cidadão procura agir sempre como homem civilizado – O uberlandense tem a prova eloquente do estágio adiantado de sua civilização.*”¹²

Entretanto, e graças aos migrantes, a cidade alcançou altos índices de desenvolvimento a partir de 1950.

Percebemos através das entrevistas e outros que no discurso da elite local, ela age conforme lhe convém, é necessário fazer propaganda para atrair investimentos, empresas mais não convém atrair migrantes pobres e desqualificados. Em determinados momentos ela afirma que o desenvolvimento da sua cidade está ligado a presença dos migrantes por ser a sua cidade ponto de convergência com outras regiões brasileiras; Ademais esta passagem obrigatória fez com que as pessoas em alguns casos permanecessem em

¹⁰ MELLO, João Edilson. “*De estatística Criminal*”. *O Correio de Uberlândia*, Uberlândia, 5 de Janeiro de 1950. P.3.

¹¹ WILLIAMS, Raymond. *O campo e a cidade na história e na literatura*. São Paulo Companhia das letras, 1989. p.11.

Uberlândia, proporcionando o crescimento em todos os setores dessa cidade. Ao mesmo tempo tudo o que ocorre de ruim nesta cidade, a elite local atribui aos forasteiros, ou seja, os migrantes.

O fato que a cidade cresceu com contribuição dos migrantes não aparece claramente no discurso dominante. Mas ao analisarmos as entrelinhas deste discurso percebemos que os migrantes foram importantes para o crescimento da cidade de Uberlândia. Entretanto o discurso que permeia a década de 1950 e que tudo que acontece de ruim era unicamente responsabilidade dos migrantes e o progresso e o desenvolvimento estava acontecendo graças ao empenho do uberlandense natural.

Este discurso que os migrantes são sempre os desordeiros é tão forte neste período, que, quando o “*Jornal Correio*”, publica uma reportagem dizendo que um fazendeiro estava causando tumulto em um bar nesta cidade, no outro dia logo após a publicação da reportagem a respeito desse fato o jornal teve que publicar nota refazendo-se do provável erro de chamar o desordeiro de fazendeiro, o jornal simplesmente estava manchando a honra dos fazendeiros, conforme citação:

*“Far West em que plena rua da cidade jardim. Uberlândia é cidade civilizada...deveriam pensar e fugir para bem longe da cidade embrenhando-se nos sertões bravios porque lá é que é lugar de desordeiros e valentões.”*¹³

A seguir a nota de retificação do Jornal Correio de Uberlândia por ter chamado de fazendeiro o possível desordeiro.

*“E retificando-a pedido dos senhores fazendeiros do Município, informamos ao povo que o Senhor João Caetano, o valentão causador do distúrbio no “Bar Paniago” não é fazendeiro! Aliás todos os fazendeiros de Uberlândia estão compreendidos entre homens de melhor repercussão social pela excelência da linhagem moral.”*¹⁴

¹² MELLO, João Edilson. “De estatística Criminal”. *O Correio de Uberlândia*, Uberlândia, 5 de Janeiro de 1950. p.3.

¹³ “A política Local. *O Correio de Uberlândia*. Uberlândia, 16 de Janeiro de 1952. p.1.

Não iremos entrar no mérito da discussão se João Caetano era ou não fazendeiro. O que nos interessa é perceber como esta elite local era interventora no discurso da imprensa, ao ponto de fazer o jornal retratar-se de uma reportagem que ousava manchar o nome de membros dessa elite. Por outro lado, só poderia ser equívoco, porque o jornal como veículo de comunicação desta elite não poderia cometer este erro. Para os fazendeiros, não poderia vir à tona reportagens que manchassem os guardiões da moral e do respeito.

Mesmo que o fato tivesse sido cometido por um membro dessa elite local, era necessário acobertar camuflar em nome desses ideais de virtude e moral.

Em nome desses ideais, fariam qualquer coisa; era necessário algo mais que retratação, era necessário que a reportagem do equívoco louvasse as virtudes dos fazendeiros. E o jornal seria o veículo para introjetar na mentalidade do povo de Uberlândia que a elite local era proprietária desses paradigmas.

Para que esse discurso ficasse impregnado no cotidiano popular reconstruíam seus interesses dizendo ser a população a beneficiária de todas as conquistas, porém era a que sofria mais com as mazelas que vinham de todos os lugares.

Também estava presente no discurso dominante a necessidade de separação do Triângulo Mineiro do Estado de Minas Gerais. Este movimento também era responsabilidade da elite uberlandense. Por conseguinte quais seriam os verdadeiros objetivos dessa emancipação do Triângulo Mineiro – a quem esta separação beneficiaria? – Sem dúvida a elite local aumentaria o seu poder público e econômico, e estenderia os seus tentáculos sobre o nosso Estado. E isto se daria porque a capital do Estado seria Uberlândia portanto, a área de influência dessa elite se estenderia a todo estado. A seguir a transcrição que demonstra a vontade da elite uberlandense de separar do Estado de Minas Gerais:

“Emancipemos o triângulo mineiro visando acima de tudo o bem do Brasil. Em discurso pronunciado na Câmara dos Deputados em 28 de Junho, o Dr. Mauro Palmério defendendo a emancipação política do triângulo sagre-se o líder político natural deste movimento.”¹⁵

O jogo de interesses é uma questão muito interessante, e que merece muito cuidado, principalmente no que se refere ao discurso dominante, pois ao propor algo, principalmente em se tratando de questões políticas, primeiramente este grupo está pensando nos seus

¹⁴ *Correio de Uberlândia*. Uberlândia, 17 de Janeiro de 1952. p.3.

interesses pessoais e posteriormente no restante da cidade. Porém para alcançar estes objetivos, ele articula bem o seu discurso para persuadir os demais levando-os a pensar que o interesse extrapola o pessoal e a partir daquele momento o interesse pessoal passa a significar a busca de todos, ou seja, coletivo é: *“Emancipemos o triângulo mineiro visando acima de tudo o bem do Brasil.”*

Percebe-se que as questões pessoais são camufladas simplesmente articulando o discurso. O discurso que a emancipação do triângulo mineiro se sobrepõe a todos os outros interesses quando coloca o país como grande beneficiário desta separação.

Segundo esta linha de raciocínio em que a elite uberlandense buscava aumentar a sua área de influência no país, a questão referente a estes fatos seria a mudança da capital federal visto que até aquele momento histórico era a cidade do Rio de Janeiro.

Segundo o discurso da época, era necessário transferir a capital federal para o interior do país, buscando integrar as regiões mais isoladas do território brasileiro. Porém mais uma vez a elite uberlandense estava envolvida nesta missão de transformar a *“Cidade Jardim”* na nova capital federal, conforme citação:

“Pensei que daqui devia partir o movimento de apropriação econômico do oeste iniciado com segurança e êxito por meio da instalação de uma grande fábrica de material agrícola como impulso para a marcha para o oeste” vivida pelos Uberlandenses – sozinhos, desajudados do poder público empenhados num empreendimentos de verdadeiros banderantes.”¹⁶

A vontade do governo de integrar o oeste brasileiro ao restante do país, principalmente com a transferência da capital federal, estava de acordo com os ideais da elite uberlandense, que via a possibilidade da transferência da capital federal, uma forma de aumentar os seus interesses políticos e econômicos na emancipação do triângulo mineiro.

A elite uberlandense aponta os motivos para a transferência imediata da capital federal, e Uberlândia seria a solução:

¹⁵ *Correio de Uberlândia*. Uberlândia, 12 de Julho 1951. p.1.

¹⁶ *Discurso do Presidente Getúlio Vargas Uberlândia – a capital econômica do Brasil Central. O Correio de Uberlândia*, Uberlândia, 14 de Março de 1953. p.4.

*Em 1951 era urgente; agora é urgentíssimo. Uberlândia como a solução de emergência – Os exemplos de Ancara e de Camberra – como se desfaz a objeção do vulto das despesas impressionando o Sr. Daniel de Carvalho com o ambiente de corrupção que havia no Rio.*¹⁷

Sobre este aspecto, o discurso dominante afirmava que era obrigado transferir rapidamente a capital federal, sobre o argumento de corrupção. Porém essas seriam as verdadeiras justificativas para a transferência da capital federal?

É inegável que a transferência da capital para o interior do país iria fazer com que as regiões mais isoladas do território nacional se integrassem ao restante do país e trouxesse possível desenvolvimento para estas regiões, por outro lado, querer que a capital viesse para Uberlândia simbolizava que a elite local aumentaria a sua influência e seu poder político e econômico. Portanto, o interesse dos setores dominantes desta cidade queriam que a nova capital viesse para Uberlândia porque os interesses locais iriam consolidar-se.

Uberlândia nos anos da década de 1950, era uma cidade de contradições, assim como o restante do país, ora glorificando o seu desenvolvimento, ora demonstrando problemas trazidos por este desenvolvimento desigual, advindo do interesse progressista. Nos próximos discursos percebemos estas contradições:

*“Uberlândia é um jardim florido entre os chapadões azuis, dessa famosa região. Com seu traçado geométrico, com suas amplas avenidas e belas praças com o seu comércio movimentado, como seu espantoso trânsito de veículos, com seus milhares de estudantes, com seu povo culto e hospitaleiro. Uberlândia é uma cidade encantadora uma festa para os olhos e uma delícia para o coração”.*¹⁸

Verifica-se nesta transcrição que tudo de “bom” isto e o moderno faz parte dessa cidade, não existe nenhum problema. A cidade é simplesmente um paraíso. Entretanto nas reportagens a seguir ressaltaremos o crescimento desordenado de favelas, mendigos e

¹⁷“Em Uberlândia a capital da República”. *O Correio de Uberlândia*, Uberlândia, 15 de Abril de 1953. p.2.

¹⁸“Os namorados de Uberlândia”. *O Correio de Uberlândia*, Uberlândia, 29 de Abril de 1950. p.2.

desempregados se contrapondo às avenidas largas e arranha-céus citados com orgulho e que não figuravam sozinhos na realidade uberlandense.

Uberlândia é a pobre Cinderela dos dias passado. O centro urbano tem tantos defeitos o tráfego é um problema... nada de praça antes de ser construída Uberlândia já está condenada...já viram as novas construções? Algumas fecham as ruas e avenidas... os loteamentos também não se ligam com a planta da cidade.¹⁹

Percebe-se neste trecho um discurso contrário à citação anterior. Neste aparece os problemas do progresso um desenvolvimento sem um projeto urbanístico levaram a cidade vivenciar muitos acontecimentos que existem no ambiente urbano, convive lado a lado com o atraso, tornando-se um todo. Apesar do setor dominante tentar ocultar que em Uberlândia não está presente o conflito social, este aparece nos próprios discursos deste setor dominante como vimos anteriormente. A elite local começa perceber que o progresso está levando a cidade ao caos, as coisas não estavam indo de acordo com o que eles pensavam, não existe planejamento, não existe a conformidade esperada. Então para resolver estes problemas que estão saindo do controle. “*É necessário vassoura pública.*”

Só assim se viu livre da sujeira que lá deixara um caipira vendedor de frangos e de ovos, quando cerca de uma quinzena atrás desempalhou os ovos em plena rua, para vende-los.²⁰ Existe em Uberlândia neste período uma certa resistência principalmente em vender algum tipo de produto na rua, ovos por exemplo e outras bancas, casas que não adequavam ao centro da cidade. Daí a reclamação da elite local, a cidade não estava saindo como planejado.

A falta de energia era outro contraponto que chocava-se com a cidade em progresso.

Uberlândia – Civilização do Arranha-céu no ciclo da lamparina! A bonita cidade que passa pela fase que podemos denominar de civilização do Arranha-céu, vive esquisitamente por imprevidência ou desídia, e ciclo da lamparina!²¹

¹⁹ TEREZA Maria. *Pobre Cinderela. Correio de Uberlândia*, Uberlândia, 21 de Janeiro de 1953. p. 3.

²⁰ TEREZA Maria. “*A necessidade de Vassoura Pública*”. *Correio de Uberlândia*, Uberlândia, 10 de Julho de 1951. p.2.

²¹ “*Uberlândia a civilização do Arranha-céu no ciclo da lamparina*”. *Correio de Uberlândia*, Uberlândia, 5 de Julho de 1955. p.3.

Nesta, verifica-se um choque entre o moderno, “*Arranha-céu*”, que o símbolo do desenvolvimento da sociedade norte americana, e do outro lado a “*lamparina*” que representa o arcaico, o subdesenvolvimento. E Uberlândia convivia lado a lado, com estes paradigmas, mesmo que a elite local tentasse camuflar ou amenizar estes problemas viriam a tona em algum momento, como aconteceu. A década de 1950 foi um período marcado por conflitos e desigualdades. E Uberlândia não estava isolada destas questões, esta cidade fazia parte do contexto que permeava todo o país.

Em nome do progresso, o patrimônio histórico já começava a ser desintegrado: *Uberlândia atravessa agora a fase das grandes construções, para as quais são demolidos prédios às vezes perfeitamente habitáveis com segurança e conforto.*²²

Em nome do progresso a memória da cidade começava a ser demolida, os ideais de desenvolvimento se contrapunham a preservação. As mudanças não partiam do povo estes se adaptavam a elas, ou criavam estratégias de contê-las, aliás isto é uma característica que percebemos em todo o território nacional. Em nome do desenvolvimento destrói-se a memória de uma cidade, esquecendo que as referências, as experiências passadas são de suma importância para a história de uma cidade.

O pensamento dos setores dominantes nos sugere que as mudanças que definem como o progresso não podem conviver lado a lado com o passado rural e interiorano e por isto destrói este passado, mas na sociedade brasileira se tem a idéia de que o progresso não pode conviver com o passado, que muitas das vezes até representa o arcaico. Assim como as pessoas vão sendo levadas a exclusão e a falta de moradia, tendo como rotina a dificuldade de pertencer a cidade.

Em 1953 o nordeste brasileiro estava enfrentando problemas sérios com a seca. E estava acontecendo em Uberlândia campanha na tentativa de arrecadar donativos para os flagelados da seca. O que estava acontecendo em Uberlândia naquele período era um reflexo que também estaria acontecendo no restante do Brasil.

*Que o povo todo de Uberlândia vai até prefeitura, levar rápido os auxílios particulares afim de que a oferta de Uberlândia possa seguir logo para o norte, sem formalidades maiores chegando a tempo, de realmente prestar auxílio.*²³

²² “*Progresso Arquitetônico*”. *O Correio de Uberlândia*, Uberlândia, 28 de abril de 1955. p.3.

²³ “*A fome entre os nordestinos*”. *O Correio de Uberlândia*, Uberlândia, 12 de Março de 1953. p.4.

No entanto esta solidariedade do povo Uberlandense e do restante do país, foi criticada por Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira, que compôs a música *Vozes da Seca* no mesmo período que estava acontecendo esta seca na tentativa de chamar atenção: que só os donativos não resolveria o problema da seca em algumas regiões nordestinas.

*Seu doutô os nordestinos tem muita gratidão
Pelo auxílio dos sulista nessa seca do sertão
Mas doutô uma esmola a um homem que é são.
Ou lhe mata de vergonha ou vicia o cidadão.
È por isso que pedimo proteção a vosmice
Home pur nois escuído para as rédias do pudê.
Pois doutô dos vinte estado temos oito sem chovê.
Veja bem, quase a metade do Brasil ta sem cumê
Dê serviço a nosso povo, encha os rios de barrage.
Dê cumida a preço bom, não esqueça a açudagem
Livre assim nois da esmola, que no fim dessa estiage
Lhe pagamo inté os juru sem gastá nossa corage
Se o doutô fizer assim salva o povo do sertão
Quando um dia a chuva vim, que riqueza pra nação!
Nunca mais nois pensa em seca, vai dá tudo nesse chão.
Como vê, nosso destino mecê tem na vossa mão.²⁴*

É lógico que estas ajudas eram bem vindas na tentativa de amenizar o sofrimento dos nordestinos naquele momento “*Os nordestinos tem muita gratidão, pelo auxílio dos sulistas nessa seca do sertão.*” A ajuda de Uberlândia e demais regiões do Brasil naquele momento era necessário. Entretanto para resolver o problema era necessário o empenho daqueles que foram eleitos pelos nordestinos “*home pur nois escuído para as redias do pudê.*” Os donativos a esmola só iria resolver o problema da seca por alguns momentos ou seja enquanto durar os donativos e a boa vontade da população como a de Uberlândia por exemplo. “*Mas doutô uma esmola a um homi que é são, ou lhe mata de vergonha ou vicia o cidadão.*” Para resolver esta questão era necessário empenho das autoridades ter projetos

específicos para o combate a seca. “*Dê serviço a nosso povo, encha os rios de barragem. Dê comida a preço bom, não esqueça a açudagem. Livra assim nois da esmola.*”

Para os compositores da música *Vozes da Seca* se os políticos empenharem em construir açudes, dar comida a preço bom, seria possível resolver o problema da seca e os nordestinos seriam eternamente gratos porque a coragem eles tem para sair daquela situação so depende do empenho de quem possui as rédeas do poder “*Que no fim desta estiagem lhe pagamo inté os juru sem gastá nossa corage. Se o doutô fizer assim salva o povo do sertão.*” Se os políticos tentassem resolver estes problema da seca então terá o empenho dos nordestinos que tem coragem para trabalhar a terra seca mais boa só precisa de chuva para produzir “*Quando um dia a chuva vim, que riqueza pra nação, nunca mais nois pensa em seca vai dá tudo nesse chão.*” A esperança dos nordestinos estava na mão dos doutores, homens que possuíam as redias do poder para sai desta crise. *Como vê, nosso destino mecê tem na vossa mão.*

Em 1954, Luiz Gonzaga fez um show no auditório da rádio educadora de Uberlândia. Entretanto, *o Rei e a Rainha do Baião*,²⁵ não tiveram o seu show divulgado pelo jornal Correio de Uberlândia. A única prova documental que possuímos a respeito da realização deste show em Uberlândia, é uma foto do palco do auditório da Rádio Educadora com a presença do Rei do Baião.



Foto; Acervo do Autor – (Luiz Gonzaga no auditório da Rádio Educadora de Uberlândia. – Uberlândia, 1954).

²⁴ *Nova História da Música Popular Brasileira* Luiz Gonzaga, Humberto Teixeira, 1ª ed.; São Paulo: Ed. Abril Cultural, 1970 p. 1-10.

²⁵ *Rei do Baião* Luiz Gonzaga e a rainha do Baião seria Carmélia Alves. Estes fizeram um show em Uberlândia no palco do auditório da Rádio Educadora em 1954 (vide foto).

Porém em 1954 os setores dominantes de Uberlândia ainda via a música nordestina como representante dos migrantes do Sertão.

Talvez esta questão pode ter influenciado os setores dominantes mais conservadores à não divulgar em 1954 através do jornal *Correio de Uberlândia* o show de Luiz Gonzaga na Rádio Educadora. Todavia a música nordestina, já fazia sucesso em Uberlândia neste período e a própria presença de Luiz Gonzaga nesta cidade é a constatação deste sucesso.

Através das reportagens do jornal *O Correio de Uberlândia*, percebemos que no final dos anos 50 a música nordestina ganhou espaço no símbolo de glamur da elite de Uberlândia “*O Uberlândia Clube*” O espaço que a música nordestina havia conseguido no setor dominante de Uberlândia, é um reflexo do que estava acontecendo nos grandes centros brasileiros. Através de uma reelaboração da música nordestina que tinha como principais colaboradores desta linguagem musical: *Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira* que fortaleceram o *Baião*²⁶, ritmo mais apreciado pelos setores dominantes do país.

Anteriormente a música nordestina era vista como música dos setores arcaicos, atrasados dos desordeiros, não civilizados como pregava a elite uberlandense, entretanto após a reelaboração dessa linguagem musical os setores dominantes apropriaram-se dessa música em todo o país inclusive em Uberlândia. Devido o grande sucesso que os ritmos nordestinos estavam fazendo em todo país, Uberlândia teve o privilégio de assistir um show no Uberlândia Clube em meados de 1958, com Marinês²⁷ que representava os ritmos do nordeste.

²⁶ “*Eu, vou mostrar pra você/ Como se dança o baião*, (Luiz Gonzaga/HumbertoTeixeira). Segundo uma estratégia que seria retomada anos mais tarde pela turma da bossa nova, com “*desafinado*”, “*Baião*”, era o verdadeiro manifesto de uma nova música, ou, mais precisamente, de um novo ritmo inventado pela dupla Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira. O termo “*baião*”, sinônimo de rojão, já existia, designando na linguagem dos repentinos nordestinos, o pequeno trecho musical tocado pela viola, que permite ao violeiro testar a afinação do instrumento e esperar a inspiração, assim como introduz verso do cantador ou pontua o final de cada estrofe, no repente ou no desafio, cuja forma de cantar é recitativa e monocórdia, o “*baião*” é a única seqüência rítmica e melódica.

O grande estalo de Luiz Gonzaga, foi perceber a riqueza desse trechinho musical, de sentir que carregava em si a alma nordestina, e todas as influencias que marcaram a música do nordeste. E o seu gênio foi saber, através da sanfona cromática, engrandecer, enriquecer, dar volume a esse rojão, melodicamente tão rudimentar. Curiosamente, apesar de Luiz Gonzaga sempre ter contado que a primeira música, que ele fez com Humberto foi! *No meu Pé de Serra*, o lançamento da dupla. Coube a “*Baião*”. Segundo contava Humberto Teixeira, a ideia de Luiz Gonzaga era fazer uma grande campanha para lançar a música do nordeste nos grandes centros urbanos, tanto que, ao contrario de outros gêneros musicais no Brasil (maxixe, choro, samba, musica caipira...) que surgiram de repente, sem nenhuma programação, no caso de o “*baião*” houve um real planejamento, uma intenção de lançar no sul, e, portanto, para todo o Brasil, de forma estilizada, ou melhor, amaciada, adaptada ao paladar urbano, a música nordestina, da qual o ritmo essencial escolhido essa estilização foi o do *baião*: e isso tudo partiu da cabeça de Luiz Gonzaga e só da cabeça dele. DREYFUS, Dominique. *Vida do Viajante: A Saga de Luiz Gonzaga*. Prefácio de Gilberto Gil. São Paulo: Ed.34, 1996. (Coleção ouvido musical).

²⁷ marinês, fazia parte de um grupo chamado patrulha de choque de Luiz Gonzaga. Marinês, Abadias e Chiquinho tratava-se de um trio de imitadores de Gonzaga, Marinês cantava e tocava triângulo, Abadias, o

*“Eis Marinês a rainha do xaxado, notável artista nordestina que foi contratada pelo Uberlândia Clube para o baile do dia 21 de junho. Com absoluta antecipação divulgamos a realização da festa no Palácio maravilhoso, tendo no show a festejada cantora de xaxados, baiões, forrós e outras músicas características do nordeste.”*²⁸

Como Uberlândia recebia a influência dos grandes centros brasileiros como a própria elite local ressaltava, então em meados de 1958 a música nordestina estava fazendo muito sucesso nestes grandes centros, e Uberlândia também quis compartilhar desse sucesso da música nordestina, convidando Marinês para fazer um show em 1958 no Uberlândia Clube.

Neste contexto os migrantes nordestinos passavam por Uberlândia nos anos 50 em direção à Ituiutaba e Capinópolis, pois passar por Uberlândia se fazia necessário porque os acessos das cidades da região partiam daqui, quem vinha do nordeste necessariamente tinha que passar por Uberlândia a presença da linha férrea também possibilitava à chegada de nordestino até Uberlândia e a partir dessa cidade eles deslocavam-se até as cidades do Pontal do Triângulo Mineiro, mas por que não se estabeleciam aqui?

Um dos fatores que faziam com que Uberlândia fosse apenas rota de passagem da maioria dos migrantes nordestinos nos anos 50, era porque eles já vinham comprometidos com os fazendeiros de Ituiutaba e Capinópolis e outras cidades da região:

*...Não, não tinha não, mas geralmente o povo ia era tudo para a fazenda, o forte de nortista aqui era Capinópolis, Ituiutaba, Santa Vitória, né Piaçu... não não o povo só conhecia Capinópolis, Ituiutaba de Uberlândia lá no norte viu! agora os fazendeiros de Capinópolis Ituiutaba era conhecido pelo norte.*²⁹

marido na sanfona, e Chiquinho, o cunhado, no Zabumba. Com o aval de Luiz Gonzaga o grupo começou a fazer sucesso. Logo depois o grupo se desfez Marinês continuou fazendo sucesso em todo o Brasil. DREYFUS, Dominique. *Vida do Viajante: A saga de Luiz Gonzaga*. Prefácio de Gilberto Gil. São Paulo: Ed. 34, 1996 (Coleção Ouvido Musical)

²⁸ *O Correio de Uberlândia*, Uberlândia, 13 de Abril de 1958. p.2.

²⁹ Senhor Valdenor Dantas. 67 anos. Comerciante. Entrevista realizada 28/02/04. É natural Piauí. Paraíba. Veio para a região de Capinópolis em 1958. Deslocando-se para Uberlândia em, 1973, onde permanece até os dias atuais, reside no Bairro Oliveira.

Não queremos dizer que em Uberlândia na década de 1950, não tinha presença de nordestino e de outros migrantes do interior do Brasil. *“Assassinato de José Libertino por Alfredo Fermino da Silva um riograndense do norte, forasteiro que se achava há pouco nesta cidade”*³⁰. Mas se tratando da migração nordestina e partindo da experiência que obtivemos através das entrevistas eles afirmavam que a presença nordestina era mais significativa no Pontal do Triângulo Mineiro. (vide anexo II).

O trabalho na zona rural influenciava na escolha do Pontal do Triângulo pelos nordestinos. As plantações de cereais, principalmente arroz eram consistentes naquelas cidades do Pontal do Triângulo Mineiro; Uberlândia na década de 1950, era voltada para o comércio e a indústria. *“Capital comercial do Triângulo Mineiro”*³¹. Daí a opção dos nordestinos neste primeiro momento para o Pontal do Triângulo Mineiro.

Percebe-se que apesar do progressivo desenvolvimento ressaltado pela elite local; as pessoas que vinham da zona rural nordestina não se identificavam com as oportunidades de serviços existente no comércio e na indústria de Uberlândia na década de 1950. Um dos fatores para essas escolhas é que as experiências adquiridas no serviço do campo, fizeram com que estes se identificassem com os trabalhos oferecidos na zona rural de Ituiutaba e outras cidades, o trabalho na “roça” eram as únicas experiências de trabalhos que eles possuíam naquele período.

A região que compreende Ituiutaba e Capinópolis nos anos 50 era uma região próspera na produção de cereais, arroz, milho, soja e outros. E por ser uma região considerada o celeiro do Triângulo Mineiro; esta região foi atraída pelos migrantes nordestinos que deslocavam-se da sua região natal em direção a estas cidades.

“Os fazendeiros da região que antes se dedicavam quase exclusivamente a exploração pastoril, foram abrindo lavouras, foram se entusiasmando com o resultado da produção que a terra lhe oferecia, os braços para a lavoura foram chegando de toda a parte até do longínquo nordeste brasileiro onde a fama da terra fértil ecoou, hoje o distrito de Capinópolis (Pertence ao município

³⁰ *O Correio de Uberlândia*. Uberlândia, 8 de janeiro de 1950. p.3.

³¹ *“Anúncios”*. *O Correio de Uberlândia*. 3 de Janeiro de 1950. p.2.

*de Ituiutaba), é o maior produtor de cereais do Triângulo Mineiro...*³²

Em busca de mão de obra para trabalhar nestas plantações, que agora tomavam conta da paisagem de Capinópolis, outrora voltado para atividade pastoril, os fazendeiros enviaram emissários até o nordeste em busca de braços para trabalharem nestas lavouras. *“O dono do caminhão (Fazendeiro) ia lá no nordeste enchia o caminhão de gente, trazia pra Ituiutaba.*”³³

A região era uma região privilegiada, terras férteis e uma grande quantidade de água. Principalmente água que era difícil encontrar nos sertões nordestinos.

*“Eu peguei o barde e desci pro lado do brejo mas cumé que acha água limpa ... Cheguei, Dona Elza e não achei água limpa não senhora, a água aí menino! A água tá! Não sabia, eu vi aquele troço, não sei nem que era torneira né, quando ela abriu aquilo lá, no norte em costa de jumento né”*³⁴

É inegável que, em se tratando de recursos hídricos a região do Pontal do Triângulo Mineiro, era mais privilegiada que o nordeste. Entretanto, não havia dificuldade para encontrar a água porque estas estavam dentro das residências, tinham mais um obstáculo para superar. *Meu pai pegou 5 arquero de mata pra derrubar, nois era 36 home dentre desse sofrimento mato, era aquelas madeiras assim aqueles torô assim de canjica, aroeira é ...*³⁵

Ou seja, se a questão da água não era problema, o trabalho mesmo assim era duro e cansativo. Nos anos da década de 1950, a região ainda possuía uma cobertura vegetal densa. Os fazendeiros utilizando a mão-de-obra dos nordestinos derrubaram as matas para

³² “Capinópolis Celeiro do Brasil Central.” *O Correio de Uberlândia*, Uberlândia, 15 de agosto de 1950. p.2.

³³ Senhor José Lourenço, 66 anos. Pedreiro. Entrevista realizada 02/02/04. É natural de São Paulo do Potengi Rio Grande do Norte. Veio para região de Ituiutaba em 1954. Deslocou-se para Uberlândia 1973. Atualmente reside no bairro Planalto.

³⁴ Senhor Valdenor Dantas. 67 anos. Comerciante Entrevista realizada 28/02/04. É natural Piauí Paraíba. Veio para região de Capinópolis em 1958. Deslocando para Uberlândia em 1973, onde permanece até os dias atuais. Reside no bairro Oliveira.

plantar mais lavouras de cereais. Percebe-se pela entrevista que este tipo de trabalho era muito difícil para os nordestinos, os fazendeiros entregavam para cada pessoa um pedaço de terra para desmatar, e daí esta pessoa contratava outras pessoas para derrubar o mato; porém as condições de trabalho eram precárias, as árvores eram derrubadas à golpe de machados, as madeiras nobres eram aproveitadas pelos fazendeiros e as demais, que não possuía valor comercial, eram queimadas.

As famílias nordestinas atraídas pelas propagandas das terras longínquas do Triângulo Mineiro, era realmente um paraíso. Todos os dias as famílias nordestinas vinham e havia caminhões partindo do nordeste em direção ao Pontal do Triângulo Mineiro: *“Ituiutaba era uma cidade falada sobre o nordestino, porque Ituiutaba era uma terra boa, Ituiutaba era uma que dava mantimento até em cima das pedras, arroz, milho, o que plantava dava.”*³⁶

Ouvindo no nordeste este discurso de maravilhas, a família do Senhor José Lorenço quando chegou em Ituiutaba encontrou tudo pronto porque um parente seu já havia mudado para Ituiutaba bem antes deles chegarem: *“Quando nós chegamos aqui foi uma maravilha, que aí nós fomos colher arroz né, e já tinha arroz pra nós cumê meu irmão já trabalhava no frigorífico Central esse meu cunhado.”*³⁷

Neste primeiro momento, a vida em Ituiutaba parecia ser sem maiores problemas, tinham farturas de alimentos e outros.

O trabalho desempenhado era parecido com as tarefas desempenhadas no nordeste brasileiro:

“Nas roça, tudo manual né cortava arroz, naquela época tudo no cutelo ... impiava o arroz e punha aquelas filas bem grande, quando secava bastante, aí que ia batê arroz, fazia a vara, uma igual né, e , até ia bater arroz né. E a jornada: Até no sabado,

³⁵ Senhor Valdenor Dantas. 67 anos. Comerciante Entrevista realizada 28/02/04. É natural Piauí Paraíba. Veio para região de Capinópolis em 1958. Deslocando para Uberlândia em 1973, onde permanece até os dias atuais. Reside no bairro Oliveira.

³⁶ Senhor José Lourenço, 66 anos. Pedreiro. Entrevista realizada 02/02/04. É natural de São Paulo do Potengi Rio Grande do Norte. Veio para região de Ituiutaba em 1954. Deslocou-se para Uberlândia 1973. Atualmente reside no bairro Planalto.

³⁷ Senhor José Lourenço, 66 anos. Pedreiro. Entrevista realizada 02/02/04. É natural de São Paulo do Potengi Rio Grande do Norte. Veio para região de Ituiutaba em 1954. Deslocou-se para Uberlândia 1973. Atualmente reside no bairro Planalto.

domingo, até na semana santa... quando o arroz amadurecia era muito difícil tinha que colher muitas lavoura com cutelo cortano né, e se não acudisse perde-se a lavoura.”³⁸

Para cumprir esta tarefa de colher a lavoura de arroz no tempo determinado eram utilizados, para aumentar a mão-de-obra, crianças e mulheres. Entretanto, além dos serviços da lavoura, as mulheres desempenhavam os serviços domésticos, ou seja, passar e costurar, e até confeccionar roupas. As mulheres também preparavam a alimentação dos homens que estavam na colheita de arroz:

“ Para sobreviver vivia lavando roupas pra peão, com esses peão, com esses peão, as mulheres, cada uma que pegava um tanto de peão para lavar a roupa, naquela época lavando na mão, eu tinha unheiro nos dedos de lavar, porque era duro tinha que ferver a roupa né, e ali eu esfregava a roupa quente, mas de noite não dormia, no outro dia ia de novo batedor, sem nenhuma escova de esfregá, tudo na mão, e amanhecia o dia nois já, a roupa pra depois que passá, remendá e pregá botão...”³⁹

O lavar roupas no pontal do Triângulo Mineiro eram para elas mais difícil que no nordeste, onde deslocavam-se grandes distancias para lavar roupas nas margens dos rios, pois apesar da abundância de água e não haver necessidade de sair das residências para efetuar a lavagem e concertos de roupas, as atividades eram mais difíceis que no nordeste. Pois, enquanto no nordeste elas lavavam apenas as roupas dos filhos e maridos, no Pontal do Triângulo além de roupas da família elas lavavam as roupas dos peões que trabalhavam na fazenda.

E este lavar roupas não era só para cumprir a obrigação doméstica, como era feito no nordeste. No Triângulo Mineiro elas lavavam roupas para complementar a renda familiar, o que nos instiga a pensar o quanto a vida deles era precária.

³⁸ Senhora Jacy Medeiros dos Santos. 70 anos. Aposentada. Entrevista realizada 03/03/04. É natural de Cruzeta, Rio Grande do Norte. Veio para Ituiutaba em 1950. Deslocou-se para Uberlândia em 1973. Atualmente reside no bairro Tibery.

³⁹ Senhora Jacy Medeiros dos Santos. 70 anos. Aposentada. Entrevista realizada 03/03/04. É natural de Cruzeta, Rio Grande do Norte. Veio par Ituiutaba em 1950. Deslocou-se para Uberlândia em 1973. Atualmente reside no bairro Tibery.

A mão-de-obra empregada nas lavouras de arroz do Pontal do Triângulo Mineiro era praticamente de nordestinos chamados “Peão de chatão”.⁴⁰

Nos anos da década de 1950, não existia os chamados bóias frias na região, que moravam nas cidades e deslocavam-se para zona rural para prestar serviço, os trabalhadores viviam na zona rural mesmo.

As pessoas permaneciam alojadas nas fazendas para trabalharem principalmente nas épocas de plantação e colheitas. Estes peões de chatão, não tinham a obrigatoriedade de ficar morando nas fazendas, quando acabava os períodos de serviços, em determinada propriedade, eles procuravam outras fazendas em busca de trabalho.

Muitos nordestinos, principalmente os que não tinham família descolavam dentro da região do Triângulo Mineiro e parte do estado de Goiás à procura de serviços: *Capinava arroz, naquele tempo o povo prantava muito arroz, trabaia de peão de chatão, naquele tempo não tinha bóia fria né, era chatão né... ai eu fiquei correndo o trecho Goiais Minas.*⁴¹

Percebe-se que neste depoimento o quanto era difícil trabalhar e morar nesta região, viviam sobre incertezas deslocavam-se de fazenda em fazenda na tentativa de encontrar trabalho e um lugar para morar.

Algumas famílias conseguiam residência permanente nas fazendas. Mas era um número bem reduzido. Na época das safras, os fazendeiros contratavam os peões de chatão e depois da colheita estas pessoas eram dispensadas.

Uma minoria de fazendeiros do Pontal do Triângulo Mineiro e de Goiás, possuíam pessoas que ficavam ao lado destes fazendeiros armados. E nestas fazendas onde tinham homens armados. O momento de efetuar o pagamento pela jornada de trabalho era bastante complicado. *Nestas fazendas logo após efetuar o pagamento os fazendeiros enviavam os jagunços.*⁴²

Lembro de ver várias pessoas falar que tinha fazendeiros nesse Goiais, Minas, ai que, se pagava sua conta... e falava não eu quero embora não vai ficar aqui vou embora não vou ficar aqui vou embora

⁴⁰ Chatão era o alojamento construído para estes trabalhadores temporários. Daí a expressão Peão de chatão.

⁴¹ Senhor Jorge Barros Branco da Silva. 65 anos. Lavrador. É natural de natal Rio Grande do Norte. Veio para Capinópolis em 1950, onde permanece até os dias atuais. Entrevista realizada 01/01/04.

⁴² Jagunços. Eram homens encarregados da segurança da propriedade dos fazendeiros.

eles te pagava e lá na frente eles te apagava isso é ocorrido no país, no mundo inteiro, isso todo mundo sabe disso, então era desse jeito os que vieram com nós. ⁴³

Esta era a realidade dos trabalhadores migrantes nordestinos no Pontal do Triângulo Mineiro, trabalhavam sobre ameaça dos fazendeiros que possuíam homens armados em suas propriedades. Havia na região rumores que alguns fazendeiros utilizavam estes homens para recuperar dinheiro pago aos trabalhadores, e também como castigo para os que desobedeciam as ordens destes fazendeiros.

Entretanto, estes fatos não podem ser generalizados, alguns fazendeiros usavam deste artifício na região para intimidar os trabalhadores, segundo a fala do depoente. A década de 50 foi um período onde os fazendeiros da região detinham grande poder e influência e é provável que alguns deles tenham utilizado a força para manter os trabalhadores sobre o seu poder realizando atitudes que lhe conviesse.

Neste contexto, de possíveis ameaças por parte de alguns fazendeiros e muito trabalho, viviam os nordestinos nas fazendas do Pontal do Triângulo Mineiro. Entretanto, apesar da grande importância da agricultura, esta estava atravessando crises. E mesmo durante a chegada dos nordestinos essa crise já despontava: *Milhares de famílias deslocando-se de diversos municípios do Estado e do Norte do país em busca de promissoras terras triangulinas com a esperança de encontrarem na cultura do arroz para seus males financeiros estão completamente desorientados pelos preços baixos dos produtos. Milhares de famílias que estão enfrentado os maiores obstáculos estacionando-se em ranchos e barracas, as margens dos córregos e rios de nossos municípios de Ituiutaba, Tupaciguara e Capinópolis – assemelhando-se as estradas para o oeste americano, aguardam que o governo os compare nesta emergência não abandonando à sorte dos especuladores.* ⁴⁴

A crise que o cultivo de arroz estava passando no final da década de 1950 principalmente pela ausência de incentivos por parte do governo, também afetou os

⁴³ Senhor José Lourenço. 66 anos. Pedreiro. Entrevista realizada 02/02/04. É natural de São Paulo do Potengi Rio Grande do Norte. Veio para a região de Ituiutaba em 1954. Deslocou-se para Uberlândia em 1973. Atualmente reside no Bairro Planalto.

⁴⁴ JUNIOR, João de Barros Ferreira. “As lavouras de Arroz do Triângulo Mineiro estão sendo abandonadas por falta de preço”. *O Correio de Uberlândia*, Uberlândia, 14 de Maio de 1950. p.3.

migrantes nordestinos que estavam deslocando do nordeste para esta região em busca de uma vida melhor.

Pois já se encaminhavam para esta região sem saber o que os esperavam. Em outra reportagem publicada pelo jornal em 1950, percebe-se que além da crise do arroz que estava fazendo com que os trabalhadores passassem necessidade havia também os problemas dos fazendeiros locais, que exploravam em demasia a mão-de-obra vinda do nordeste e outras regiões brasileiras:

*Toda a imprensa do Brasil comenta a safra do triângulo mineiro a maior ultimamente verificada... aliás o montante vultuoso a colheita não é uma notícia verdadeira para o povo da região agrícola, como pode parecer. O preço do arroz, mercê das manobras dos industriais do beneficiamento e dos comerciantes do armazenamento decresceu espontaneamente... no que concerne ao ponto, posto na lavoura ou nas próprias máquinas. E os camponeses gastavam trabalho dinheiro e tempo nas culturas para no final arcar com todos os prejuízos da baixa. É de se esperar, entretanto que esse êxodo não se verifique. Os camponeses de Canápolis já sabem que a terra é boa e quem não presta são os donos da terra. O que eles devem fazer, e farão, por certo é livrar-se da praga dos coronéis que os exploram para poder aferir os benefícios de seu próprio trabalho.*⁴⁵

Esta reportagem aponta três linhas de raciocínio que analisaremos a seguir.

A explicação para o fato dos fazendeiros financiarem o transporte destas pessoas de tão longe é em primeiro lugar porque a mão-de-obra nordestina era abundante, outra devido as condições de vida no nordeste pois assim era mais fácil convencê-los a se deslocarem para o Triângulo Mineiro, devido a própria ausência de trabalho em muitos locais do nordeste, estes fatores atraíam mão-de-obra, necessitada de trabalho tão abundante na nossa região, nesta época.

O segundo raciocínio, é que a crise que fez os nordestinos saírem do Pontal do Triângulo Mineiro para Uberlândia, onde eles chegaram em meados de 1973, é bem anterior. Portanto, a crise começou anteriormente a chegada dos nordestinos e foi-se agravando ao longo dos anos, e eles foram se retirando, até que em escala expressiva em

⁴⁵ JUNIOR, João de Barros Ferreira. "O arroz e o mentiroso". *O correio de Uberlândia*, Uberlândia, 19 de Agosto de 1950. p.3.

1973, as pessoas resolveram abandonar o Pontal do Triângulo Mineiro em direção a Uberlândia.

O terceiro e último raciocínio é o seguinte, sendo Uberlândia superior as demais cidades da região; fizeram com que as Indústrias de beneficiamento de arroz e armazenamento, se instalassem em Uberlândia, por causa da facilidade da escoação desse cereal, graças às rodovias que cortam a cidade e a linha férrea. Estes fatos fizeram com que os recursos viessem para Uberlândia e as demais cidades da região fossem prejudicadas; outro fator importante para a crise, é que os industriais e comerciantes responsáveis pelo beneficiamento do arroz estavam em Uberlândia e eles manipulavam a compra deste cereal. Prejudicando o Pontal do Triângulo Mineiro, região exclusivamente produtora. Estas questões foram responsáveis ao longo dos anos pelo empobrecimento da região do Pontal do Triângulo Mineiro e o crescimento econômico de Uberlândia, fazendo com que as pessoas deslocassem das cidades do Pontal, em direção a Uberlândia, vista como mais promissora.

Em 1973 Uberlândia tinha a seu favor vários fatores para justificar o seu crescimento econômico. As rodovias que ligavam a cidade a qualquer parte do território federal; o apoio político do governador do Estado, que por sua vez era o uberlandense Rondon Pacheco, dentre outros que favoreceram. A cidade passou a receber incentivos para que as grandes empresas instalassem as suas filiais no setor industrial de Uberlândia; proporcionando o deslocamento das pessoas da região e de outros locais do país para esta cidade.

Neste contexto, o país atravessava o chamado milagre econômico, e também repressão política. O milagre econômico aconteceu porque o PIB brasileiro entre 1968 a 1973, aumentava cerca de 10% ao ano, por isso o período ficou conhecido como milagre econômico. Este milagre só foi possível porque diferente da primeira metade da década de 1950, onde havia a grande dificuldade em obter o capital estrangeiro. Na década de 1970 o capital estava disponível. A expansão do mercado consumidor e o incentivo as exportações foram outros fatores que proporcionavam este chamado milagre econômico. Milagre pra quem?

É inegável que o país estava crescendo e que realmente existia uma expansão econômica. Entretanto entre ser milagre ...

No país dos recordes estatísticos, outros números desnudavam a face do “milagre” para imensa massa de trabalhadores da cidade

e do campo mais da metade dos assalariados recebiam menos de um salário mínimo ⁴⁶

Eram poucas as pessoas que compartilhavam desse milagre, os nordestinos e outros trabalhadores viviam com menos de um salário mínimo. Se existia trabalho, para a maioria porém as condições de vida e os salários, eram muito baixos, reforçando a exclusão social.

Neste período os chamados símbolos nacionais: à música e o cinema foram largamente explorados para difundir uma ideologia que associava ao regime militar valores positivos, como patriotismo, segurança nacional e desenvolvimento.

Em 1973 o país crescia, assim como as desigualdades sociais se alargavam. Quem desfrutava deste desenvolvimento era uma pequena parcela da população brasileira, a maioria estava naquele período excluída, e ainda com forte repressão por parte dos militares. Assim vivia o país em 1973.

Em 1950, a cidade possuía uma malha rodoviária significativa que ligava várias regiões brasileiras, em 1973 esta malha rodoviária foi ampliada, dando-lhe suporte para o crescimento econômico, entretanto esta ampliação e construções de novas rodovias, possibilitou a Uberlândia ser chamada pelos setores dominantes de “*encruzilhada do Brasil*”.

Seremos ponto de passagem forçada do nordeste do Brasil, dos estados da Bahia, Espírito Santo, Rio de Janeiro e do sudeste Goiano e Mato Grosso desde que estejam asfaltados nossas rodovias com Araxá e Montes Claros. ⁴⁷

Por causa destes investimentos na malha rodoviária a cidade crescia em todos os setores, ou seja, a economia, a população, a miséria, os conflitos:.

Tem os uberlandenses razões de sobra para se ufanarem de sua terra. É ela satisfatoriamente rica, alegre, bela e próspera para fazer felizes os seus filhos. E agora deu para crescer aceleradamente sob todos os aspectos em área urbana, população, riqueza e cultura 200.000 habitantes. Meses atrás um americano da Califórnia habituado a estatística, em que se revelou legítimo representante de seu povo manifestava-nos sua impressão de estar, nossa cidade aumentando as suas almas, em mais de 1.000 mil por mês. ⁴⁸

⁴⁶ HABERT, Nadine. *A década de 70. Apogeu e crise da ditadura militar brasileira*. 2º ed. Ed. Ática. São Paulo. 1994. p.12.

⁴⁷ *O Correio de Uberlândia*, Uberlândia, 4 de Abril de 1973. p.3.

⁴⁸ MELLO, João Edílson de. *Uberlândia encruzilhada do Brasil*. **O Correio de Uberlândia**, Uberlândia 02 de Abril de 1973. p.1.

Percebe-se que o discurso é muito próximo ao da década de 1950, continuavam a glorificar o crescimento da cidade, tornando-a, o melhor lugar para viver. O preconceito contra os migrantes agora é mais camuflado, e não é tão explícito como era na década de 1950. Os setores dominantes reconhecem em parte que a mão-de-obra dos migrantes é necessária ao desenvolvimento da cidade, todavia não aparece nestas reportagens as questões sociais e as desigualdades. Este tipo de reportagem vem desconexa e esporádica para não prejudicar a imagem que se criava de Uberlândia tornava-se um pólo industrial do interior do Brasil. Entretanto, uma cidade com 200.000 habitantes e que crescia aproximadamente esta população em torno de 1000 por mês.

Será que Uberlândia tinha estrutura neste período para receber este número de pessoas? Será que havia empregos para todos que chegavam aqui? – São questões difíceis de responder, porém a periferia da cidade foi se enchendo trazendo conseqüência grave para os que aqui chegavam, daí o aumento de bairros periféricos que começaram nesta época para tentar acomodar estas pessoas. As invasões de áreas não habitadas foram acontecendo, sem nenhuma infra-estrutura. Porém as reportagens da época não apontavam claramente estes problemas. A questão do emprego, a maioria das pessoas não possuíam qualificação para trabalhar nas indústrias por causa das suas experiências na agricultura; boa parte destas pessoas trabalharam em serviços que aproximavam da realidade rural.

Instalavam-se no setor industrial de Uberlândia, em 1973 as indústrias têxteis japonesas *Daiwa do Brasil e a Fujiwara Hisato*.⁴⁹ Estas empresas possibilitavam à cidade receber um maior número de migrantes, principalmente os nordestinos, por se tratar de uma agroindústria elas absorveram boa parte dos migrantes nordestinos oriundos da zona rural do Pontal do Triângulo Mineiro. *Fui trabalhar na Fujiwara, né? lá eu trabalhei mais, mais de 3 ano né..*⁵⁰ A mão-de-obra dos migrantes foi empregada nos serviços que

⁴⁹ O grupo Fujiwara Hisato S/A. comércio e indústria, fez publicar o relatório de sua diretoria de Uberlândia também figurou com destaque e foi este o pronunciamento oficial do grande grupo industrial, sobre o empreendimento que está sendo uma realidade no distrito industrial de nossa cidade. Término da primeira etapa do complexo industrial, em abril de 1973, com a Fábrica de óleos vegetais, para atender as necessidades de colocação de caroço de algodão, soja e amendoim de Minas Gerais e Sul e Sudoeste de Goiás, cujo potencial atual de produção de matéria prima é excepcional, com perspectivas de surto extraordinário de produção. A construção desta fábrica prevê em investimento total de CR\$: 24,192. 28,00 e fixo de CR\$... 17,833. 290,00. É no momento o maior empreendimento em todo Brasil Central, em termos de agroindústria. *O Correio de Uberlândia, Uberlândia*. 4 de Janeiro de 1973. p. 4. O projeto Daiwa do Brasil têxtil LTDA, que manterá um complexo têxtil movimentando fiação e tecelagem de algodão, tinturaria e estamparia, e em seu estágio final a própria confecção, tem um investimento fixo inicial de 10 mil dólares aproximadamente e 60 mil cruzeiros num total de 50 milhões de cruzeiros. A obra será iniciada até o final deste mês trabalhando-se dia e noite. *O correio de Uberlândia, Uberlândia*, 26 de Janeiro de 1973. p.3.

⁵⁰ Senhor Valdenor Dantas. 67 anos comerciante. Entrevista realizada 28/02/04. É natural Piauí Paraíba. Veio para a região de Capinópolis em 1958, deslocando-se para Uberlândia em 1973, atualmente reside no Bairro Oliveira.

não exigiam muita qualificação, no caso do senhor Valdenor, ele trabalhou nesta empresa japonesa de chapa, ou seja, carregando sacos de algodão e outros produtos.

Neste sentido, outras empresas já haviam instalado suas filiais em Uberlândia já a alguns anos, outras continuavam à chegar absorvendo esta mão-de-obra disponível na cidade. As empresas eram *Casemg*, *Reimassas*, *Frigorífico Omega*, *Coca-Cola* e outras. E boa parte dessas empresas era voltada para agroindústria e esta característica, proporcionou aos migrantes nordestinos encontrarem então possibilidades de trabalho na cidade.

A chegada de equipamentos para modernizar as indústrias de Uberlândia, era motivo para paralisar a cidade estava desenvolvendo-se cada vez mais:

*Foi na tarde de quarta-feira que a cidade assistiu a mais um desfile propagando a nossa grandeza e a pujança da gente Uberlandense. Agora era a vez de Reimassas mostrar a Uberlândia a chegada da primeira linha de produção das três adquiridas para ampliar a produção da grande indústria de nossa terra.*⁵¹

A chegada de novos equipamentos era momentos de festas, e ao mesmo tempo de reforçar os ideais que a cidade crescia sem nenhum problema grave, não havia tristeza, sofrimento e desigualdades; segundo a reportagem, as máquinas desfilavam ao som de músicas exaltando o progresso da cidade, ouviam-se ao fundo os barulhos de foguetes, nas laterais dos caminhões, fixavam-se slogan que exaltavam o desenvolvimento da cidade de Uberlândia. Dessa forma a cidade vivia sobre a aparência do “milagre econômico” encobrendo por meio dessas manifestações as desigualdades sociais e outros problemas.

Todavia, para fazer um paralelo com discurso dominante de Uberlândia, analisaremos a seguir depoimentos dos migrantes nordestinos para percebermos o que eles pensavam a respeito destas questões, e como eles viviam em Uberlândia em 1973. Dando prosseguimento a estas questões supra citados, alguns migrantes nordestinos relataram-nos que durante a chegada nesta cidade no período analisado, não encontraram dificuldade para encontrar trabalho e local para morar:

Em 1973 mudamo pro Uberlândia, aí quando nois chegamo aqui e arrumamo uma casinha, lá, no bairro Tubalina, aí ficamo por ali, lá si todo mundo foi arrumando serviço, né, eu arrumei serviço no Praia

⁵¹ *O correio de Uberlândia*, Uberlândia, 06 de outubro de 1973. p.4.

*Clube, né, meus irmão arrumou serviço em oficina e todo mundo começou a trabaiá..*⁵².

Segundo as palavras do senhor José Lourenço a sua família não encontrou dificuldades para conseguir trabalho nesta cidade. Entretanto aquilo que nos falamos anteriormente se faz presente em sua fala, os trabalhos que esta família conseguiu foi de porteiro no Praia Clube e trabalhos em oficinas mecânicas da cidade os quais não foram relatados; vejamos “porteiro”, um trabalho que não exigia naquela época qualificação, o que a maioria dos migrantes não possuíam, oficinas mecânicas, já são trabalhos que aproveitavam as experiências dessas pessoas na zona rural, onde operavam tratores e adquiriram algum conhecimento a respeito de máquinas agrícolas e outras experiências adquiridas ao longo de suas vidas, possibilitavam esse tipo de trabalho.

As mulheres migrantes e suas filhas que já possuíam alguma qualificação, começavam a trabalhar nas indústrias têxteis e escritórios de empresas em Uberlândia.

*“Uma era cortando pano na fábrica e que passava punha na máquina põe na mesa(?) ela que cortava né, e outra trabalhava na caixa e outra trabalhava no Alberto no escritório e outra trabalhava na Gomide, e a outra trabalhava pro seu Álvaro que era um depósito de areia”.*⁵³

As mulheres nordestinas que detinha uma grande experiência no concerto e fabricação e lavagem de roupas, aliás, experiências que elas adquiriram lá no sertão nordestino lavando roupas nas margens dos rios daquela região e depois na região do Pontal do Triângulo Mineiro, agora é aproveitada nas recém instaladas fábricas têxteis de Uberlândia.

As suas filhas que tiveram oportunidade de estudar e qualificar-se, trabalhavam nos escritórios das empresas em Uberlândia, que naquele período eram bastante exigentes, devido o tamanho da mão-de-obra disponível em 1973. A respeito desta exigência

⁵² Senhor José Lourenço; entrevista realizada em 02/02/04, 66 anos. Pedreiro. É natural do município de São Paulo do Potengi; Rio Grande do Norte. Veio para a região de Ituiutaba – MG em 1954, permanecendo nesta região até 1973, vindo morara em Uberlândia, onde reside até os dias atuais no bairro Planalto.

⁵³ Senhora Jacy Medeiros dos Santos. 70 anos. Aposentada. Entrevista realizada 03/03/04. É natural de Cruzeta. Rio Grande do Norte. Veio para Ituiutaba em 1950. Deslocou-se para Uberlândia em 1973. atualmente reside no Bairro Tibery.

transcrevemos a seguir um anúncio de emprego publicado pelo Jornal o Correio de Uberlândia que demonstra estas questões que acabamos de dizer: Conforme citação

Reimassas – precisa/moça auxiliar

Exige:

- *Prática de contabilidade*
- *Excelente datilografia*
- *Idade de 18 a 30 anos*

Oferece:

- *Bom salário*
- *Ótimo local de trabalho*
- *Oportunidade* ⁵⁴

Este anúncio demonstra que as empresas exigiam um certo grau de qualificação. Para trabalharem em escritórios e outros, e alguns filhos de nordestinos conseguiram preencher estes requisitos, principalmente as mulheres. Os que não possuíam este tipo de qualificação valiam de suas experiências para conseguir trabalhos no mercado. Por outro lado, uma questão que deve ser relatada e aqueles que não encaixavam nestes perfis supra citados o que faziam? Nem as entrevistas e tão pouco o jornal, possibilitavam a resposta desta questão e outras, tais como: será que Uberlândia absorveu toda esta mão-de-obra? Ou seja, será que a cidade não tinha desempregados? Pela análise das entrevistas e do jornal, a indagação se faz presente, mas algumas possíveis evidências de dificuldades vão se afirmando.

Algumas famílias encontravam dificuldades para construir suas residências. A família da senhora Josefa encontrou uma série de obstáculos para construir sua casinha na periferia de Uberlândia. Os primeiros obstáculos foram relacionados a limpar o mato que cobria o terreno que ela iria adquirir:

“Aí vim mais ela, com uma foice metendo o pau rancando mato, cortando pra saber descobrindo, ainda tinha uns pedacinhos de pau

⁵⁴ *O Correio de Uberlândia*. Uberlândia, 28 de Fevereiro de 1973. p.2.

assim, cheguei já de tardezinha, aquela mata danada, entremo lá em baixo que a casa dele era até mais perto do vale”.⁵⁵

Logo após a limpeza dessa área chegou o suposto proprietário desse terreno para vendê-lo para dona Josefa:

“Chegô o home pra mim intregá o chã, pra ganhá dinheiro, aí eu tava lá mais uma cumade minha, - Eu vim medir o chã pra intregá pra senhora eu disse – Medi o chã se nois já medimo, só havia a picada, tá vendo a picada, o sinhô não veio, eu quero faze minha casinha, cê não veio essa muê conhece tudo aqui, vim, vinha picado tudo e olha não vou pagá não, uma que eu não tenho dinheiro, outra que sua firma não tá aqui nesse mato, era 30 assim e 10 assim”.⁵⁶

Enquanto as questões relacionadas ao emprego, parecia uma maravilha sem nenhum problema grave, segundo relatos. Com relação a ocupação urbana, adquirir uma casa para morar nesta cidade, as condições não eram as mesmas do trabalho. Uma série de elementos são possíveis de ser extraído dessa transcrição, ocupação desordenada de áreas que na verdade não possuíam proprietário, aparecendo vários ocupantes, como é o caso de Dona Josefa. Por outro lado, especulação imobiliária que super valorizava os terrenos disponíveis nesta cidade, dificultando o acesso à moradia na cidade pois boa parte dos nordestinos não tinham condições de adquirir estes terrenos, sendo obrigados a ocupar áreas disponíveis em outros locais como afirmou a senhora Josefa. Entretanto estes problemas apareciam na imprensa local e alguns depoimentos dos migrantes nordestinos mencionavam estes tais problemas. Dessa forma o cidadão de Uberlândia vivia sobre o manto do progresso e das exclusões sociais. Para os que não tinham casa a solução era o financiamento:

“More no segredo de toda essa folga do tranqüilão: a casa própria. Enquanto ainda tem tanta gente morando por aí na base do aluguel, o

⁵⁵ Senhora Josefa Felix de Souza. 85 anos. Aposentada. Entrevista realizada 28/03/04. É natural da Fazenda Cachoeira do Sapo. Rio Grande do Norte. Veio para Ituiutaba em 1954. Deslocou-se para Uberlândia em 1973. Atualmente reside no Bairro Jaraguá.

*tranqüilão está feliz da vida, despreocupado, está na dele. Não bobeie não. Abra logo sua conta. Aproveite os novos planos de financiamento da caixa econômica Estadual e fique também na sua casa própria".*⁵⁷

Esta propaganda aponta-nos que existia muitas pessoas vivendo de aluguel, sem casa própria. E a solução seria o endividamento através de financiamento de casa em conjuntos afastados do centro, ou seja, na periferia da cidade de Uberlândia.

Em outras reportagens percebemos que Uberlândia vivia sobre aparência de otimismo e os problemas eram camuflados.

"Meu caro Renato

*Dizem que suas aparências foram interpretadas em toda região, como o mais negativo dos pronunciamentos que um prefeito poderia fazer. Uberlândia vivia um clima de otimismo. Até grandes empreendimentos em relação a conquista de indústrias e de euforia quanto as obras e as conquistas. Quando você disse que realmente estávamos em dificuldades para obras para manutenção das entidades de ação social e para continuar dando emprego a 400 chefes de família, a bomba estourou em toda região. A televisão, que cobre todo o Brasil, canal 08, que tudo que estava acontecendo era a transição de um governo. Mas que estas dificuldades não tão facilmente contornáveis, que ainda este ano, você poderá dar continuidade as obras semi-paralisadas e conquistar para nosso distrito industrial, novas indústrias que aproveitarão a produção agrária da região".*⁵⁸

A imprensa local queria passar uma idéia que Uberlândia não tinha problema. "*A Uberlândia que cresce e que se agiganta*". E os problemas relacionados a exclusão social e obras paradas eram um problema de transição de governo... *que tudo que estava*

⁵⁶ Senhora Josefa Felix de Souza. 85 anos. Aposentada. Entrevista realizada 28/03/04. É natural da Fazenda do Sapo. Rio Grande do Norte. Veio para Ituiutaba em 1954. Deslocou-se para Uberlândia em 1973. Atualmente reside no Bairro Jaraguá.

⁵⁷ *Casa própria? O tranqüilão está na dele* (Propaganda). **Correio de Uberlândia**, Uberlândia, 2 de Abril de 1973. p.2.

⁵⁸ QUERINO, Luiz Fernando. *A vida é mesmo Assim Bilhetinhos*. **O Correio de Uberlândia**, Uberlândia, 6 de Abril de 1973. p.6.

acontecendo, era a transição de um governo para outro". Diante destes fatos a cidade vivia sobre a aparência de tranquilidade, porém a realidade era outra e a imprensa tentava camuflar estes problemas, que a reportagem supra citada sugere como paralisação de obras, etc. Dessa forma a cidade vivia o ano de 1973 sobre aparente otimismo, mas exclusões sociais as desigualdades faziam parte desse aparente progresso. Assim desvelar as relações sociais na cidade é tentar ver seus sujeitos e o cotidiano ou quanto estão inseridas, mesmo que parcialmente e com idas e vindas

CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Hoje nas terras do sul/ Longe do torrão
natal/ Quando vejô em minha frente/ Uma
boiada passar/ As águas corre nos oios/
Começo logo a chorar/ me lembro a vaca
estrela / me lembro meu boi fubá / Com
saúde do nordeste/Da vontade de Aboiá.
(Vaca Estrela e Boi Fubá – Patativa de
Assaré; 1956)*

Ao ingressarmos na parte final deste trabalho gostaríamos de esboçar alguns comentários sobre a realidade dos migrantes nordestinos, que presenciamos no memento das entrevistas. A situação de Dona Josefa¹, Senhor Valdenor Dantas² e Senhor Francisco Rosa³ merece maiores considerações.

Dona Josefa com 85 anos de idade, com problemas respiratórios, no momento da entrevista ela respirava com ajuda de um aparelho, Abandonada por todos, morando em uma casa pequenina no bairro Jaraguá. E com estes problemas de saúde ainda é obrigada a fazer “tapetes” para complementar a renda da aposentadoria.

Senhor Valdenor Dantas aposentado com problemas de saúde, do mesmo modo de Dona Josefa, ainda trabalhando em um pequeno estabelecimento comercial para complementar a renda da aposentadoria. Mora sozinho no bairro Oliveira.

E o senhor Francisco Rosa, com 85 anos de idade, aposentado depende da ajuda da Igreja Assembléia de Deus para morar em Uberlândia. A igreja cedeu um pequenino quarto nos fundos de sua sede na Avenida Rondon Pacheco para que este pudesse morar.

Através da observação da realidade destes entrevistados, e do olhar sobre os espaços públicos de Uberlândia, principalmente as praças, que estão cheias de migrantes que veio

¹ Senhora Josefa Felix de Souza. Entrevista realizada em 28/03/04, 85 anos. Aposentada. É natural da fazenda Cachoeira do Sapo. Rio Grande do Norte. Veio para região de Ituiutaba –MG em 1954, permanecendo neste local até 1973, vindo morar em Uberlândia, onde permanece até os dias atuais, residindo no bairro Jaraguá. Durante o dia faz tapetes para complementar a renda da aposentadoria.

² Valdenor Dantas, entrevista realizada em 28/02/04. 67 anos. Comerciante. É natural do município de Piauí Paraíba. Veio para o município de Capinópolis–MG em 1958, permanecendo neste município até 1973, deslocando-se para Uberlândia, onde permanece até os dias atuais, no bairro Oliveira.

³ Senhor Francisco Dionísio Rosa de Menezes. Entrevista realizada em 24/11/03. 85 anos. Aposentado. É natural do município de São Pedro, Piauí. Veio para a região de Buriti Alegre. Goiás, em 1954. Deslocou-se

de todos os cantos do país em busca de uma vida melhor. Na sua maioria, atraídos por propaganda de que Uberlândia é uma das melhores cidades do país.

“(...) Fazendo-as perceber que, se num primeiro momento Uberlândia lhes transmite a sensação de ser um local bom para se construir novos modos de viver, aos poucos vai demonstrando a segregação e as dificuldades para o viver melhor.”⁴

Ao chegar aqui encontravam outra realidade não tem assistência de saúde, outros não tem lugar para morar, depende da ajuda de instituições como a igreja. Agora são excluídos os que não conseguem residências, trabalhos e nem ajuda dos outros, tão pouco do poder público. Dormem nas praças, e para alimentar conta com a caridade das pessoas. Outros estão de baixo das pontes e viadutos, e a única chance de ganhar algum dinheiro e vigiar carros nos eventos, que acontece na cidade, outros catam papel etc, em busca de melhores condições de vida.

A sociedade uberlandense vira as costas para estes excluídos; se sentem constrangidos ao ter estes migrantes perto de seus edifícios e de seus carros. Para constatar esta realidade basta ir às praças “*Tubal Vilela, Sérgio Pacheco, Terminal Rodoviário*”, e outros lugares da cidade.

Todavia dentro desta realidade uberlandense, percebemos que os nordestinos ainda continuam a caminho, ou seja, em busca de melhores condições de vida, buscando ser aceito por esta sociedade, na tentativa de conquistar uma casa própria, emprego e saúde.

Ao cruzarmos a análise das entrevistas com a realidade dos migrantes nordestinos percebemos, que em algumas entrevistas eles afirmaram que a suas vidas hoje em Uberlândia esta “boa”. Porém a realidade que encontramos e outra, como é o caso de Dona Josefa, Valdenor Dantas e Francisco Rosa. Entretanto não podemos afirmar que algo é “bom” ou “ruim” na vida destas pessoas. Elas estão constantemente avaliando as suas vidas atribuindo outros valores e significados.

para Uberlândia em 1973, onde permanece até os dias atuais. Mora em um quarto cedido pela Igreja Assembléia de Deus, na avenida Rondon Pacheco.

⁴ BATISTA, Sheille de Freitas. *Buscando a cidade e construindo Viveres relações entre campo e cidade*. UFU. Uberlândia 2003 (Dissertação/ mestrado) p.4.

*“As falas dos depoentes não são falsas, muito menos procuram nos enganar, elas possuem um sentido em si mesmas, pois respondem as esperanças, desejos e possibilidades que eles incluem nos seus momentos vividos. Os entrevistados nos apresentam versões de como a história se deu de modo a satisfazer suas expectativas.”*⁵

Dessa forma a cada momento de sua trajetória estes migrantes estão atribuindo valores, ou seja, a cada momento estão vivendo as suas vidas de acordo com a realidade do momento.

Por outro lado, o discurso da década de 1950 onde era constantemente afirmado pela imprensa local, que a imagem do migrante era associado ao “desordeiro” etc, esta imagem permanece atualmente, basta percebermos o discurso das pessoas. No dia-a-dia nesta cidade, para constatarmos que tudo que acontece de ruim ainda em alguns casos é associado aos migrantes.⁶

Esta é uma leitura que fizemos do tema, gostaríamos de lembrar que este tema ainda proporciona muitas leituras e interpretações, esperamos através dessas possíveis leituras e interpretações, contribuições para enriquecermos a nossa pesquisa, à respeito da “migração nordestina”.

Ainda gostaríamos de enfatizar que por falta de tempo, devido o trabalho, a inexperiência com relação a pesquisa, pode ter prejudicado a confecção desta monografia. Porém dentro destas limitações procuramos empenhar ao máximo para que este trabalho ficasse pronto para que nós pudéssemos concluir o curso de bacharelado e licenciatura em História.

⁵ PORTELLI, A. *Sonhos Ucrônicos. Memória e possíveis mundos dos trabalhadores*. Tradução Maria Therezinha Janine Ribeiro. In: Projeto História, São Paulo: Educ, n.10, dez. 1993, p.41-58.apud: BATISTA, Sheille Soares de Freitas. *Buscando a cidade e construindo Viveres relações entre campo e cidade*. UFU. Uberlândia. 2003.p..98 (Dissertação Mestrado).

⁶ Quando estávamos no interior de ônibus A100 ouvi uma pessoa que estava sentada a minha frente. Comentar com outra pessoa, a seguinte fala:” *Aposto que todos estes que estão neste ônibus são migrantes, vieram de fora, eu não; sou Uberlândense, nasci no Hospital Santa Clara*”. Este comentário me chamou atenção porque permanece atualmente o mesmo pré-conceito a respeito dos migrantes assim como nos anos 50, onde os migrantes eram associados à desordeiros, etc. Este discurso prevalece até hoje de forma mascarada.

Fontes

Jornais de Uberlândia

- Jornal Correio de Uberlândia (atual Correio) 1950 à 1959, 1º e 2º semestre de 1973.

Músicas:

- Asa Branca (1947)
- Vozes da Seca (1953)
- A triste Partida (1964)

Epígrafe:

- Pau-de-Arara (1952)
- A Vida de Viajante (1953)
- Volta da Asa Branca (1950)
- Vaca Estrela e Boi Fubá (1956)

Fontes orais:

- Senhor José Lorenzo. Entrevista realizada em 2/02/04. 66 anos. Pedreiro. É natural do município de São Paulo do Potegí, Rio Grande do Norte, veio para a região de Ituiutaba – MG, em 1954 permanecendo neste local até 1973, vindo a morar em Uberlândia onde permanece até os dias atuais, no bairro Planalto.
- Senhor Valdenor Dantas. 67 anos, comerciante. Entrevista realizada em 28/02/04. É natural de Piauí, Paraíba. Veio para a região de Capinópolis em 1958. Deslocando-se para Uberlândia em 1973, onde permanece até os dias atuais. Residindo no Bairro Oliveira.
- Senhora Jacy Medeiros do Santos 70 anos. Aposentada. Entrevista realizada 03/03/04. É natural de Cruzeta, Rio Grande do Norte. Veio para Ituiutaba em 1950. deslocou-se para Uberlândia em 1973. atualmente reside no bairro Tibery.
- Senhor Jorge Barro Branco as Silva. 65 anos. Lavrador. É natural de Natal, Rio Grande do Norte. Veio para Capinópolis em 1950, onde permanece até os dias atuais. Entrevista realizada em 01/01/04.
- Senhora Josefa Felix de Souza. 85 anos. Aposentada. Entrevista realizada em 28/03/04. É natural da fazenda Cachoeira do Sapo. Rio Grande do Norte. Veio para Ituiutaba – MG em 1954. deslocou-se para Uberlândia em 1973. Atualmente reside no bairro Jaraguá.
- Senhor Francisco Dionísio Rosa de Menezes. Entrevista realizada em 24/11/03. 85 anos. Aposentado. É natural do município de São Pedro, Piauí. Veio para a região de Buriti Alegre, Goiás, em 1954. Deslocou-se para Uberlândia em 1973, onde permanece até os dias atuais. Mora em um quarto cedido pela igreja Assembléia de Deus, na avenida Rondon Pacheco.

Bibliografia

CARVALHO, T.C. de. *Fotografia e Cidade: São Paulo na década de 1930*. História Pontifica. Universidade Católica, S/D, p.8. Dissertação (mestrado em história).

CHAUÍ, Marilena. *Conformismo e resistência: Aspectos da cultura popular no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 3ª ed. 1989.

BOSI Ecléa. *Cultura e desenraizamento*: in: Bosi, Alfredo. *Cultura brasileira: temas e situações* São Paulo: ed. Ática, 2ª ed. 1992.

DREYFUS, Dominique. *Vida do viajante: A saga de Luiz Gonzaga*. Prefácio de Gilberto Gil. São Paulo: ed. 34, 1996. (coleção ouvido musical).

Enciclopédia da Música Brasileira: erudita, folclórica e popular. Org. Marcondes, Marcos Antônio. Apresentação de Ribenboim, Ricardo – 2ª ed., São Paulo. art. Editora, 1998.

MORAES, José Geraldo Vinci de. *História e Música: canção popular e conhecimento histórico*. In: Revista Brasileira de História. São Paulo: ANPUH / Humanistas, 20 (39). V.20 2000, p. 203 – 221.

CARDOSO, Heloísa Helena Pacheco. *Os anos 50, o projeto de industrialização e o tema da reforma agrária*. In: MACHADO, Maria Clara Tomaz e PATRIOTA, Rosângela. (org). *Política, Cultura e Movimento Sociais*. Programa de Mestrado em História – UFU. Uberlândia 2001-pag. 43-57.

BARROS, Klebson Ferreira. *Associação dos Nordestinos em Uberlândia: uma análise das manifestações populares nordestinas inseridas no contexto progressista uberlandense – 1989 – 2001*. UFU. Uberlândia 2001 (monografia).

Revista Nova História da Música Popular Brasileira, Luiz Gonzaga, Humberto Teixeira, 1ª ed, São Paulo: Ed. Abril cultural, 1970.p.1-10.

PORTELLI, A. *Forma e significado na História oral*. In: *Projeto História*. São Paulo: Educ, n. 14, fev. 1997, p.25-39.

_____. *Sonhos Ucrônicos. Memórias e possíveis mudos dos trabalhadores*. Tradução RIBEIRO, Maria Therezinha Janine, In: *Projeto. História*, São Paulo: Educ, n. 10, dez. 1993, p. 41-58.

BATISTA, Sheille de Freitas. *Buscando a cidade e construindo Viveres relações entre campo e cidade*. UFU. Uberlândia 2003. p. 4 (Dissertação / Mestrado).

ROSA, Ivani. *Movimentos sociais no setor de transportes: retratos de uma sociedade antagônica – Uberlândia (1948 – 1984)* UFU, Uberlândia 2003 (monografia).

HABERT, Nadine. *A década de 70. Apogeu e Crise da ditadura militar, brasileira*. 2ª edição. Ed. Ática. São Paulo – 1994. p.12.

WILLIAMS, Raumont. *O campo e a cidade na história e na literatura*., São Paulo Companhia das letras, 1989. p-11.

_____, _____. *Marxismo e literatura*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

THOMPSON. E.P. *Costumes em comum*. São Paulo: Cia das Letras. 2002. p-14.

ROCHA, Melchiades da. *Bandoleiros das cantigas*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988 (coleção Ensaio e crítica).

Anexos

Anexo I



Pontal do Triângulo Mineiro

Anexo II

Histórico de Luiz Gonzaga

Filho do sanfoneiro Januário, que tocava em bailes e nas horas vagas consertava sanfonas, aprendeu a tocar o instrumento com o pai. Nascido numa fazenda, desde pequeno trabalhou na roça, tocando em bailes, forrós e feiras. Já era relativamente conhecido como sanfoneiro, quando, em 1930, fugiu de casa e foi para Fortaleza-CE, onde ingressou no exército. Com a Revolução de 1930, seu batalhão deslocou-se para a Paraíba e outros estados do Nordeste, seguindo depois para Juiz de Fora – MG. Ali conheceu Dominginhos Ambrósio, famoso sanfoneiro mineiro que também estava no exército e com quem estudou, além de aprender as músicas mais populares do sul. Transferido para Ouro Fino-MG, apresentou-se como sanfoneiro num clube local. Em 1939 foi para São Paulo-SP para comprar uma sanfona nova, seguindo depois para o Rio de Janeiro, onde deu baixa do exército. Passou então a se apresentar nos bares cariocas do Mangue, tocando fados, valsas e tangos, em dupla com o guitarrista português Xavier Pinheiro. Atuava também em cabarés da Lapa e festinhas, além de tocar nas ruas, passando o pires para recolher dinheiro. Depois começou a participar de programas de calouros, sempre apresentando um repertório de ritmos estrangeiros, sem êxito. Até que, no programa de calouros de Ari Barroso, Rádio Nacional, cantou o chamego *Vira e Mexe*, obtendo grande sucesso. Passou, então, a participar de vários programas radiofônicos e, em 1941, depois de acompanhar Genésio Arruda em uma gravação na Victor, foi convidado a gravar como solista. No início, gravou apenas músicas instrumentais (mais de 50 músicas). Lançou dois 78rpm pela RCA, Victor com a mazurca *Véspera de São João* (com Francisco Reis). *as Valsas, numa serenata* (de sua autoria) e *Saudades de São João Del Rey* (Simão Jandi), e o chamego *Vira e Mexe*. Ainda em 1941 foi contratado pela Rádio Clube do Brasil, apresentou-se em vários programas, entre os quais *Alma do Sertão*, onde substituiu Antenógenes Silva. Foi depois para a Rádio Tamoio, continuando também a gravar como sanfoneiro na Victor. Em 1943, na Rádio Nacional, uma das principais divulgadoras de ritmos regionais, em obediência à política de união cultural de Getúlio Vargas, encontrou-se com o sanfoneiro Pedro Raimundo, cujos trajes tipicamente gaúchos faziam grande sucesso, e teve a idéia de vesti-se como vaqueiro nordestino. Nesse mesmo ano, conheceu seu primeiro parceiro, Miguel Lima, que colocou letra em *Vira e Mexe*, transformando-a em *chamego*, música gravada com sucesso por Carmem Costa. Nessa época, recebeu de Paulo Gracindo o apelido de lua.

No início de 1945, gravou pela primeira vez como cantor, lançando pela RCA Victor mazurca, *Dança Mariquinha* (com Miguel Lima). Continuando a compor com Miguel Lima, gravou *Dezessete e Setecentos* que foi lançado também em 1945, pelo cantor Manezinho Araújo. No mesmo ano, lançou o chamego *Penero Xerém* em 1945, pelo cantor Manezinho Araújo. No mesmo ano, lançou o chamego *Penero Xerém* (com Miguel Lima) e a Mazurca *Cortando Pano* (com Miguel Lima e Jeová Portela), obtendo significativo êxito. A partir de agosto do mesmo ano, tornou-se parceiro do cearense Humberto Teixeira, com quem estabeleceu o ritmo, o estilo e a temática de uma nova categoria musical: *o baião*.

A parceria com Humberto Teixeira voltou-se para os costumes e as culturas nordestinas e rendeu-lhe alguns dos maiores êxitos de sua carreira, como *Baião de Dois*, lançado pelos *Quatro Ases e um Curinga* (1946), *no Meu Pé de Serra* (1946), *Asa Branca*, um de seus principais sucessos (1947) e *Juazeiro* (1948).

Ainda em 1945, assumiu a paternidade do filho da dançarina e cantora Odaléia. Dando-lhe o nome de Luiz Gonzaga Júnior, o Gonzaguinha.

Em 1948 casou-se com Helena das Neves. No ano seguinte com Humberto Teixeira mais uma composição de destaques, *Mangaratiba*, e em 1950, *Paraíba e Baião de dois*. Nessa época passou a compor somente com o estudante de medicina, José de Sousa Dantas Filho, o Zé Dantas, pois Humberto Teixeira, eleito deputado federal, deixou a parceria. Suas músicas se tornaram mais politizadas, denunciando a situação e o abandono do povo nordestino. Em 1950 lançaram, entre outras, *Cintura Fina* e a *Volta da Asa Branca*. Três anos mais tarde, *ABC do Sertão* e depois, *Algodão, Vozes da seca* e *Paulo Afonso*. Em 1953, participou do programa *no mundo do Baião* Nacional, ao lado de Paulo Roberto e Zé Dantas. *O Baião* viveu sua época de ouro até 1954 quando era enorme a popularidade do compositor, apelidado *Rei do Baião*. Com a ascensão da *bossa nova*, o *baião* caiu no esquecimento nos grandes centros urbanos. Afastado do cenário artístico, Luiz Gonzaga preferiu apresentar-se em cidades do interior, onde continuava muito popular, inclusive em Uberlândia.

Em 1962, com o falecimento de seu parceiro Zé Dantas, passou a compor com outros músicos, entre os quais, Hervé Cordovil e João Silva. Em 1965, Geraldo Vandré gravou *Asa Branca* e Gilberto Gil, iniciando sua carreira, citou-o como uma de suas principais influências. Na década de 1970, várias de suas músicas, como *Asa Branca*, foram incluídas em gravações como a de Caetano Veloso em 1971. No mesmo ano lançou o LP *O canto jovem de Luiz Gonzaga*, RCA com composições de Gilberto Gil, Caetano Veloso, Edu Lobo, Dorival Caymmi, Geraldo Vandré e outros. Em março de 1972, fez um show no teatro Tereza Raquel, no Rio de Janeiro: *O Luiz Gonzaga volta para curtir*. Em 1977, participou do show comemorativo *Trinta Anos de Baião*, realizado no teatro Municipal de São Paulo, com a presença de Carmélia Alves, Hervé Cordovil e Humberto Teixeira. Lançou em 1979, o LP *Eu e meu pai*, pela RCA em homenagem ao pai, falecido em 1978.

No início de década de 80, sua carreira ganhou novo impulso, graças principalmente a Gilberto Gil e Caetano Veloso. Em 1981, fez parceria com Gonzaguinha e, na turnê de divulgação de seu LP *A vida do Viajante*, retornou a carreira de sucesso e ganhou o apelido de Gonzagão, que usou até a sua morte. No mesmo ano, lançou o LP *A festa* no qual interpreta, ao lado de Milton Nascimento, com grande sucesso, *Luar do Sertão*. Em 1984, obteve o primeiro disco de ouro com LP *Danado de Bom* (maioria das músicas em parceria com João Silva). Apresentou-se pela primeira vez na Europa em 1982, no teatro Bobino de Paris, na França, a convite de Nazaré Pereira, cantora amazonense radicada em Paris. Em 1984 recebeu o primeiro prêmio Shell e dois anos depois, retornou a Paris, para fazer o show de encerramento de festival de música brasileira *Coleurs Brésil*.

Afastado das TVs e das rádios ainda na década de 80, continuava a apresentar-se em shows pelo interior do Brasil, cantando em quermesses, circos, cinema, feiras e fábricas. Em 1982, no show *Nordeste Urgente*, em Natal-RN, conheceu Alceu Valença, que participou em 1983, do seu disco *Luiz Gonzaga, 70 anos de sanfona e simpatia*. Em meados da década de 80, criou a fundação *Vovô Januário*, destinada a ajudar as mulheres de Exu. Luiz Gonzaga faleceu no dia 2 de agosto de 1989, aos 78 anos de idade.*⁵³

* A biografia de Luiz Gonzaga está apoiada em: *Enciclopédia da Música Brasileira: erudita, folclórica e popular*. MARCONDES, Marcos Antônio (org). Ricardo Ribenboim (apres.). 2 ed, São Paulo: Art. Editora, 1998, p. 341-344

Vozes da Seca

(Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira)

Tom: G

C D7 F G
Seu doutô os nordestino têm muita gratidão
F G F G
Pelo auxílio dos sulista nessa seca do sertão
G7
Mas doutô uma esmola a um homem qui é são
A7 D C
Ou lhe mata de vergonha ou vicia o cidadão
C D F G
É por isso que pidimo protecção a vosmicê
F G F G
Home pur nós esculido para as rédias do pudê
G7
Pois doutô dos vinte estado temos oito sem chovê
A7 G
Veja bem, quase a metade do Brasil tá sem cumê
C D F G
Dê serviço a nosso povo, encha os rio de barrage
F G F G
Dê cumida a preço bom, não esqueça a acudage
G7
Livre assim nós da ismola, que no fim dessa estiage
A7 D G
Lhe pagamo inté os juru sem gastar nossa corage
C D F G
Se o doutô fizer assim salva o povo do sertão
F G F G
Quando um dia a chuva vim, que riqueza pra nação!
G7
Nunca mais nós pensa em seca, vai dá tudo nesse chão
A7 D G
Como vê, nosso destino mecê tem na vossa mão

A Triste Partida

Palativa de Assaré

Meu Deus, meu Deus
Setembro passou
Outubro e Novembro
Ja tamo em Dezembro
Meu Deus, que é de nós,
Meu Deus, meu Deus
Assim fala o pobre
Do seco Nordeste
Com medo da peste
Da fome feroz
Ai, ai, ai, ai

Choradeira

A treze do mês
Ele fez experiência
Perdeu sua criança
Nas pedras de sal,
Meu Deus, meu Deus
Mas noutra esperança
Com gosto se agarra
Pensando na barra
Do alegre Natal
Ai, ai, ai, ai

Rompeu-se o Natal
Porem barra não veio
O sol bem vermeio
Nasceu muito além
Meu Deus, meu Deus
Na copa da mata
Buzina a cigarra
Ninguém vê a barra
Pois a barra não tem
Ai, ai, ai, ai

Sem chuva na terra
Descamba Janeiro.
Depois fevereiro
E o mesmo verão
Meu Deus, meu Deus
Entonce o nortista
Pensando consigo
Diz: "isso é castigo
não chove mais não"

Ai, ai, ai, ai
Apela pra Março
Que é o mês preferido
Do santo querido
Senhor São José
Meu Deus, meu Deus
Minha vida de chuva
Ta tudo sem jeito
Lhe foge do peito
O resto da fé
Ai, ai, ai, ai

Agora pensando
Ele segue outra tria
Chamando a familia
Começa a dizer
Meu Deus, meu Deus
Eu vendo meu burro
Meu jegue e o cavalo
Nós vamos a São Paulo
Viver ou morrer
Ai, ai, ai, ai

Nós vamos a São Paulo
Que a coisa tá feia
Por terras alheia
Nós vamos vagar
Meu Deus, meu Deus
Se o nosso destino
Não for tão mesquinho
Cá e pro mesmo cantinho
Nós torna a voltar
Ai, ai, ai, ai

E vende seu burro
Jumento e o cavalo
Inté mesmo o galo
Venderam também
Meu Deus, meu Deus
Pois logo aparece
Feliz fazendeiro
Por pouco dinheiro
Lhe compra o que tem
Ai, ai, ai, ai

Em um caminhão
Ele joga a familia
Chegou o triste dia
Já vai viajar
Meu Deus, meu Deus
A seca terrível
Que tudo devora
Lhe bota pra fora
Da terra natal
Ai, ai, ai, ai

O carro já corre
No topo da serra
Oiando pra terra
Seu berço, seu lar
Meu Deus, meu Deus
Aquele nortista
Partido de pena
De longe acena
Adeus meu lugar
Ai, ai, ai, ai

Tão triste, coitado
Falando saudoso
Com seu filho choroso
Exclama a dizer
Ai, ai, ai, ai

De pena e saudade
Papai sei que morro
Meu pobre cachorro
Quem dá de comer?
Meu Deus, meu Deus
Já outro pergunta
Mãezinha, e meu gado?
Com fome, sem trato
Mimi vai morrer
Ai, ai, ai, ai

E a linda pequena
Tremendo de medo
"Mamãe, meus brinquedo
Meu pé de fulô?"
Meu Deus, meu Deus
Meu pé de roseira
Coitado, ele seca
E minha boneca
Também lá ficou
Ai, ai, ai, ai

E assim vão deixando
Com choro e gemido
Do berço querido
Céu lindo azul
Meu Deus, meu Deus
O pai, pesaroso
Nos filho pensando
E o carro rodando
Na estrada do Sul
Ai, ai, ai, ai

Chegaram em São Paulo
Sem cobre quebrado
E o pobre acanhado
Procura um patrão
Meu Deus, meu Deus
Só vê cara estranha
De estranha gente
Tudo é diferente
Do caro torrão
Ai, ai, ai, ai

Trabalha dois ano.
Três ano e mais ano
E sempre nos prano
De um dia voltar
Meu Deus, meu Deus
Mas nunca ele pode

Só vive devendo
E assim vai sofrendo
É sofrer sem parar
Ai, ai, ai, ai

Se alguma noticia
Das banda do norte
Tem ele por sorte
O gosto de ouvir
Meu Deus, meu Deus
Lhe bate no peito
Saudade lhe molho
E as água nos óio
Começa a cair
Ai, ai, ai, ai

Do mundo afastado
Ali vive preso
Sofrendo desprezo
Devendo ao patrão
Meu Deus, meu Deus
O tempo rolando
Vai dia e vem dia
E aquela familia
Não vorta mais não
Ai, ai, ai, ai

Distante da terra
Tão seca mas boa
Exposta à garoa
A lama e o pau
Meu Deus, meu Deus
Faz pena o nortista
Tão forte, tão bravo
Viver como escravo
No Norte e no Sul
Ai, ai, ai, ai

Humberto Teixeira; Luiz Gonzaga : Asa branca

Letra e música: Humberto Teixeira; Luiz Gonzaga

José Roberto Molina

(nordeste, Brasil)

Quando oei a terra ardendo
Quá foguera de São João
{ Eu perguntei(ei) a Deus do céu, ai
Pru que tamanha judiação?}[bis]

Qui brazero, qui fornaia
Nem um pé de prantação
{ Por farta d'água perdi meu gado
Morreu de sede meu alazão}[bis]

Inté mesmo asa branca
Bateu asa do sertão
{ Entonce eu disse adeus Rosinha
Guarda contigo meu coração}[bis]

Hoje longe muitas légua
Numa triste solidão
{ Espero a chuva cai de novo
Prá mim vortá pró meu sertão}[bis]

Quando o verde dos teus oios
Se espaia na prantação
{ Eu te asseguro, num chore não, viu,
Que eu vortarei, viu, meu coração.}[bis]